

SANTOS LEMOS

série: "CRIMES QUE ABALARAM CAXIAS"

# OS DANOS DA CIDADE



RESULTADO  
DO  
BICHO

14963
14644
3468
7703
004
56



SILVAN CANUTO LEMOS

Com a publicação de «Negro Sabará» — segundo volume da série «Os Crimes que Abalaram Caxias» — Silbert dos Santos Lemos, delegado de Polícia e membro da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes, mas, sobretudo, ainda o jornalista-repórter de ontem e de sempre, cumpre uma promessa. E nós, por insistência dele, aqui estamos com a incumbência de prefiar esta sua segunda obra.

Por diversas vezes temos afirmado que os prefácios em geral, e infelizmente, têm por objetivo somente apresentar os autores, exaltando-lhes o mérito e comentando-lhes a personalidade. Vamos, assim, à medida do possível, fugir a isso e falar do livro e não do autor, muito embora concordemos «in totum» com Lago Burnett, pois, em verdade, não há maneira mais adequada de penetrarmos no pensamento de um escritor e compreender-lhe a obra do que conhecer sua vida, sua época e os fenômenos que condicionaram o seu comportamento como escritor.

«Negro Sabará», trabalho bem melhor que «Crime no 311», o primeiro livro de Santos Lemos, é a confirmação plena desta verdade. O autor, limitando-se a narrar fatos e vivências de uma época da qual foi testemunha, revela sua condição de espectador e todos os condicionamentos sócio-políticos que marcaram de modo indelével o primeiro e triste período da história de Duque de Caxias, quando a cidade-berço de Lima e Silva era, por excelência, o reduto migratório de nortistas e nordestinos que vinham para a então vizinha capital federal e faziam da ainda selvagem região o seu dormitório.

## SILBERT DOS SANTOS LEMOS

Membro fundador da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes, da Seção Municipal de Duque de Caxias, da União Brasileira de Trovadores (U.B.T.) e da Sociedade de Cultura Artística, do mesmo município.

## OS DONOS DA CIDADE

(Terceiro volume da série «Crimes que Abalaram Caxias»)

JUNHO DE 1980

Obras do mesmo autor já publicadas  
«Sangue no 311» (esgotada) 1967  
«O Negro Sabará», 1977

No prelo:  
«Cinzas do Tempo»  
«Através da Amazônia»

Capa de Silvan Canuto Lemos  
Contra Capa de Rodolfo Arldt  
Fotos de Sebastião Sabino  
Clichês de «O Municipal»

Todos de Duque de Caxias

Composto e impresso na Gráfica Editora Corcovado Ltda. - R. Nilo Vieira, 65 Tel. 771-1366

UMA EDIÇÃO DE «CAXIAS RECORTES»

## OS DONOS DA CIDADE

ASSALTARAM O PONTO DE "JOGO DE BICHO" E O "REI DOS BICHEIROS" DE CAXIAS GRATIFICOU REGIAMENTE POR CADA MALANDRO MORTO. MAS O NEGRO SABARÁ SABIA COMO ENFRENTÁ-LO.



Tenório Cavalcanti, um dos «Donos da Cidade»

OS DONOS DA CIDADE

«Joãozinho da Gomes», outro «dono da Cidade» já falecido.



Aos amigos certos das horas incertas: (pela ordem alfabética)

Dr. Antonio Motta, Policial e Advogado  
Antônio Soares, Comerciante  
Dr. Ataliba de Abreu Neto, Advogado  
Carlos Augusto Canuto, negociante por conta própria  
Carlos Ramos, poeta e jornalista  
Cinéia Canuto Lemos, professora e jornalista  
"Conterrâneo, que prefere ficar no anonimato  
Dr. Danilo Domingues de Carvalho, promotor público  
Dr. Darcy Barreto, Advogado  
Dra. Dina Guerra, Advogada e Jornalista  
Eloy Mineiro e família, bancário  
Dr. Felipe da Rocha, advogado  
Fernando Altaro Gomes e família, Oficial de Justiça  
Dr. Francisco Quixaba Sobrinho, advogado  
Flóber Barbosa dos Santos, securitário  
Dr. Hydekkel de Freitas Lima, Deputado Federal  
Izabel , empregada doméstica  
Dr. Jacques Malamud, advogado  
Jesualdo Gomes de Oliveira, policial  
Jésus Moreira, Motorista de Praça  
Jorge dos Santos Lyrio e família, policial  
Dr. José do Nascimento Câmara, advogado  
Dr. José Peixoto Filho, Advogado e Deputado Federal  
Dr. Júlio de Moura Magalhães, advogado e jornalista  
Kátia Pereira Moreira, e família, Prendas do Lar  
Dr. Lauro da Silva Melo e família, Cirurgião Dentista  
Paulo Ferreira e família, auxiliar de Oficial de Justiça  
Dr. Paulo Neiva e família, médico neurologista  
Pedro Balduino Lacerda, policial  
Sebastião Moreira de Freitas, policial  
Silbert Canuto Lemos, Estudante  
Silmar Canuto Lemos, agente da Polícia Federal  
Silvan Canuto Lemos, pintor de quadros  
Silvenir Canuto Lemos, Estudante  
Dr. Silvio Lugon, Delegado  
Dr. Waldir de Sousa Medeiros, advogado.

— oooOooo —

... e ainda bem que os "amigos incertos" das horas certas são em número bem inferior...



O então vereador Antonio Carlos Sá Rego, um dos poucos que compreendia Sabará



Tabelião Fausto Simões Vieira e sua esposa D. Odete Callado Vieira



## PREFÁCIO

"Donos da Cidade", de Santos Lemos, é mais um livro a enriquecer a sua já importante série que enfoca, com fidelidade, uma fase da história do município de Duque de Caxias, fase da qual não nos orgulhamos mas que, lamentavelmente, não podemos negar.

Escrito com vigor e realismo não deixa porém de mostrar, aqui e ali, fortes doses de humanismo que dão ao seu trabalho melhor e maior relevo.

A tarefa do autor não se limitou, porém, ao simples escrever. Pela sua ânsia de perfeição foi mais além, pois "fotografou", radiografou o passado quando, não se contentando com a superficialidade, penetrou através dos fatos, buscando detalhes, explicações e causas.

Esperamos nós, os seus leitores, que ele continue produzindo. Esperamos todos nós, os seus admiradores duquecaxienses, que breve, muito breve, volte ele a escrever, a "fotografar", a «radiografar» a nossa gente e a nossa terra.

Esperamos, inclusive, que também focalize, com o mesmo vigor e realismo, não o Ontem que nos envergonha, mas o Hoje que nos envaidesse.

Prossiga Santos Lemos. Prossiga, demonstrando e confirmando a sua sensibilidade e o seu talento.

RICARDO AUGUSTO DE AZEREDO VIANNA

Médico e membro da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes



Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabarã», o único de cor escura, numa mesa do bar, entre amigos, alguns deles já falecidos.

## ARTES EM TODAS AS DIMENSÕES

ALDA PEREIRA PINTO

SABARA

Por incrível que pareça só hoje nos chegou as mãos o livro «Sabará» do escritor Santos Lemos, enviado em 20 de junho de 1977. Talvez o atraso da entrega deva-se ao fato do autor se haver enganado escrevendo a Alba Pereira Pinto em vez de a Alda Pereira Pinto.

Através do «O MUNICIPAL» agradecemos a gentileza de Santos Lemos nos enviando um relicário de coisas tristes, mas reais, e que muito nos serviu para burilar ainda mais a nossa vivência neste mundo que ninguém acertou em como burilar.

O livro de Santos Lemos visa o outro lado da vida; de um assunto encharcado em cicuta, impregnado de ódios, alagado de vinganças, mais amargo que giló verde, mas que nos prende a atenção da primeira à última página.

Santos Lemos sente grande piedade por Ismael Gonçalves da Silva, vulgo Sabará, um marginal perigoso a quem o ilustre escritor aperta a mão ao final da história (digo história e não estória porque o caso é verídico). Caxias do tempo do bang-bang é o palco dessa tragédia que se vem repetindo em todos os pontos do Brasil (fora do Brasil não nos interessa) onde a marginalização cresce assustadoramente como em desafio tremendo à paciência de uma sociedade salva por acreditar em Deus.

Daqui do nosso confortosinho razoável, perguntamos ao prezado confrade Santos Lemos: Seria o negro Sabará digno de tanta piedade?

Sabará tinha pai honesto, coveiro do cemitério da cidade; tinha irmão sensato e trabalhador; mãe digna e irmã decente. Sendo assim não

podemos passar a mão pela carapinha do fora da lei, dizendo ser o mesmo, o infeliz fruto de um ambiente perdido, como fazem muitas senhoras boazinhas, e que nunca experimentaram o sabor do assalto na qualidade de vítima.

O negro Sabará era mesmo um cabra da peste. Não podemos deixar de censurar certas maldades que fazem com os presos nas delegacias, mormente quando o preso está guardado por engano. Mas Sabará teve piedade da Rosa que o amava tanto? Sentia pena das pessoas a quem assaltava? Quanto às perseguições aos negros por parte dos adeptos do delegado, como poderia Sabará incriminá-lo, se o próprio era o primeiro a repudiar as mulheres da cor, só se sentindo realizado com as brancas? O que no livro dá valor ao personagem principal, é a sua capacidade de sofrimento físico. Assim mesmo, o homem temendo morrer denunciou companheiros. E a ogerisa de Sabará pelo trabalho? Mas não nos vamos deter discutido o personagem. O livro no seu cômputo geral é muito bom. O estilo lembra Jorge Amado sem que o autor de Sabará copie o autor de «Tereza Batista Cansada de Guerra». Jorge Amado enfrenta a desgraça de suas prima-donas com graças e filosofia. Já Santos Lemos é objetivo, não brinca em serviço, é durão. O homem de Caxias do Rio de Janeiro é homem macho sim sinhô. E os que vem de fora, como o caso de Sabará, aclimatam-se à terra e viram bicho se este os ataca.

No Brasil, os crimes abalam as cidades maiores como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, especialmente as que recebem flagelados do Norte e Nordeste, ávidos por enriquecer esperanzosos de encontrar em tais cidades os adres de Ali-Bá-Bá. Que Santos Lemos venha ao Rio, vá a São Paulo e inspirado nos crimes que aqui e lá se sucedem, escreva uma série de romances tipo Agatha Cristie e nós estaremos aqui para aplaudí-lo.

## APRESENTAÇÃO

E eis aí o terceiro volume da série «Crimes que Abalaram Caxias».

E a proporção que as edições vão saindo, as reações da opinião pública aumentam e se alteram.

O primeiro volume «Sangue no 311» demorou alguns anos para que provocasse algum efeito e muito comentário. Hoje, mais do que nunca, o livro é procurado e a denúncia dos cadáveres dos presos jogados no poço situado nos fundos da Delegacia de Polícia de Caxias, o famigerado 311 da Avenida Plínio Casado, passou a assustar gregos e troianos. Quem tem culpa no cartório passou a temer pela própria pele.

Já a reação em torno do «Negro Sabará» foi mais imediata. Sou cumprimentado pelas ruas, crônicas publicadas em jornais e revistas, badalação até para um provável filme.

Mas a que preço! Tudo começou quando tive a infeliz ou feliz idéia de procurar uma editora. Andei de Seca e Meca, principalmente no Rio, com algumas tentativas em São Paulo, todas infrutíferas. Um editor foi mais franco: só tradução, principalmente do inglês. E eu, pelas experiências de minhas andanças, aprendi que se eu fosse famoso como escritor, ou como alguém de manchetes de jornais, encontraria um editor com muita facilidade. Qual é a editora que não disputa um Jorge Amado, ou que não lançaria um livro de Jorge Ben ou Pelé?

E quem arrisca alguns milhares de cruzeiros pelo Santos Lemos? Ninguém. Pelo menos no Brasil. . . .

Cansado de bater de porta em porta das grandes casas, passei a procurar as editoras de livro de bolso. A Cedibra recebeu-me muito bem. Leu o texto e ao devolvê-lo, aconselhou:

— Escreva uma novela policial ou de bang-bang, que o senhor leva jeito. Mas tem que ter o número limitado não só de páginas, como até

de parágrafos. Não pode usar o seu próprio nome, e sim um pseudônimo norte-americano. E pagamos de oitocentos a um mil e quinhentos cruzeiros por cada trabalho. Com a perda total dos direitos autorais!

Já na Monterey, o «cara» de lá foi até estúpido. Numa sala, em cujas paredes via-se seu retrato com fundo de paisagens estrangeiras, comprovando as suas andanças pelo mundo e a sua visível vaidade, o editor nacional só queria saber de escritores espanhóis. E pagava quatrocentos cruzeiros por cada livro traduzido para o português. E tamos conversados...

O repúdio ao trabalho nacional revoltou-me tanto que escrevi um longo artigo a respeito em «A Voz dos Municípios Fluminenses» que foi lido pelo Deputado Federal Dr. José Peixoto Filho, em Brasília, onde ficou registrado nos anais da Câmara. Mas não passou disto. Nenhuma providência foi tomada contra os chacais da literatura brasileira.

Resolvi editar o «Negro Sabará» por conta própria, já que o Prof. Souza Lima, da Editora Reper, preferiu mudar de profissão. A de editor de obras nacionais não rendia muito. . .

E comecei a minha «via crucis». Depois de muito andar, encontrei um velho companheiro de reportagens, o Augusto, que tinha uma oficina gráfica em São João de Meriti. Fiz um empréstimo pelo Estado, do qual sou funcionário, comprei o chumbo e... mãos à obra. E toca a fazer revisão, acompanhar a paginação e etc. Que alegria. Finalmente!

Foi quando Augusto brigou com o sócio. E teve que entregar a oficina e mais o que nela houvesse. E mais do que depressa, estacionei na porta o meu Corcel Belina, e devidamente encaixotado, transportei mais de duzentos quilos de chumbo composto para uma outra oficina, agora em Nova Friburgo.

Lá esperei durante meses que o proprietário da gráfica cumprisse com a palavra empenhada. E ele nem sequer mexeu nos caixotes. . .

Tirei tudo de lá e novamente no Corcel Belina levei tudo para Macaé, pois, em Casimiro de Abreu, eu era o Delegado. Assim, poderia acompanhar a ação das linotipos. Qual o que! Novamente, deparei com um que não queria nada com o trabalho, nem eu comprando as peças que faltavam para a sua oficina, e bobinas de papel. Ele usou as peças e o papel, mas foi para outros serviços. . .

Com muito custo, reavi tudo que era meu, e novamente, no inseparável Corcel Belina, voltei para a Baixada Fluminense, onde em Nova Iguaçu, numa oficina de jornal, pude rodar o «Negro Sabará». Mas. . . coisa horrível! Usaram material de baixa qualidade ou terrível má vontade, apesar de eu estar pagando um bom dinheiro pela impressão. O papel era transparente e a composição misturava-se com a do outro lado, dificultando ou impossibilitando a leitura.

Assim tenho na minha casa, dezenas de exemplares imprestáveis.

Mas o resto, numa edição de três mil exemplares, saiu bem. Vendi livro como quem vende água no Ceará. Primeiro coloquei nas livrarias e bancas de jornais da Baixada Fluminense e do Rio. Mandeí alguns exemplares para Estados distantes, que nunca prestaram conta e fica muito longe para eu ir lá cobrar.

Aprendi mais uma vergonha. As papelarias e livrarias só vendem o que as professoras indicam, ou melhor, obrigam os alunos a comprar. Fora disto, nenhum outro autor é contemplado.

E tome Zé de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Machado ou outras velharias. Nenhunzinho de Antonio Calado, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Fernando Sabino etc. Quanto mais de Santos Lemos, José Monteiro ou Laís Costa Velho . . .

E fui então para as ruas, com um monte de «Negro Sabará», de baixo do braço. Primeiro, encarreguei disto os meus dois filhos mais velhos, Silmar e Betinho, menos conhecido como Silbert, seu primeiro e verdadeiro nome. Os dois visitaram conhecidos em residências e escritórios. E venderam bem, muito bem. Para estimulá-los, dei-lhes quarenta por cento. De dia eles vendiam, recebiam a comissão e à noite gastavam às pampas.

Coitado do Ismael Rodrigues da Silva, o meu amigo Sabará! Nunca pensou que a história de sua vida fosse fornecer subsídios para tanta farrapa de rapaz solteiro. . . . Mas aposto que lá em sua catacumba, ele está aplaudindo. Boêmio como sempre foi..

Esgotado o círculo de conhecimento dos dois rapazes, fui eu para às ruas. Plantei-me na porta da Prefeitura, ou melhor no botiquim do lado, e aí de quem me desce um «bom dia». Enfiava-lhe um livro a dentro, na maior cara de pau do mundo. Alguns pediam fiado, e nestas condições, poucos pagaram. Mas a maioria pagou na hora e eu pude recuperar o meu rico dinheiro, sem dever a ninguém. Principalmente a editor que só se interessa por autor estrangeiro e nacional só usando pseudônimo e com a perda dos direitos autorais.

Um orgulho eu tenho: provoquei que muitas pessoas lessem, pelo menos, um livro na vida. E que muitos lares que só tinham «gibi» passaram a ostentar um livro nas prateleiras, e até mesmo em guarda-comida!

Os jornais que publicavam o meu nome em meio à ocorrência policial, usaram-no também em crônica literária. Não mais o «Delegado Santos Lemos» e sim o «escritor Santos Lemos». E quando alguém apresenta-me a um desconhecido, diz:

« — Aqui, o escritor Santos Lemos»

E o apresentado:

« — Ah, sim, já conheço de nome! Não é o autor do «Sangue no Apartamento 311» e do «Sabará Negro»?

E eu, apesar dos erros, babo-me de contentamento. . .

Bem, aí está o terceiro volume de «Crimes que Abalaram Caxias», isto é, «Os donos da Cidade». O título original era "Matem este Crioulo" ou «Atirem para Matar». Mas o meu filho Silbert, mais conhecido como «Betinho», disse que parecia título de filme de Bang-bang espaguetei. Dei-lhe, mais uma vez, razão. E ele mesmo escolheu «Os Donos da Cidade», que aí está para o público. Eu só espero não ter que voltar para a porta da Prefeitura . . .

## INTRODUÇÃO

Foi quando o Nego Sabará entrou em cana. Entrou de boqueira: ninguém acreditou que ele fizesse tamanha asneira: foi assaltar com um «pé frio» no bairro da Paulicéia, onde era mais conhecido do que níquel de tostão. Assaltou, foi reconhecido e preso num lupanar. Só ele, a companheira não, e nem a vítima apareceu para o auto de reconhecimento e prestar depoimento no flagrante, razão pela qual o negro não foi autuado pelo artigo 157. Em compensação, para não perderem a oportunidade, deram-lhe uma por vadiagem.

O propósito dos policiais era outro: esfriá-lo logo, como fizeram com tantos outros. Seria mais cartaz para o Delegado Abdala Abrahão, mais votos nas próximas eleições, quando se candidatasse a Deputado Estadual.

Todavia, os escrivães Pedro Balduino Lacerda e José Fernandes (este último mais conhecido como Zé Carioca) evitaram a morte certa do crioulo, usando um argumento forte: «Cuidado com o repórter Santos Lemos que ele está por perto e atento».

Assim, Sabará escapou com vida. Foi autuado em flagrante por vadiagem e voltou para o xadrez do prédio 311 da Avenida Plínio Casado. Do pessoal realmente barra pesada, ele era o único sobrevivente. Todos os outros morreram, só o negro Sabará escapou. Por que seria?

E o cartório da Delegacia movimentou-se. Desentocaram todos os inquéritos engavetados contra Ismael Rodrigues da Silva. E encontraram um, de agressão, quase terminado, só faltando o relatório do Dr. Delegado e o Boletim Individual do acusado. O Escrivão Pedro Balduino preparou-o em tempo recorde e remeteu-o imediatamente a juízo. E pessoalmente, explicou ao Dr. Juiz a periculosidade do negro Sabará, que anunciou que iria condená-lo.

E foi realmente o que aconteceu.



## CAPÍTULO I

### DOIS ANOS DE PENITENCIÁRIA

Um carro de praça desenvolvia boa velocidade pela Avenida Brasil, na então Capital da República, rumo à Praça Quinze de Novembro, vindo do município fluminense de Duque de Caxias. Em seu interior viajavam cinco homens: no banco da frente, o motorista e, a seu lado, um Comissário de Polícia; no banco trazeiro dois investigadores e, no meio deles, Ismael Rodrigues da Silva, o famoso Sabará.

Sabará, um negrão de um metro e setenta e seis de altura, carpinha cerrada, lábios grossos, mãos e pés enormes, usava chinelos, calça surrada e um blusão. Os punhos estavam algemados. Ia em silêncio como um índio, enquanto os policiais falavam sem cessar, esquecidos da presença do preso, pois sabiam que ele não tentaria fugir, ladeado por dois deles e com o carro em bom movimento.

Alcançaram a Praça Quinze e embarcaram com carro e tudo numa barcaça velha rumo ao Presídio de Niterói, Capital do Estado do Rio de Janeiro, onde presos de toda a Velha Província aguardavam ou cumpriam penas. Sabará seria mais um, autuado que fora em flagrante por vadiagem, pela Delegacia de Polícia de Duque de Caxias, nos idos de 1955, além da pena por agressão. Não que fosse costume atuar alguém por vadiagem, mas era que a Polícia não lograra provas contra Ismael Rodrigues da Silva, outor de tantos assaltos e furtos, além do tráfico de maconha. Nunca o conseguiram prender em flagrante. O jeito foi autuá-lo por vadiagem e disto ele gostou, pois sabia que a Polícia não perderia tempo: à ordem era matar todos os marginais da terra de Lima e Silva. Só ele, o ne-

gro Sabará, sobreviveria; e nem ele mesmo sabia como. E finalmente chegara a seu destino, onde cumpriria pena também por agressão num total de dois anos.

A Penitenciária de Niterói era e ainda é um prédio velho, comido, como quase todos os imóveis públicos do Estado do Rio. As reformas realizavam-se por conta dos titulares, pois o Governo nada ou quase nada fazia.

E foi para lá que Sabará foi ainda no mês de agosto de 1955. Entrou descabrido e mais desconfiado ainda quando seus companheiros contaram que um tal de Coelho, mau como cobra venenosa, adorava espancar os presos.

Sabará olhou os muros altos que contornavam o que seria a sua residência por dois anos. Ouviu as explicações dos regulamentos do Presídio, gravou bem as advertências do Diretor, que falou bem claro:

— Andem direito que tudo correrá bem. Caso contrário, o pau vai cantar na casa de Nôca. Nada de maconha, brigas ou pederastia. E caso alguém não saiba o que é isto, depois eu digo. Se eu pegar alguém em erro, mando dar «piaba» em quem errou. Entederam?

Todos compreenderam, inclusive Sabará, que viu logo que não podia se comportar como era seu hábito em Caxias. O negócio ali era controlar os guardas, fazer amizades, angariar simpatia. Para tanto, contava com a sua maestria em jogar futebol. Qual é o brasileiro que não gosta de bola, que não vibra com uma boa jogada, como só ele, Sabará, sabia fazer?

E foi logo se amoitando, fazendo a política da boa vizinhança, solidificando velhas amizades, fazendo novas, entre presos e funcionários do Presídio. Encontrou ali, dentre outros, Feinho, Aristaco, Malaquias, Cocute, Russo e Mundinho. Até um vereador ali estava, aguardando julgamento por crime de morte. Este era um eterno insatisfeito, não se conformava com a sua prisão e nem com a promiscuidade, em meio a malandros, ladrões e maconheiros. Reclamava da comida, do tratamento dos guardas, da vizinhança. Gastava de se sentar no centro do campo de futebol para apanhar sol, e Sabará com os companheiros queriam jogar bola. O edil levantava-se resmungando, exigindo respeito e melhor tratamento, enquanto caminhavam contra a sua vontade, para a sombra.

Sabará em pouco tempo conseguiu a amizade de todos, até do Diretor Salide Nello, um ex-policia. Sempre foi assim rude mas simpático, respeitador, o que lhe valeu por toda a sua turbulenta vida.

Dentre os funcionários da Penitenciária, um deles, mais seu amigo ficou. Tratava-se de Sinésio, investigador que queria levá-lo, depois de cumprida a pena, para jogar futebol em time de clube que ele era presidente ou diretor. Achava que o crioulo de amador podia chegar ao profissionalismo, pois o preto era bom de bola mesmo. E perdia horas com Sabará, trocando idéias, discutindo os novos craques que surgiam, fazendo o convite. O crioulo sorria satisfeito, prometia, depois desculpava-se, não podia abandonar a sua Caxias, amava aquela terra, de água de poço e ruas esburacadas. Morria de saudades de suas brancas que faziam vida nos «rendez-vous», do cigarrinho de maconha, dos bate-papos na Paulicéia.

De todos os seus companheiros mais falta sentia de Fiô, o bom filósofo Fiô, que profetizou a matança dos negros e a ambição do Delegado e do alcaquete Armando de Belo França. Ambos ambicionavam cargos políticos e faziam a sua propaganda a custa dos cadáveres dos negros.

Como estaria Caxias? Ainda seria a terra do crime, do Homem da Capa Preta, de negros amanhecendo com formiga na boca? Lembrava-se do repórter Santos Lemos, com quem conversara durante uma longa hora na Delegacia de Duque de Caxias. Com o jornalista aprendera muita coisa e, com ele, o repórter assimilara um outro aspecto da vida do Estado do Rio. Realizaram uma simbiose, um mútuo esforço de compreenderem os dias em que viviam, a terra em que pisavam. Sabará tinha decoberto que nem todos os brancos eram inimigos dos pretos. Santos Lemos apurou que nem todos os marginais eram desprovidos de sentimentos e honradez. Chegou à estarecedora conclusão que há bandidos honrados, com mais honra do que os chamados brancos honestos.

Sabará sentia falta de Caxias cada dia que passava. E olhava na folhinha quantos meses ainda faltavam para sair dali. Esmerava-se em se comportar bem, cumprir todos os regulamentos, nunca brigando nem procurando converter outros presos em suas amantes.

E passou-se um ano sem que sofresse uma só punição. Fazia ouvidos de mouco aos planos de fuga de seus companheiros. Não os alcaquetava mas, também, não compartilhava de seus projetos. Ouvia contar como Mundinho e Davi fugiram matando um guarda. E o que adiantou? O primeiro foi recapturado e sofreu o diabo, era pau todo o dia.

Alguns presos, de bom comportamento, conseguiam autorização para sair todos os dias para trabalhar. Voltavam de tardinha, quando então eram minuciosamente revistados, em busca de armas ou de maconha. E iam dormir nas celas, para retornarem ao trabalho externo, com ordenado e tudo, no dia seguinte. Malaquias e Daguia gozavam deste privilégio. Mas muitos apenas se comportavam bem para angariar confiança e quando iam trabalhar, nunca mais voltavam. Botavam os pés no mundo.

Quando recapturados, sofriam horrores, pior do que na Delegacia de Caxias. Muitos ficavam tuberculosos de tanto apanhar e morriam ali mesmo. Quando as famílias sabiam, já era tarde. Chegavam, às vezes, até depois do enterro. O mau comportamento, como brigas, atravessar diamba ou violentar alguém, era punição com pancadas e «solitária» a pão e água.

Enfermaria era balela, era para inglês ver. Pois se não havia verba para a aquisição de medicamentos, como curar os doentes . . . Mas mesmo assim era preferível ficar de papo pro ar, ouvindo rádio e batendo papo com os enfermeiros, que também nada tinham que fazer, a ficar nos cubículos, sob a rigorosa vigilância dos guardas.

Dois anos se passaram. E no dia 5 de agosto de 1957 Ismael Rodrigues da Silva, vulgo Sabará, recebeu o seu Alvará de Soltura, assinado pelo Juiz Hélio Albernaz Alves, da Comarca de Duque de Caxias.

## CAPÍTULO II

### PROCURA-SE UM ZUMBI PARA CAXIAS

Doido de saudades, o negro voltou o mais depressa possível para Caxias. E ali chegando, procurou seus velhos companheiros. Muitos já estavam mortos, pois a profilaxia da cidade a ferro e a fogo, prosseguia, com preto amanhecendo entre quatro velas, cigarro de maconha no bolso, uma «peixeira» enferrujada ao lado da mão direita.

Era o cartão de visita, carteira de identidade, do «alcagete» Armando de Belo França.

«Sabará» entrou num buteco com um amigo, pediu uma cachaça e dinheiro. Saiu fumando uma erva, de braço dado com uma branca. E foi para o Hotel Astória trocar de óleo. Saiu outro homem, satisfeito com fumaça na cuca. E foi procurar o sábio 'Fiô'. Encontrou-o muito bem estabelecido, com uma avenida de casas, rendendo aluguel, seu comércio estendia-se até por São João de Meriti e pela Lapa, no Distrito Federal. Ainda com Geralda, mulata de pele de cetim, prostituta honrada, de classe, que nunca traía o seu companheiro «Fiô». Só dormia com outros homens por dinheiro, nunca por amor.

O «vaposeiro» recebeu-o de braços abertos. Seu «correio» já o tinha prevenido que «Sabará» estava de volta, e aguardava, ansioso, sua ida à sua casa, pois tinha a certeza de que o crioulo, iria procurá-lo. Era assim que todos faziam quando recebiam o Alvará de Soltura. «Fiô» jamais roubava. Nunca bulira em coisa alhêia. Contentava-se em atravessar sua diamba, e com o produto das vendas e mais com que rendesse os mixes de Geralda, construía meia-águas, convertendo-se em aluguel. E com isto ia vivendo, forrado.

Geralda trouxe uma boa cachaça, encheu o copinho do negro, que já narrava seus dois anos na Penitenciária. Narrou as fugas ou tentativas de seus companheiros, amigos também do dono da casa e de sua companheira. Contou suas desditas, as saudades dos colegas e de sua adorada Caxias. «Fiô», por sua vez, não se fez de rogado, colocou «Sabará» em dia, deu a relação dos mortos, todos pretos, todos pobres, todos ladrões de pé no chão. E deu, também, os novos bicheiros, os novos donos de ferro-velho, os novos exploradores de lenocídio. E os novos alcaguetes também.

E os políticos? Tudo a mesma coisa, só cuidavam deles mesmo, a cidade que se danasse. Não havia água, o Posto de Saúde era para inglês ver, hospital só o H.G.V. Policiais e comerciantes se enriquecendo, os pobres mais pobres andam.

E os negros enchiam os xadreses e o cemitério do Corte Oito.

Era um fenômeno interessante: nem por isto o índice de criminalidade diminuía e nem a população deixava de crescer. Bem pelo contrário, Caxias alargava-se, espraiava-se pelos sete morros que a cercavam, multiplicando os barracos na Favela do Mangue, nos bairros do Centenário, Copacabana, Gramacho e adjacências. Diariamente, cominhões e ônibus descarregavam dezenas de nortistas e nordestinos, que fugiam da seca, das doenças, da fome, atraídos, como mariposas pelas luzes, pela Caxias, tão mal afamada. Mas era uma cidade aberta, de pouca ou nenhuma fiscalização, onde tudo era fácil e nada faltava.

Os «paus de arara» chegavam aos borbotões, certos de que se Tenório Cavalcanti ali enricara e se tornara poderoso, eles também podiam ficar. Quando nada, contavam com a proteção do conterrâneo, cuja fama, estendia-se por todo o Brasil, já há muito alcançara Palmeira dos Índios, nas distantes Alagoas, saíra até do Brasil. Sua fama ganhara mundo, estava no estrangeiro, a morte de Bareco e de Imparato para isto, muito contribuiria.

«Fiô» tudo isto a «Sabará» explicava, com sua linguagem correta, mas cheio de gíria, mesclada de termos regionais, de figuras retóricas, assemelhadas em muitos anos de malandragem. Volta e meia, Geralda enchia os copinhos de ambos.

— E os negros, vão ficar morrendo a vida toda? A polícia não vai cansar de matar?

«Fiô» coçou a carapinha cheia de vaselina, entornou a cachaça, limpou os lábios.

— Só quando chegaram as eleições, «Sabará». O pleito vai ser a nossa salvação, ou então a mudança de Delegado.

— São Bento! O que tem uma coisa com a outra?

— Tem e muita. O Delegado Abdala Abraão e seu alcaguete Armando de Belo França devem estar ambicionando cargos políticos. O Delegado, naturalmente a Prefeitura ou uma Deputação Estadual. Armando, um lugar de Vereador. Querem nome nas famílias de Caxias e nos jornais. O tal repórter Santos Lemos muito tem contribuído para isto.

— Eu conheci ele, não é mau sujeito não. . .

«Fiô» espantou-se:

— Conheceu Santos Lemos? Onde, na Penitenciária? Não é possível!

«Sabará» riu:

— Não, conheci no dia em fui preso no campo do Alvaceão, no Copacabana. Ele me entrevistou, bateu um papo comigo durante uma hora. Eu aprendi muita coisa com ele e ele aprendeu muito comigo. Ficamos amigos.

— «Sabará» eu não quero desiludi-lo, mas Santos Lemos não é amigo de ninguém. Nem da mãe dele. Algo há no espírito daquele rapaz, algo de ruim. Tem ódio no coração, gosta de fazer mal ao seu semelhante. É um cego que não quer enxergar. Enche com suas reportagens e seus depoimentos, de negros, os hospitais, os xadreses e até os cemitérios, quando deveria com a sua nobre profissão melhorar as condições humanas dos menos favorecidos pela sorte, influenciando, com reportagens e artigos nos jornais em que trabalha, os homens do Governo a nos dar melhor condição humana. Mas não. Ele silencia os crimes da polícia, é mais assassino do que mesmo o Armando de Belo França.

— Que é isto, «Fiô»? O moço é bom sujeito, nem deixou Armando me dar um pau. Eu gosto dele. . . .

— Faço votos que você não sofra uma decepção, mas aposto como ele ainda vai contribuir para te botar no xadrez. Vai ver só?

— Que nada. . . .

Geralda ouvia tudo calada. Tinha por hábito nunca intervir nos assuntos de seu companheiro. Conhecia também Santos Lemos e possuía só para si uma opinião a respeito do repórter. Lembrava-se ainda daquele «caixa d'óculos», baixinho, sempre cheirando a bebida, que não deixara que raspassem a sua cabeça, mas incentivou que fosse autuada por vadiagem.

E o flagrante lhe valeu dias no xadrez, em meio a mais de vinte. Poderia ter pedido para soltá-la, como era costume, em troca de uma noite de amor ou por dinheiro. Dormir com ele sem pagar não seria traição a «Fiô», não deixaria de ser uma forma de pagamento do Mixe. Mas não, Santos Lemos não permitiu violência, mas que se cumprisse a lei, e ela foi autuada em flagrante por vadiagem. Era um homem bom e ruim, ao mesmo tempo. Um enigma.

«Fiô» voltou ao assunto das repetidas mortes de negros. E perguntou a «Sabará» se conhecia a história do Zumbi dos Palmares.

— Eu, não. Quem é este cara?

— Zumbi era um negro africano, escravo dos brancos, no tempo do século XVII. Ele e muitos outros fugiram e em cima de um morro fundaram uma cidade em Pernambuco e em Alagoas, de nome Palmares. E se libertaram, queriam viver suas vidinhas, livres, trabalhando para eles mesmos. Brancos para lá, negros para cá. E sabe de uma coisa? Não roubavam a si próprio, nem matavam eles mesmos. Tudo era bom, um verdadeiro paraíso.

— E em que deu? — perguntou «Sabará» desconfiado.

— Deu que os brancos não se contiveram, era folga demais dos negros, viverem as vidinhas deles. Precisavam dos crioulos para a lavou-

ra, escravos que eram. E mandaram um coronel Domingos Jorge Velho que dizimou os quilombos, matando todos os negros que resistiram. O resto voltou para a escravidão.

— E o tal de Zumbi?

— Suicidou-se, atirando-se do precipício perto de sua cabana.

— Coitado, preferiu morrer do que voltar a ser capacho de branco. Tava certo. Eu — se não desse jeito de me defender, matando branco — me matava também. Mas o que tem isto a ver conosco?

— Tudo, a história apenas se repete. Os brancos de hoje em dia, os poderosos de Duque de Caxias querem acabar com os negros, com os pobres, querem subir mais ainda, galgar posto eletivo, sobre os cadáveres dos homens de côr. Preto nunca teve vez no Brasil, com raras exceções. Alguns, é bem verdade, sobem na vida, graças aos estudos, mas é muito pouco. Só quando estão na rádio, no cinema ou no futebol.

— Lá isto é verdade. No futebol, tem branco de menos fama e dinheiro do que preto.

— Mas vê se eles entram em hotel de branco? São barrados na entrada, apesar de tal lei que diz que todos os direitos são iguais, e que preto tem que ser tratado igual a branco.

— É nós tamos precisando de um Zumbi para nos guiar. . . .

— E o que vai adiantar? Os brancos arrumam um Domingos Jorge Velho e acaba com o nosso Palmares. O que é necessário é mais escolas para o povo, educar todos os brasileiros sejam lá de que côr fôr. Escolas e hospitais, e muita compreensão. Acabar com os ladrões que estão lá em cima, nos palácios, nos Governos, nas delegacias. Eu pergunto uma coisa a você, «Sabará»: se você desde menino, tivesse carinho e educação, escolas e alguém que lhe guiasse, estaria saindo agora de uma cadeia? Me diga, se teria. E eu estaria atravessando erva? Me diga.

Geralda alcançou a mensagem primeiro que «Sabará». Sentiu a importância do raciocínio do 'vaposero' e perguntou a si mesma, se seria também uma prostituta, de dormir com homem cujo nome nem sabia, se tivesse estudado quando menina, se seu pai não tivesse abandonado sua mãe. Como sua vida seria diferente. Teria um lar, melhor do que aquele, com o seu «Fiô» trabalhando em serviço honesto, dando-lhe carinho somente a ele, desde a virgindade até a menopausa. Como o mundo seria belo.

— «Sabará» também compreendeu:

— É tá tudo errado. O jeito é acabar com o mundo e começar tudo de novo. Jogar uma bomba atômica em cima, destruir tudo.

— Não, não «Sabará». Não é assim. Basta botar amor na cabeça dos homens, fazer que cada um compreenda a importância de si próprio, de seu papel no mundo.

E depois de alguns segundos de raciocínio:

— Fazer com que Santos Lemos entenda a importância de sua profissão, do que poderia fazer por todos nós, por Caxias, por ele mesmo.

— Deixa o baixinho para lá, «Fiô», que ele é boa praça.

— Deus te ouça, «Sabará», Deus te ouça. . . .

### CAPITULO III

#### CIDADE ABERTA

O leitor menos avisado poderá ficar estarelecido com o relato das andanças do negro Sabará. E ter dele uma péssima impressão. Antes porém, é preciso que se faça um retrospecto àqueles tempos de Horácio de Matos, na Bahia, e dos Coronéis, em Pernambuco, que se refletiam em Duque de Caxias. A terra de Lima e Silva é e sempre foi um pedaço do Nordeste, com 60% de sua população constituída de nordestinos ou deles descendentes, que para a fronteira da então Capital da República se deslocavam em busca de melhores dias. E não vieram para o sul, é justo que se diga, homens cultos, conservadores de bons princípios, de formação moral digna.

Vieram, em sua maioria, exatamente os menos favorecidos pela sorte, pobres, analfabetos, fugidos das terras secas e rachadas, inclusive, muitos deles, da própria Justiça. O próprio Tenório Cavalcanti — líder e exemplo para os seus patrícios — viera passando fome de Palmeira dos Índios e quando sua fama se alargou pelo país trouxe milhares de alagoanos, pernambucanos, baianos, maranhenses, piauienses. Todos queriam também **enricar** e como Tenório, de revólver em punho. Muitos deles já com alguns crimes nas costas. E procuravam o «Homem da Capa Preta». E como este, rico e famoso, precisava para a sua sobrevivência de **cabras** destemidos e ligeiros no gatilho, contratava-os, quer como serviços domésticos, motoristas ou simplesmente como «amigos» e até parentes. Mas na verdade, exerciam uma diferente e tétrica profissão: a cabanagem, a de pistoleiros de aluguel, que agiam na calada da noite, atrás do toco.



Assim todos giravam como satélites em torno de Tenório, como, também a própria região, toda ela constituída de humildes lavradores, criadores, operários e assassinos também. Vinham contando histórias de crimes, de latifundiários perseguindo homens do campo, de mortes e de assaltos, de Horácio de Matos e de Lampião. Consideravam o homicídio algo natural, tão normal como plantar maconha, já que as autoridades de lá com isto não se incomodavam. Os rapazes tornavam-se ou já eram marginais — ladrões não, que isto é feio, é pecado, é criminoso — e as moças prostitutas, arregimentadas pelos próprios pais, que viam nos corpos das filhas uma maneira honesta de se ganhar o pão.

Os nortistas e os nordestinos adoravam o «Homem da Capa Preta», símbolo de coragem, de cabra destemido, que vencera na vida de dedo no gatilho. E porque também não matar? Esta admiração estendeu-se aos naturais do lugar, não só duquecaxienses e cariocas, mas capixabas também, sendo estes na maioria e aqueles na minoria. E Caxias, a cidade de portas abertas, recebia-os também de braços abertos. Cedia suas ruas e suas praças, sua desordem. Se o dístico de nossa bandeira é Ordem e Progresso, o de Caxias era Desordem e Progresso.

A cidade crescia graças à iniciativa particular, à falta de fiscalização, ao lenocínio, à contravenção, à liberdade de vender geladeira até nas calçadas das ruas, ou de aumentar o preço do cafezinho, quando estudos para uma majoração eram apenas iniciados na Capital da República. Bastava os jornais noticiarem que se cogitava de um aumento para que a xicrinha da rubiácea sofresse majoração.

Sem ser estação de veraneio ou cidade balneária, Duque de Caxias possuía quatorze hotéis que exploravam abertamente o lenocínio. A contravenção estava entregue a um cidadão, hoje em dia falecido, mas que deixou honrados descendentes, razão pela qual o seu nome aqui não é mencionado. Basta chamá-lo de «O Rei dos Bicheiros», que lutou, às vezes, de arma na mão, ou então com o seu talão de cheque, contra os contraventores de outras plagas que se chegavam para a cidade aberta e livre. Arlindo Pimenta tentou diversas vezes entrar no município, mas encontrava resistência, inclusive por parte de Tenório, o dono realmente da terra, que, também, de arma na mão, dizia que um bicheiro bastava em Caxias.

O dinheiro rolava, porque era fácil ganhar. Ninguém, com rara exceção, pagava tributos, e, como isto, os fiscais e comerciantes desonestos enriqueciam. Raro o empregador que registrava o empregado e lhe pagava o salário mínimo ou, ao menos, as horas extras trabalhadas aos domingos e feriados, ou à noite. Basta dizer que as «Lojas Santa Cecília», existentes na Travessa Manuel Correia, em baixo da Agência do Ministério do Trabalho, foram inaugurada no dia 7 de Setembro, data da Independência do Brasil, portanto, como todos sabem, feriado nacional.

É bem verdade que tal estado de coisas fazia com que o operariado não gostasse muito de trabalhar na terra onde residia. Preferia a Capital da República, cidade vizinha, e da qual era quase um subúrbio, onde seus direitos eram mais respeitados. Saíam de casa de madrugada, voltavam à noite. Caxias era, assim, uma cidade dormitório.

E os trens iam e vinham lotados, apinhados de «pingentes» quebrando cabeças nas pontes de Vigário Geral, com cadáveres boiando no Canal Meriti. Logo surgiram as primeiras linha de ônibus, rumo à Praça Mauá, à Penha, e à Esplanada do Castelo.

Firmas comerciais temiam colocar filiais na Terra do Crime. Só uma e outra se arriscava. O comércio local, a concorrência das mais fortes, agia com mais liberdade, podendo cobrar os olhos da cara que ainda encontravam comprador.

Mas, à época das andanças do negro Sabará só existia a Casa Jaime, do Chaim, na Travessa Manoel Correa. Chaim construiu um edifício de salas para escritório, na Av. Rio Petrópolis, hoje Presidente Kennedy, e o Sr. Lyra, outro, na Praça do Pacificador, Francisco Giopponi, não demorou muito e levantou o primeiro prédio com elevador, na Av. Presidente Vargas, do outro lado da linha. O primeiro edifício de Caxias com elevador, mas só para ele que morava no último andar, ele e sua família, evidentemente.

Na frente da Estação Ferroviária da Leopoldina, Melo levantou o edifício que tem ainda o seu nome, com o Serviço de Alto Falante em cima alardeando anúncios das firmas comerciais da cidade, os nomes dos condidatos à Câmara Municipal, à Câmara Estadual, à Prefeitura. O berreiro era tanto, incomodando Deus e todo o mundo que José Tenório, funcionário da Assembléia Legislativa, primo do «Homem da Lurdinha empunhando um rifle, um belo dia, furou a boca do alto-falante a bala.

E com os edifícios, cresciam as residências, levantadas sem o devido «habite-se» da Prefeitura que, por sua vez, não demarcava as ruas, não fiscalizava os loteamentos, vendidos pela Companhia do Gramacho e 25 de Agosto, esta última tendo como corretor o futuro prefeito, e depois Deputado Estadual e Tabelião do 3.º Ofício, Braulino de Matos Reis, hoje falecido. O Sr. Nelson Cintra, do Jardim Primavera, 2.º Distrito, construiu uma cidade, sem apoio dos Governos, que temiam fazer algo pelo município, certo de que caberia a Tenório Cavalcanti os louros da vitória. A cidade crescia, graças à iniciativa particular, ao lenocínio, às contravenções.

Mas crescia desordenadamente, com uma Prefeitura acéfala, cega, «bengala branca» e com uma Câmara de Vereadores que, a bem da verdade, reunia um grupo de dies que pouco se preocupava com o município e muito com as reeleições.

Nenhuma ordem respeitada, nenhuma postura municipal era atendida. As ruas, esburacadas e pessimamente iluminadas, eram palcos de assaltos e arrombamentos praticados por Sabará, que caminhava impune, temendo apenas um ou outro policial, a quem ainda não tinha entregue algum «intrusão», debaixo de pancadas.

Volta e meia o Estado movimentava-se, como que pisando em ovos, para a inauguração de uma outra obra, com banda de música e estardalhaço dos diabos, à guinza de prestar um favor à cidade

No dia 14 de novembro de 1954, foi inaugurado, às 10 horas, o Dispensário da Tuberculose, instalado no Posto de Saúde local. Ao ato

inaugural estiveram presentes não só o Governador do Estado como, também, o Dr. Adelmo de Mendonça, Secretário de Saúde e Assistência, e o Dr. José Américo, Superintendente da Campanha Nacional de Tuberculose.

Mas o que adiantava o Dispensário, se o maior foco da doença residia nas ruas sempre alagadas e fétidas — como ocorre ainda nos dias de hoje, nos bairros afastados — com os esgotos eternamente entupidos, como se leu na seção «Município Fluminenses»; da «Luta Democrática», dias depois da grande inauguração:

CAXIAS, 18 (Do Nosso Correspondente) — Forte temporal inundou Caxias, principalmente nos subúrbios mais esquecidos pelo Prefeito Braulino de Matos Reis. Sem esgoto e nenhum calçamento, as ruas da cidade transformaram-se em verdadeiro lamaçal. Não se anda nas ruas da Vila São Luiz, Parque Lafaiete ou Centenário. Nada-se. Quase não se pode penetrar nas próprias residências.

## CAPÍTULO IV

### NEM DA MÃE DELE

Menos de uma semana depois, «Sabará» e um companheiro faziam a sua ronda diária pela noite de Caxias, quando depararam com «Fiô» jantando no «Flôr de Caxias», um restaurante na rua Nunes Alves, mais conhecido como «Cabaret de Bandido». Abraçaram-se também, e pediram cachaça. Comida não, que isto é troço de otário.

A conversa fluía informalmente, sem maiores conseqüências, quando chegou a notícia de que um prédio carcomido, condenado, localizado na Av. Plínio Casado, em frente à Estação Ferroviária, estava pegando fogo. As labaredas já lambiam os escritórios do agenciador de cartelas do Ministério do Trabalho (1) Serra Cardoso, e do ex e novamente candidato a vereador, (2) Francisco Gonçalves Moura. O pânico era geral, e «Sabará» viu nisto uma oportunidade de roubar alguns objetos de valor, em meio a barafunda costumeira em tais ocasiões.

Avisou aos companheiros que ia se «arrumar», pois andava duro, e foram inúteis os conselhos do íntegro vapozeiro «Fiô». O negro não quiz perder o ensejo de malocar moamba.

Realmente o pânico era geral. Toda a Praça de Duque de Caxias, Estação Ferroviária e adjacências estavam entupidas de gente, que abandonavam suas camas, para vir de pijamas, camisolão e até mesmo em trajes menores à rua assistir o grande incêndio. Algumas pessoas prestativas invadiam as chamas, e, chamuscando-se aqui e lá, jogavam baldes d'água e arrastavam para a rua móveis e utensílios. Bombeiro mesmo que

1º e 2º) Ambos falecidos.

é bom, não viria, pois o município carecia desta grande corporação, vinha do Rio, com enorme atrazo e mesmo assim a título de favor.

Dentre as pessoas que com grande desespero, gritavam na calçada, «Sabará» notou um homem que não largava uma mala de forma alguma. Auxiliava os outros com a mão esquerda, já que a direita estava ocupada. Volta e meia, quando a necessidade aumentava, ele largava-a durante alguns minutos, mas sempre de olho nela.

Tal preocupação revelou ao negro que a valise conteria dinheiro, ou jóias, ou, pelo menos, objetos de grande valor. Renunciou assim a qualquer outra coisa, que houvesse na calçada, na rua ou mesmo dentro do prédio incendiado. O bom estava ali na mão daquele otário. E num momento de descuido, coisa de poucos segundos, «Sabará» ZAZ, escamoteou a mala que descansava na calçada. E saiu de fininho, como quem estivesse auxiliando a remover os pertences das salas do prédio lambido pelas labaredas. Não poderia ir em direção à Praça do Pacificador e nem atravessar a passagem de nível, ambos entupidos de curiosos e por moradores do prédio, que logo dariam o alarme. O jeito — e por ironia... — ir em direção ao 311 e quando chegasse na esquina da rua das Laranjeiras, dobraria, a fim de ganhar a Rio-Petrópolis. Depois, pé no mundo, com a mala, que deveria estar cheia de dinheiro, jóias ou roupas caras, tal era a preocupação do otário.

Mas, «Sabará» recém-saído da cadeia, onde cumprira pena de dois anos, estava fora de forma ou azarado, pois mal deu alguns passos, e uma voz um tanto gaga, gritou:

— Espe-pepera aí, meu chapa! Onde é que você pensa que vai com esta mala? E vai largando aí no chão.

«Sabará» olhou o velho prédio de branco do 311, ali perto. Correr seria revelar seus intentos. Já tinham desligado a luz dos postes e a rua só era iluminada porcasamente pelas chamas, já um pouco distantes, impossibilitando desta forma de ser reconhecido por aquele que o abordava e de também não reconhecer quem assim lhe falava. Meteu, então, a segunda:

— Tô levando esta mala para a Delegacia, se não roubam ela.

Meteu a segunda e olhou para o sujeito que o segurara pelo braço. Era baixinho e de óculos, fácil de levar uns tombos. Mas logo veio outro, moreno e mais alto. E atrás, já mais meia dúzia. Não adiantava lutar, portanto, eram muitos. O negócio era continuar com aquela desculpa:

— Pois é, tô levando ela para a Poliça.

— Pois é para lá mesmo que você vai, com mala e tudo. E não adianta correr se não quer levar um tirinho de F.N. 7,65 na perna.

No clarão das chamas, «Sabará» viu que o baixinho de óculos empunhava uma pistola, apontada para a sua cabeça. E os outros curiosos já se aglomerando, desprezando o espetáculo do incêndio para um outro melhor, o da prisão de um descuidista.

E lá se foi o azarado crioulo rumo ao 311.

Em lá chegando, onde havia luzes, «Sabará» foi logo reconhecido pelo investigador de plantão:

— Mas se não é o meu velho conhecido Ismael Rodrigues da Silva. Já está de volta? Oh, Mery, vem vêr quem chegou!

O «Homem de Passárgada» veio, reconheceu e chegou mesmo a abraçar o negro:

— «Sabará», meu amigo, quando você saiu da Penitenciária? Estava com saudades suas. . . . Veio de vez? Quem foi que te prendeu?

— Fui eu, peguei-o em flagrante roubando uma mala, do incêndio, disse alguém na sala.

Só aí, na claridade da Delegacia, foi que «Sabará» pode reconhecer quem o prendera:

— Mas foi tú que me agarrou? Você? Não, não é possível. Você é o SANTOS LEMOS!

O repórter que também não reconhecera o crioulo na escuridão, alhou espantado para o marginal que tanto o ensinara a compreender a cidade e a vida. Depois prescrustou com o olhar seu colega de reportagens e companheiro da autoria da prisão, Asclepiades Barbosa de Souza, da «Luta Democrática». O baixinho estava sem jeito, sem ter onde pôr as mãos, sem ter o que falar, sem ter o que enxergar.

«Sabará» ficou triste, desiludido da humanidade, aborrecido até consigo mesmo, preso que fora por quem estimava com sinceridade, talvez o único branco que ele apreciava, além do investigador Luis Sobrinho, que salvara a sua vida.

Outros «tiras» e alguns soldados se aproximavam e inteirados do que houvera começaram logo a espancá-lo, levando-o aos trancos e barrancos para o xadrez. «Sabará» mal sentia as borrachadas nas suas costas, espumava de ódio, gritava de raiva, profundamente sentido no âmbito de sua alma:

— Bem que «Fiô» me avisou, que Santos Lemos não prestava, não era amigo de ninguém, nem da mãe dele.

E quando o jogaram no cubículo infecto:

— Santos Lemos, você é canalha, e todos os brancos também.

## CAPITULO V

### SIMBIOSE DE EXPERIÊNCIAS

E o negro «Sabará» foi novamente carpir as suas desditas num fedorento xadrez. Ali reconheceu velhos companheiros, foi apresentado a garatos imberbes, que começavam a trilhar o caminho da marginalidade, os primeiros percalços da profissão de bulir nas coisas alheias. Eram quase todos pretos, um ou outro, branco, que «Sabará» olhou com ódio. Tinha uma profunda amargura pelos homens de epiderme clara, motivo de sua má sorte, razão de suas dores.

— Não viu o caso do Santos Lemos? Bate um papo comigo de mais de uma hora, fiquei gostando dele e parecia que ele ficou gostando de mim. E agora, mal saí da prisão, ele me agarra com a moamba em cima. Inda bem que a poliça de Caxias não é de autuar ninguém, só em caso especial, mas tem o poço nos fundos da Delegacia, tem o Canal do Mangue, tem a Estrada Rio-Petrópolis... Ah! Santos Lemos! São Bento!

Outros presos tinham o mesmo pensamento para com o repórter, odiavam-no, responsabilizando-o pelas suas prisões, produtos de suas reportagens, de seus dedos duros e apontadores. O jornalista tinha prazer de depor na Delegacia ou em Juízo, denunciando crimes e falcotruas, praticados em sua maioria por negros ou por «paus-de-arara». E o Delegado, por ser de direito e de obrigação, ou para ser agradável aquele que poderia colocá-lo também em maus lençóis, prendia, abria processo ou simplesmente dava sumiço no pobre diabo.

A fama, mesclada com ódio, ganhava distância, atravessava fronteiras, invadia lares e prostíbulos. E quando alguém, principalmente poli-

ciais corruptos, a ele eram apresentados, sempre tinham uma frase, às vezes murmurada longe dos ouvidos alertas do jornalista:

— Mas este tampinha que é, o famoso Santos Lemos? Uma coisinha dessa, nem parece que é perigoso...

E assim, por medo ou por amizades, mesmo se bem que raramente, o repórter conseguia o que queria no 311. E foi então visitar a quem prendeu.

O portão de ferro foi aberto pelo «Homem de Passárgada» que levou o negro para falar com o branco na sala ao lado, a título de entrevista:

— Ué, Santos Lemos, você mandou me tirar para que, pro pau? Só faltava esta.

— Outro erro seu, «Sabará», nunca espanquei ninguém, principalmente preso, e quando o prendi não sabia de quem se tratava. Estava escuro, você sabe disto.

— E se tú me reconhecesse, dava fuga?

— Não daria, você vinha para a Delegacia assim mesmo, pois você estava furtando aquela mala, no incêndio.

«Sabará» coçou a carapinha:

— Bem que «Fiô» me disse que tu anda com raiva no coração, não gosta de ninguém, nem de sua véia.

— «Fiô» não gosta de mim por ser um maconheiro e isto para mim é elogio. Fico orgulhoso quando um marginal ou quando um policial corrupto me odeia. Ficaria envergonhado se eles gostassem de mim.

— Antão, pra que aquela conversa comprida alguns anos atrás, nesta mesma sala, mais eu? Tú não pode gostar de mim, pois desde de menino novo que fumo e atravesso a erva, e bulho nas coisas dos outros. Antão, sai dessa...

— Realmente, gosto de você, mas mesmo assim solicitaria a cooperação do meu colega Asclepiades para prendê-lo, por você ser um marginal, por você está cometendo um delito. Mas, «Sabará» você tem ainda algumas qualidades, possibilidades de recuperação, de regeneração. Basta perder este seu ódio pelos brancos. Nem todos são máus, como nem todos os negros são ladrões e maconheiros. Há bons e máus em ambos os lados. Você ensinou-me muita coisa sobre a cidade e sobre a vida. Quero também lhe ensinar mais ainda sobre o outro lado da Humanidade. Sobre os Brancos, e sobre vocês mesmos, os Negros.

A primeira semente da concórdia, da regeneração, de tirar um homem do Caminho do Mau, para o Caminho do Bem, estava lançada.

E neste diapasão, os dois homens conversaram durante mais de uma hora, reconciliando-se e conhecendo-se mais profundamente, modificando seus pontos de vistas, mutuamente, numa simbiose «sui generis»: o branco dando ao negro o que tinha de mais valioso em sua vida, o negro concedendo ao branco outro tanto, produto de sua larga experiência em encarar a vida.

Um novo horizonte começou a surgir para «Sabará», mais compenetrado em Ismael Rodrigues da Silva, o menino sem pai e sem mãe, que



terminou carregando para a cama, numa noite sem mulher branca, a própria tia que o ajudara a criar. Um estudo meticoloso de sua infância ajudou-o a renunciar algo que o vinha perseguindo, que o vinha incentivando ao crime, e que urgia ser afastado.

Mery chegou no umbral da porta e pediu:

— Chega, Santos Lemos, já é demais. Vocês estão aí mais de uma hora. O Comissário Rafael pode achar ruim...

O repórter levantou-se dando seu maço de cigarros ao preso. Este vislumbrou algo:

— Tu tem cartaz aqui na Delegacia, pode dá um jeito de eu sair...

E logo em seguida, depois de alguns segundos de reflexão:

— Vivo, quer dizer....

O jornalista riu:

— Não matar você eu garanto, agora mesmo falo com eles. Quanto a sua liberdade, não. Você furtou, deve pagar com isto. Mas não se incomode. Se até agora, não foi autuado, não vai ser mais, pois já esta fora do estado de flagrância. Mas deve ficar mais alguns dias no xadrez para não mexer mais nas coisas dos outros. Você furtou aquela mala, «Sabará», lembra-se disto....

— Ah, falando em mala. O que ela tinha? O otário vivia agarrado nela....

— Roupas velhas, «Sabará», apenas roupas velhas....

O negro cuspiu de lado, com raiva:

— Roupas velha... Sou mesmo um tremendo otário...

O portão de ferro fechou-se atrás do preso, o «Homem de Passárgada» passou a chave duas vezes, Santos Lemos procurou o «alcaguete» da profilaxia e o Comissário Rafael Fernandes. No dia seguinte, «Sabará» foi posto em liberdade, sem nunca saber quem pedira por ele...

## CAPITULO VI

### OS «PIRADOS DO PENSANTE»

Um fato que sempre despertava a admiração do negro «Sabará» era o alarmante índice de debilidade mental em Duque de Caxias. Choviam os «pirados do pensante», gente que andava pelas ruas da cidade, dizendo obscenidade sem nexa, sem pé e cabeça, sem principio e nem fim.

Três fatores, dentre muitos, eram os responsáveis por isto: maconha, macumba e o alcoolismo. Em terra alguma, nunca se fumou tanta diamba, nunca — nem na Bahia — populava tantos terreiros de camdonblé e nunca se bebeu tanto como na Cidade Aberta. Caxias, sem ter carnaval, nem fábrica e depósitos de cachaça, como os de propriedade do Sr. Mário Pina, cada quarteirão abriam-se, logo nas primeiras horas da manhã, três ou quatro butequins, biroscas ou tendinhas. E o forte do comércio, era a «água que passarinho não bebe». Ao longe ouvia-se o som das atabaques e no ar, sentia-se o cheiro da maconha queimada.

Daí, os desatinos, que, às vezes, terminavam em morte:

#### «LOUCURA DA MAE LEVOU-O A TENTAR O SUICIDIO»

GRAVE O ESTADO DE SAÚDE DO FUZILEIRO NAVAL, INTERNADO NO HOSPITAL GETÚLIO VARGAS:

Quando a ambulância recolheu o Fuzileiro Naval Severino Travassos da Silva, brasileiro, pardo, solteiro, de 20 anos de idade, domiciliado à Rua Pinto Soares, 402, em Duque de Caxias que, momentos antes, tentara o suicídio desfechando um tiro no peito, o militar declarou que não tinha motivos para o tresloucado gesto. Apenas estava cansado

de viver e tinha desejo de dormir para sempre. Removido para o Hospital Getúlio Vargas, deixou transparecer uma grande tristeza em sua vida, que é por certo o verdadeiro motivo do gesto impensado.

#### A MÃE É LOUCA

Ontem, à tarde, aproveitando estar só em casa, Severino pegou a arma de sua propriedade e tentou o suicídio. Para a polícia deixou um bilhete que dizia o seguinte: «Dr. Delegado. Não culpe ninguém pelo meu gesto extremo. Peço avisar ao senhor Venâncio que tome conta do Ivo e de minhas irmãs Maria e Iva. Endereço: Rua Mariz e Barros, nº 470, 2º andar, apartamento 202, e rua Laurinda Rabelo, 946. Minha querida mãe está internada na Colônia Juliano Moreira».

Não obstante o seu estado grave, o Fuzileiro Naval palestrou com a nossa reportagem, mostrando-se contrariado pela triste situação de sua mãe. Apesar de dizer que não existia motivo para morrer ficou patenteado que a loucura materna, levou-o à desesperada resolução.

#### A POLÍCIA CIENTIFICADA

O fato foi levado ao conhecimento das autoridades policiais de Duque de Caxias que tomaram todas as providências que se faziam necessárias. (1º)

Quando não eram familiares, matava-se o próprio débil mental:

#### «MORTE HORRÍVEL A DE UM DÉBIL MENTAL»

#### ATIROU-SE A FRENTE DE UM TREM EM CAXIAS

A pobre débil mental vivia pelas ruas de Duque de Caxias, dizendo bobagens e fazendo escândalos. Diversas vezes fora detida, pois perturbava a paz pública e incomodava transeúntes e moradores. Todavia, apesar dos reiterados pedidos da Polícia, nunca chegava uma condução para removê-la ao Hospício. E era solta, para cometer novos desatinos.

Ontem, cometeu o último. Atirou-se na frente de um trem que ia subir a serra, levando terrível pancada no ombro direito. Levaram-na ao Posto da Sandú, onde identificaram-na como sendo Maria Peçanha Areias (brasileira, branca, casada, com 45 anos de idade, de residência ignorada). Ao ser medicada, faleceu.

O investigador Luis da Mota Sobrinho, de plantão na Delegacia de Duque de Caxias, tomou conhecimento do fato e removeu o corpo para o necrotério da municipalidade.

A débil mental deixa três filhos menores: Onildo, de 8 anos de idade; Geraldo, de 10 e Wilson, de 12. (2º)

1º) «Luta Democrática», de 7/11/1954.

2º) «Luta Democrática», de 11/8/1955.

## CAPÍTULO VII

### CANDOMBLÉS MALDITOS

Conforme já foi dito, «Sabará» era «habituê» dos terreiros de candomblé, tocador exímio de atabaques. Preferido e procurado pelas «mães de santo», que viam nele apenas um negro igual a elas, nunca um marginal, «Sabará» amanhecia o dia nos terreiros, bebendo marafa, e comendo farofa, nunca bulindo nos «pontos» que encontrava nas encruzilhadas em suas andanças, em busca de otários, pelas ruas de Caxias.

Sabia que a macumba já tinha levado muitos ao suicídio, mas via nos ritmos africanos a solução de problemas, e explicação de seus mistérios, com novos mistérios, o seu Nirvana. Sentia-se, quando invocado por Exú, tão à vontade, quando com fumaça na uca.

E lastimava quando lia na Luta Democrática», seu jornal predileto:

— Se a gente espremer, sai sangue! uma notícia como esta, publicada em 24 de novembro de 1955.

#### «MATOU-SE DOMINADO PELA MACUMBA»

#### IMPRESSIONANTE SUICÍDIO NA FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES:

Além de ser viciado no álcool, o operário João Antônio do Nascimento (brasileiro, pardo, viúvo, com 48 anos de idade, residente em terras pertencentes a Proter, na F.N.M.), era frequentador do candomblé, nos terreiros de Duque de Caxias. A mania terminou prejudicando suas faculdades mentais e em seu espírito nasceu a idéia do suicídio. Em consequência, João ingeriu formicida dissolvida num copo d'água no interior da própria subdelegacia, falecendo no local. O corpo foi removido para o necrotério da municipalidade e o perito Berilo registrou o fato na subdelegacia da Fábrica Nacional de Motores».

## CAPITULO VIII

### NAS ESCURAS ÁGUAS DOS RIOS

Pouca gente sabia que Caxias era banhada por mar. A bem da verdade, cumpria-se dizer que se há mar, nem por isto quer dizer que exista praia. Apenas na Chacrinha ou na rua Vicente de Alencar, encontrava-se um pequeno porto para pescadores, que ali passavam o dia bebendo e jogando carta. Pescar, mesmo, que é bom, nada. O próprio «Sabará» gostava de por lá perambular, bebendo suas branquinhas, comendo seu peixe, jogando a sua ronda. Gostava de «depenar» os pobres pescadores com seu baralho, com sua maestria no jogo de ronda. (1º)

Volta e meia, a partida era interrompida por um grito de socorro. Era mais um que morria afogado, às vezes criança, que na imprudência natural da idade, fora tomar banho de «mar» isto é no lamaçal, que, qual areia movediça, atraía o incauto para as profundezas de suas lamas e lodos.

Assim sendo, rapazes preferiam arriscar-se nos inúmeros canais que, desde a época do saneamento da Baixada Fluminense, cortam a nova e velha Rio—Petrópolis, hoje Rodovia Washington Luis e Estrada Presidente Kennedy. E nesta aventura, muitos perdiam e ainda perdem a vida, enquanto os poderes competentes não se compenetram no valor turístico e na atração para banhistas de toda a Baixada, que pode representar uma praia bem cuidada, com areia e não com lama, em Duque de Caxias.

1º) Muitos anos depois, o Sr. Geraldo Lopes gastou muito dinheiro do seu próprio bolso para fazer ali uma praia. Hoje ele é ex-deputado estadual pelo M.D.B.

Na revistinha de J. Bráulio, «A Verdade», tive oportunidade de esclarecer a opinião pública e a Prefeitura para este chamariz de renda, que se esvai para a praia de Ramos, a mais próxima de Duque de Caxias. Não obtive nem repercussão. Anos depois, em 1964, um candidato de boa vontade à Prefeitura local, Sr. Geraldo Lopes, resolveu limpá-la para o gáudio dos caxienses, mas ficou nisto.

Na terra de Lima e Silva foi sempre assim: tudo deve-se a iniciativa particular. . .

Mas, enquanto seu lobo não vem, os afogamentos se sucedem de maneira alarmante nos rios e nos canais:

#### AFOGOU-SE NO RIO SARAPUIY

##### FORA TOMAR BANHO, MAS NÃO SABIA NADAR

Embora não soubesse nadar, o austríaco Walter Rol Banck (44 anos, solteiro, servente de pedreiro, rua Voluntário da Pátria n.º 470, Caxias) achou que podia banhar-se no rio Sarapuy, em Gramacho. Em dado momento foi arrastado pela correnteza e desapareceu. Quando o encontraram, já era cadáver.

O auxiliar de polícia Ernani Martins dos Santos, tomou as providências que se faziam necessárias.:(1º)

Ou então:

#### «AFOGADO NO RIO SARACURUNA»

##### O CORPO DO INDITOSO PEDREIRO JÁ ESTAVA SEMI DEVORADO PELOS PEIXES.

O súbito desaparecimento do pedreiro Francisco Bispo (brasileiro, preto casado, com 30 anos de idade, residente na localidade de Imbariê, 3.º Distrito de Duque de Caxias) causou espécie ao auxiliar de polícia, Oscar Pinheiro da Silva, que encetou diligências.

O operário desaparecera na margem do rio Saracuruna, que corta a localidade de Santa Cruz.

Assim, aquele policial convergiu sua atenção para aquela área. De pergunta em pergunta, logrou apurar que o pedreiro sumira ante-ontem, ao meio-dia, quando tomava banho nas águas caudalosas do rio. Depois de muito pesquisar, o auxiliar de polícia encontrou o cadáver de Francisco Teófilo Bispo, já semi-devorado pelos peixes e caranguejos, exalando terrível mau cheiro.

Após a identificação do corpo foi o mesmo removido para o necrotério de Duque de Caxias, sendo o fato comunicado ao sub-delegado de Imbariê, Sr. Afonso Barros que registrou a ocorrência. (2º)

E era por esta e por outras que o negro «Sabará» não era lá muito amigo de banho, e só ia à praia para surrupiar roupa de banhistas. Água,

1º) — «Diário da Noite», de 3/2/1954.

2º) — «Luta Democrática», de 6/3/1955.

mesmo, só gostava daquela que passarinho não bebe, e por dentro. Por fora, só água de chuva. De quando em quando, em homenagem à alguma branca, com quem à noite ia se deitar, tomava um banho em seu barraco, na Paulicéia, ou no Hotel Astória. Fora disto...

— São Bento, querem me matar afogado?

Até hoje, os jornais do ex-Distrito Federal, atual Cidade do Rio de Janeiro, não acreditam que, quando aparece um cadáver em um rio de Duque de Caxias, não seja produto de mais um crime de morte. Os repórteres não aceitam que alguém morra afogado por não saber nadar, por ter sido vitimado por caimbra, ou arrastado por correnteza. Tem que ser crivado de bala, esburacado por «peixeira», com um paralelepípedo amarrado nas pernas, para afundar melhor.

Este processo da polícia eliminar marginais reincidentes e renitentes, só surgiu muitos anos depois, e mesmo, em Nova Iguaçu e Itaguaí, com os tristemente famosos Guandú e da Guarda. Este covarde método, que só expressa a incapacidade de se combater o crime, não era ditado pelas mentes doentias dos fluminenses e sim dos cariocas, antes mesmo do Governo do Sr. Carlos Lacerda. Até hoje, em Duque de Caxias, poucos são os negros desta maneira afastados da sociedade. Os policiais e os pistoleiros sempre preferiam a solidão das estradas Washington Luis, Presidente Kennedy e Rio—Petrópolis. Assim, a «gang» do vereador Armando de Belo França eliminou inimigos e foi eliminada pela polícia. É bem verdade que o Capivari já teve suas águas sujas de sangue humano, mas a praia de Mauá sempre atraiu melhor, como nos casos do pistoleiro Vicente Cabral e do deputado José da Costa França.

O negro «Sabará» sempre teve um respeito enorme pelos rios e canais, e deles sempre se distanciava, invocando São Jorge, seu Pai.

## CAPÍTULO IX

### NEM ELES MESMO SABIAM

Havia, também, os que se matavam sem motivo, ou pelo menos nada deixavam que explicasse a razão de seus tresloucados gestos. E preferiam formicida, corrosivo barato, não fiscalizado que se vendia abertamente nos armazens e quitandas de Caxias, bastava mandar uma criança buscar. Abandonava este mundo, não se dando ao trabalho de escrever umas mal traçadas linhas, para a posteridade. Apenas se matavam:

«Dagmar Nogueira da Silva, brasileira, preta, casada, com 19 anos de idade e residente na rua Circular, 88, em Caxias, suicidou-se, ontem, ingerindo forte dose de formicida.

A tresloucada deixou um bilhete no qual declara que o motivo que a impeliu ao gesto extremo foi o seu estado de saúde, bastante precário ultimamente.

Após as formalidades legais, foi o corpo, com guia policial, removido para o necrotério local. (1º)

Quem, ontem ou hoje, não conhece os irmãos Juarez e Newley Lopes Martins, em Duque de Caxias? Basta dizer que são filhos do sub-delegado Manoel Lopes, assassinado a mando de Tenório Cavalcanti por Eliezer. (2º) O primeiro é funcionário da Prefeitura local e o segundo já foi até candidato a deputado estadual, e é afilhado de casamento do falecido Governador Roberto Silveira.

1º) «Luta Democrática», de 30/10/1954.

2º) Fato público e notório, mas não comprovado.



Pois bem, os dois irmãos até hoje não sabem porque o sócio de ambos, Newton Corrêa, matou-se:

#### «SUICIDOU-SE COM FORMICIDA»

#### IGNORADOS OS MOTIVOS QUE TERIAM LEVADO O DESPACHANTE A PRATICAR O TRESLOUCADO GESTO;

Por motivos ignorados, no interior de seu escritório, situado na Av. Plínio Casado, 157-A, em Duque de Caxias, bebeu formicida com água, o despachante Newton Corrêa, brasileiro, pardo, com 23 anos de idade, residente à Rua Chaco, 62, naquele município fluminense.

#### FALECEU NO SANDÚ

Seus dois sócios, com ele residente, Juarez e Newley Lopes, providenciaram sua remoção para o Posto do Sandú, onde ficou internado, durante todo o dia, vindo a falecer às 20 horas.

O suicida nada deixou que explicasse seu tresloucado gesto. Estimado por todos, não era dado a conquistas amorosas e ganhava relativamente bem. Entretanto, ultimamente, andava preocupado com o seu serviço, pois irregularidades não praticadas por ele, num livro de pagamentos à vista em muito o incomodavam.

O entêrro foi realizado, ontem, às 16 horas, com grande acompanhamento, saindo o féretro da residência de seus amigos e sócios.<sup>(1º)</sup>

Ainda não descobri as tais irregularidades que teriam determinado o seu desespero. A nota ainda fala em que «não era dado a conquistas amorosas». Todavia, uma crioula de nome Diva, durante semanas andou chorando pelos cantos das paredes, lamentando um amor que se foi com tal suicídio. Esta mesma criatura, de epiderme escura e gorda como que, tornou-se muitos anos depois, pessoa de inteira confiança do Prefeito Joaquim Tenório.

Mas, se os homens preferiam a formicida, já as mulheres apelavam para o querozene e fogo:

#### «MORTA A FOGO, EM CAXIAS»

Em uma das casas da vila situada à Rua Coronel Joaquim Silva, s/n.º, em Caxias, residia a doméstica Guiomar de Souza Pinto, parda, viúva, e de 54 anos.

Na casa da frente, na mesma vila, mora a sua senhoria, de nome Lizete, a qual não mantinha cordiais relações de amizade com Guiomar. Assim é que, ontem, após chegarem às vias de fato, foram apartadas por vizinhas.

E a vida continuaria normal naquela vila se hoje à tarde não acontecesse a tragédia: Guiomar foi encontrada morta à porta de sua casa, completamente queimada. Pelo que se supõe, teria a tresloucada mulher

1º) «Luta Democrática», de 30/4/1954.

provocado o suicídio com fogo e querosene. Da forma como foi encontrado seu corpo, deduz-se que depois de atear fogo às vestes, num gesto de desespero, procurou a porta da rua na ânsia de socorro.

Tendo sido imediatamente cientificada da trágica ocorrência, a polícia tomou as necessárias providências e começou a diligenciar sobre o suicídio, um tanto suspeito.

A nossa reportagem comparecendo ao local, teve oportunidade de saber ser Lizete, a senhoria, uma mulher de gênio irascível e de natureza vingativa. Por esse motivo e pela coincidência do suicídio ter ocorrido horas depois da briga das duas mulheres, a polícia inclina-se a suspeitar de Lizete. Acresce ainda, a circunstância de Guiomar não ter aparentemente nenhum motivo para se matar e não haver deixado nenhuma nota esclarecendo o seu treloucado gesto.

O corpo da infeliz senhora foi removido para o necrotério, a fim de ser autopsiado, tendo o Comissário de serviço, recomendado abrir rigoroso inquérito sobre o caso. (1º)

Ou então, os que não sabiam por que se matavam, preferiam o enforcamento:

«Como era seu costume, todas as manhãs, D. Sebastiana Alves Constância, residente na Rua Ana Porto, s/n.º, Vila Rosário, em Duque de Caxias, levantava-se para apanhar o milho das galinhas, que se encontrava guardado no quarto do irmão, Antonio Alves Filho, brasileiro, branco, solteiro, com 32 anos de idade, morador ao lado.

E encontrou-o morto, enforcado na cumieira do barraco. Não deixou um bilhete que explicasse os motivos de seu treloucado gesto. A reportagem e à polícia de Duque de Caxias, sua irmã só soube adiantar que o rapaz sofria dos pulmões, mas que nunca deixara perceber o que lhe ia n'alma. (2.º)

A imprensa, sádica e sensacionalista, constituída de jornais como «Radical», «Luta Democrática», «O Dia» «Diário da Noite», e «A Notícia», em grande parte, é a responsável pelo surto de suicídio, que glasou em Duque de Caxias nos idos de 54 e 55. A situação chegou a tal ponto que tais jornais reconheceram, pelo menos, parcela de responsabilidade e resolveram, nunca mencionar o veneno ou o corrosivo, a fim de evitar imitações nos pusilâmes, como bem se pode ver, nesta nota de «O Dia» de 20 de Março de 1954:

#### «MATOU-SE NA PORTA DA RESIDÊNCIA»

#### O OPERARIO NAO DEIXOU DECLARAÇÕES

Na porta de sua residência na Rua 15 de Novembro, 53, em Caxias, suicidou-se, ondem à tarde, o operário Nilton Cotrim de Moura, de 23 anos, soltero. Ingeriu forte dose de tóxico dissolvido em água.

1º) «Luta Democrática», de 23/11/1955.

2ª) «Luta Democrática».

Informado da ocorrência, compareceu ao local, o investigador Luis Soares, de serviço na Delegacia caxiense, o qual tomou as providências de sua alçada, inclusive a remoção do cadáver para o necrotério local. Ignora-se até o momento, as origens do tresloucado gesto do jovem operário que não deixou nenhuma declaração escrita.

Ou então, como, no mesmo jornal, em 5/5/55:

#### «SUICIDOU-SE A MARGEM DA ESTRADA»

O operário Manoel Tavares Vilasboas (casado, com 29 anos) residente nas proximidades da Fábrica Nacional de Motores, em Duque de Caxias, por motivos ignorados, suicidou-se, ontem, ingerindo veneno à margem da estrada que vai de sua casa ao referido estabelecimento. São ignorados os motivos desse ato de desespero. O corpo do suicida foi removido para o necrotério da cidade de Caxias com guia das autoridades locais.

## CAPITULO X

### O DELIRIO DA VELOCIDADE

E ficou por isto mesmo: os mortos foram enterrados, os feridos aleijados, a fábrica retornou em outro canto, a do Gramacho também explodiu. E no cemitério do Corte Oito, os cadáveres enterrados, lado a lado, com centenas de vítimas de desastres e atropelamentos por motoristas que não tinham carteira de habilitação, ou mesmo senso de responsabilidade. Por exemplo:

#### «EVITOU O PAU BRASIL QUE O ONIBUS CAISSE NO ABISMO»

O PESADO COLETIVO DESGOVERNARÁ-SE NUMA CURVA DA RIO—PETRÓPOLIS, EM GRANDE VELOCIDADE: UM MORTO E DIVERSOS FERIDOS. DEPOIS DE PRESO, O MOTORISTA DESAPARECEU.

Um ônibus da Empresa Única de Transporte, dirigido pelo motorista Sidney Ribeiro Ansel, que partira às 11 horas e 15 minutos, de Petrópolis, com destino à Praça Mauá, em grande velocidade, numa curva, a altura do quilômetro 29, desgovernou-se indo de encontro a uma árvore, na beira da estrada. A árvore — um pau brasil — aguentou o impacto do veículo, evitando que o mesmo se precipitasse no abismo. Mas, em consequência da violenta batida, a frente do carro sofreu completo amassamento, ficando esmagada a perna do passageiro que viajava no primeiro banco.

## AS VITIMAS

Ao local, acorreram um carro de bombeiros e uma ambulância da Fábrica Nacional de Motores, além de ambulância do Pronto Socorro de Petrópolis.

Para este último nosocômio, foram removidas as seguintes pessoas: Deputado Cardolino José Ambrósio (51 anos, casado, Rua Visconde de Itaboraí, 319), líder da bancada petebista da Assembléia Legislativa do Estado do Rio, com ferimentos contusos no frontal e no queixo; Janira Fernandes, Suely Gomes e Silvio Bourgeth Moinon. No ambulatório da Fábrica Nacional de Motores foram socorridos Hulda Kuhme e José Maria Marques, este com esmagamento e amputação traumática da perna direita. Ambos foram removidos para o H.G.V., vindo o comerciante a falecer, antes de dar entrada naquele nosocômio.

## DESAPARECEU

O motorista do ônibus sinistrado foi preso em flagrante por dois guardas rodoviários e conduzido para o ambulatório da F.N.M. Mas dali logrou fugir, desaparecendo. (1º)

E «O Dia», por sua vez, também noticiou, em 27/10/54, sob o título ATROPELOU E MATOU O CICLISTA, a seguinte ocorrência, registrada na Delegacia de Duque de Caxias, com o sub-título de «O MOTORISTA QUE SE EVADIU FOI AFINAL IDENTIFICADO PELO PAI DA VÍTIMA, APRESENTANDO-SE À POLÍCIA:

«O atropelamento ocorrido no dia 12 do corrente mês, no Corte Oito, em Duque de Caxias, causando a morte de um jovem ciclista que estacionara junto ao meio-fio da Estrada Rio—Petrópolis, feriu profundamente o coração de dois elementos da Polícia Rodoviária Federal, Mario Cataldo e Celso Cataldo, pai e irmão de Hélio Cataldo, a pobre vítima que ficou estendida na estrada, enquanto o auto atropelador fugia a grande velocidade.

Na ocasião, apenas se apurou que a chapa do carro fatídico terminava em «09» ou «69», e que este perdera o «cilíbrim» esquerdo e o aro do mesmo, na ocasião do acidente. Após o enterro de Hélio, seu pai e seu irmão puseram-se a campo, para descobrir o auto atropelador. Na noite do primeiro dia de investigação, ao tomarem um ônibus para a residência, um crioulo, entregou-lhe um bilhete anônimo dando a chapa do carro que seria «77-542 — RJ» e estaria sendo consertado em Parada de Lucas.

Mas a pista era falsa. Prosseguindo nas diligências, os dois policiais acabaram descobrindo que o auto atropelador fora o de chapa 77-809, dirigido por Hélio de Sousa Batalha e na ocasião conduzindo como passageiro Aracati de Almeida e Atanazildo dos Santos. Sabendo-se descoberto, o motorista culpado, antecipando-se a comunicação dos policiais, apresentou-se às autoridades de Duque de Caxias.

1º) «O GLOBO», de 10/08/1955.

O atropelamento foi devido à excessiva velocidade desenvolvida pelo auto».

O processo em torno do profissional do volante correu rápido. E eis que o Juiz da época decretou-lhe a prisão preventiva, caso raro, se não único, em que o Poder Judiciário preocupou-se com um atropelamento, já que o descaso começava na própria Delegacia de Polícia. O Delegado limitava-se a registrar o fato no livro competente e pronto. O resto que se danasse, já bastava um outro homicídio apregoado pela imprensa, assediado pelos políticos da oposição, ou acompanhado por um assistente do Ministério Público. Fora disto, era na base do «morreu, enterrou, acabou».

Mas se tratava de um filho e irmão de dois policiais rodoviários federais, e como tal, teve a sua morte vingada:

Com prisão preventiva decretada pelo Juiz, o motorista foi preso no interior do Estado de Minas Gerais, onde se refugiara, julgado e condenado.

Este foi, no tempo das andanças do negro «Sabará», o único caso em que se fez justiça contra os maus profissionais do volante, contra um branco. No mais era só contra os negros, a ferro e a fogo, com os cadáveres jogados dentro do poço, ao longo na Estrada Rio—Petrópolis ou nas escuras águas do Canal Meriti.

Às vezes, é bem verdade, um carro não atropelava. Era atropelado:

#### «A MOTOCICLETA BATEU NO AUTO»

NA OCASIAO. O MOTOCICLISTA TEVE O PÉ ESMAGADO.

«Ontem, à noite, quando trafegava pela Estrada Rio—Petrópolis, no lugar denominado Mangue de Caxias, a motocicleta 10-72 chocou-se com a trazeira de um auto particular, chapas números 7-8370 RJ e 4-21-33 DF. Da colisão, saíram feridos o piloto da motocicleta, Lourenço Marques dos Anjos, de 29 anos, solteiro, carpinteiro, morador na rua Fronteira, s/n.º, em Caxias, e Valdemiro de Sousa, de 24 anos casado, operário, residente na Rua Engenheiro Alberto Rocha, 253, Irajá, que viajava na garupa. Lourenço teve o pé direito amputado, enquanto que Valdemiro apresentava ferimento contuso com deslocamento e fratura no pé direito. Ambos ficaram internados no Hospital Getúlio Vargas. (1.º)»

Duque de Caxias, naquela época, ressentia-se de hospitais. No município, nem um só. Apenas o Posto da Sandú, cheio de exigências para atender um ferido, só apresentando comprovante que descontava para algum instituto. A valência era o Hospital Getúlio Vargas, que atendia um, dois, três, às vezes, dezenas, não raros, centenas de feridos. Duma feita, atendeu a «CINCO VITIMAS NUM DESASTRE EM CAXIAS — Três delas foram internadas em estado de coma no Hospital Getúlio Vargas. (1.º)

1º) «A Notícia», de 9/11/1954

1º) «Luta Democrática», de 11/11/1954.

«Desenvolvendo relativa velocidade, trafegava pela Estrada Rio—Petrópolis, o loteação chapa 78-9292, Viação Sarapuy linha Caxias—Sarapuy, dirigido por Claudemir Galdino dos Santos (brasileiro, branco, com 25 anos de idade, residente no Lote 15, Jardim Veneza, Caxias), cheio de passageiros. Um pouco atrás vinha em direção ao centro, a camioneta de entrega do Café Santos Dumont, chapas 3-04-02 RJ e 7-15-13 DF, dirigida por Nilson Martins Caldara (brasileiro, de 32 anos de idade casado, morador em Juiz de Fora).

No Corte Sete, o loteação estacionou junto ao meio-fio, para saltar um passageiro. Foi quando a camioneta abalroou violentamente a trazeira do coletivo, causando cinco vítimas. O choque foi tão tamanho que um passageiro projetou-se pelos fundos do loteação, passando pela janela de vidro para cair no «capot» da camioneta de entrega. Os bancos ficaram revirados e o motorista do outro veículo deu com o torax no volante, ferindo-se gravemente.

Logo após o evento, Galdino, o motorista do loteação, apesar de estar ligeiramente ferido na cabeça, fugiu, abandonando as vítimas no local.

#### OS FERIDOS

Em consequência, deram entrada no Hospital Getúlio Vargas, os seguintes feridos: Nilson Martins Caldara, o motorista da camioneta, que apresentava deslocamento do couro cabeludo, ferida contusa na região femural direita e contusões e escoriações; Henrique Fernando Kaipe (brasileiro, de 22 anos, casado, ajudante de motorista, morador a Travessa Augusto Fragoso, n.º 373, Petrópolis), que sofreu contusão abdominal e suspeita de haver fraturado duas costelas; Noely Vilas Duarte (brasileiro, de 29 anos casado, industrial, domiciliado à Rua Fagundes, 136), com ferimento contuso na face direita e escoriações.

Todos, depois de medicados, ficaram internados naquele nosocômio.

#### NO POSTO DA SANDU

Além destes, dois outros, com ferimentos leves, foram medicados no Posto do Sandú, de Caxias. Um deles que apresentou contusões e escoriações, não teve seu nome anotado naquele posto médico. O outro chama-se Basílio Moacir da Silva (brasileiro, de 29 anos de idade, mecânico, domiciliado à rua Isidia, s/n.º).

#### LOCALIZADO O MOTORISTA

Ao local compareceu o investigador de serviço na Delegacia local, Mario Pontes, que tomou as providências de sua alçada. Posteriormente, Claudemir Galdino, o motorista do loteação, foi localizado na garagem da Viação Sarapuy, para onde fora removido o coletivo.

Intimado a comparecer à delegacia, o profissional do volante deverá prestar depoimento ainda hoje.

Mas, ao que tudo indica, não prestou. Pelo menos, não se tem notícia de que tenha sido pelo menos julgado, quanto mais carpido a pena de seu crime. Ficou por isto mesmo, como milhares de outros casos, com a exceção do Cataldo, parente da Polícia Rodoviária.

Somente a imprensa lutava contra o delírio da velocidade, contra a falta de habilitação e de perícia dos motoristas. As próprias empresas não se interessavam em render seus empregados, que assim trabalhavam até 24 horas por dia ou recebiam ordenado de fome. Os patrões jamais se incomodavam com os negros, estivessem eles no volante ou nos bancos. Ou ainda nas filas.

### «VAI JORRAR SANGUE»

O nosso título, é antes de tudo, uma advertência. E, um aviso direto e claro aos senhores proprietários da «Duque de Caxias Auto Ônibus» e às autoridades responsáveis pelo trânsito aqui e na Capital Federal.

Por duas vezes, através destas colunas, fizemos relatos e apelos sinceros, focalizamos a pouca-vergonha constatada nas filas dessa Empresa não só em Caxias (pela manhã) como no Rio, à tarde. Mas, a verdade é preciso ser dita, ninguém se incomodou. Ninguém tomou providências. As autoridades cruzam os braços e deixam o povo sofrer vexames injustos, desinteressadas da sua sorte. As filas foram criadas para acabar com aquela fonte de conflitos e de atropelos que se registravam na tomada dos carros, quando as crianças, as senhoras e as pessoas idosas eram pisoteadas e massacradas. Quem mais trabalhava era a polícia, constantemente chamada a intervir para normalizar uma situação que podia ser evitada. Adotada a fila, grande foi o alívio que trouxe a todos, com a vantagem de ser, ademais, uma maneira simples de educar o povo a respeitar os direitos dos seus semelhantes.

Explicação tão banal só se impõe porque os senhores responsáveis não dão às queixas que temos veiculado e que o público nos traz todos os dias.

Ainda ontem tivemos a oportunidade de ver na Praça Mauá, a vergonheira da invasão dos carros da Duque de Caxias Auto Ônibus. Além da fila dos passageiros sentados, além da fila de pé, fonte de muitos aborrecimentos, mais uma fila, notem bem: a fila dos abusados, a fila dos que não temem a lei, a fila dos que são capazes até de matar, contanto que viajem como quiserem. A consequência é essa: ao lado da fila de sentados, surge à boca do carro uma outra paralela, é claro, para sentar-se também. Mas ninguém fala, ninguém pia. A Empresa não reprime, os guardas do trânsito primam pela ausência bebericando nos bares, ninguém, nenhuma autoridade aparece para por ordem naquela sem-vergonhice.

Precisa-se dizer alguma coisa mais? Poderemos chegar a maior anarquia? Só mesmo o assalto, uns massacrando os outros, falta ocorrer, salvo se algum passageiro esquentado passar fogo noutro ou um maluco qualquer dispersar os paraquedistas à faca. Só falta isso e cremos que



não tardará. Por isso é que dizemos: vai jorrar sangue! Sim, vai jorrar sangue, inutilmente, criminosamente, mas porque não há quem se interesse por resolver um caso tão simples. Vamos presenciar conflitos perigosos e é mister que se diga: a culpa deles recairá totalmente sobre a Empresa e o Serviço de Trânsito do Rio e de Caxias. A Companhia de ônibus também é responsável. Segundo nos parece, ela desinteressa-se do assunto talvez porque não disponha de ônibus suficiente para atender o público.

Nesse caso compete à Prefeitura conceder licença para mais uma empresa que deseje concorrer no transporte. O público é que não pode ficar à mercê de tanta desídia e sofrer impiedosamente com o risco até da própria vida.

Faremos nossas reclamações chegar até a Chefia do Serviço de Trânsito da Capital Federal e mais além. O que não é possível é que perdue a vergonha que se observa todos os dias nas filas da Duque de Caxias Auto Ônibus.

Aqui em Caxias dispomos de uma numerosa Guarda Municipal. A presença dela seria uma solução para o embarque de manhã. O retorno caberia às autoridades do Rio. Aqui e lá, porém, faz-se necessária a cooperação decidida da empresa concessionária. Que ela não esqueça isso! (1°)

---

1º) «Fólia da Cidade», de 7/2/1954.

## CAPITULO XI

### AS CANCELAS FATAIS

Ou, então, eram as inexoráveis passagens de níveis, sem cancelas, sem sinais, que ceifavam vidas:

«Um jovem branco, aparentando contar 30 anos de idade, trajando terno claro e sapato preto, perdeu a vida de maneira horrível sob as rodas de um trem de passageiros, de prefixo P-3 que trafegava com destino a Barão de Mauá, cuja locomotiva era conduzida pelo maquinista Ezequiel de Maio (60 anos, rua Alice, n.º 84, Penha) ao atravessar o leito da linha férrea, próximo a ponte sobre o rio Iguaçu.

O cadáver não foi identificado e as autoridades policiais de Duque de Caxias, fizeram remover o corpo da vítima para o necrotério da localidade. Em poder do morto encontraram apenas dois envelopes de pagamento com os nomes de Domingos e José Alves (1º)  
Ou, então:

#### «ESTRAÇALHADO PELO TREM»

O ANCIÃO TEVE O CRANIO ESFACELADO EM CAXIAS.  
A LAMENTAVEL OCORRÊNCIA.

São inúmeras as vítimas das famosas passagens de níveis nos subúrbios leopoldinenses.

Em Duque de Caxias, o número de vítimas cresce na razão direta da necessidade urgente de um viaduto.

1º) «O Dia», de 17/5/1955.

A ponte, já há muito prometida pela Companhia Imobiliária 25 de Agosto, continua esquecida, apesar dos compromissos assumidos com a Prefeitura local.

Ainda na noite de sábado último, um chefe de família foi tragicamente colhido e morto por trem.

A vítima, Arnaldo Silva (brasileiro, preto, casado, com 52 anos, residente à rua Dr. Alberto de Menezes, 461, no Centenário) despreocupadamente atravessava a linha férrea na passagem de nível.

Súbito surgiu, como um bólido, a locomotiva número 366 S-11, dirigida pelo maquinista Antonio Corrêa.

O ancião ainda tentou escapar, mas foi inútil. Colhido e jogado a distância, teve seu corpo esfaçalhado, ficando o crânio esfacelado.

#### NAO TEVE CULPA

O maquinista foi preso em flagrante por populares e conduzido à Delegacia de Polícia de Duque de Caxias onde estava de plantão o investigador Clóvis Pereira da Silva.

Declarou que a cancela só estava aberta para o trem, não tendo, portanto, culpa do lamentável fato.

Foi posto em liberdade ao mesmo tempo que os despojos do inditoso chefe de família eram removidos para o necrotério da municipalidade. Foi aberto inquérito. (1º)»

---

1º) «Luta Democrática».

## CAPITULO XII

### BACO NASCEU EM CAXIAS

Como repórter, como advogado, como policial ou mesmo como um apaixonado por viagens, tenho corrido esses Brasís, aprofundando-me pelos interiores vizinhos ao meu domicílio. E, este mal de Baco que dizima, milhares de pessoas úteis à sociedade, que de alcoolatras, convertem-se em párias, encontrou um templo promissor na terra de Lima e Silva.

Nunca vi um lugar que se bebesse tanto como em Duque de Caxias. Bebia-se de tudo, desde a cachaça do Mario Pina até o caro uisque. A cena mais comum em Duque de Caxias era um bêbedo estirado no asfalto ou na calçada, um pobre diabo, gritando pornografias ou ameaçando às famílias em plena via pública.

O alcoolismo em Caxias, suas conseqüências, os crimes por ele praticados, o desvario em que vivi com terríveis "delirius tremens", é motivo para um outro volume desta série. No momento presente, reportar-me-ei, apenas, a alguns fatos motivados pela embriagues, publicados por mim ou pelos confrades:

#### «BEBEU ATÉ MORRER»

#### IMBARIÊ LAMENTA A MORTE DO «ONÇA DE OLARIA»

A população de Imbariê, 3.º Distrito de Duque de Caxias, já estava acostumada com as costumeiras bebedeiras de Antonio Laureço (brasileiro, preto, casado, com 43 anos de idade, residente à Rua Izabel, s/n.º).

mais conhecido por "Onça de Olaria". Todavia nunca o viram tão embriagado como na noite de anteontem. O rapaz abusara demasiadamente do álcool e se recolhera ao leito em estado lamentável.

No dia seguinte, estava morto. A bebida matou-o. Seu corpo foi removido para o necrotério de Duque de Caxias. O morto deixa viúva e dois filhos. (1º)

Os bebedores mereciam a estima da cidade. Alguns gozavam de lugar de destaque na sociedade local, como o "João Doceiro" ou Tupinambá de Castro. Outros, menos favorecidos pela sorte, tornavam-se figuras populares, comentados pelos municípios, entre rodadas de chops ou de batida de limão. E, quando os «loucos do volante» os matavam a imprensa não podia deixar de comentar:

#### «ATROPELADO E MORTO»

#### «CAMARÃO» ERA FIGURA POPULAR EM CAXIAS

Figura bastante popular em Duque de Caxias, João Maciel de Moraes, mais conhecido por "Camarão" (brasileiro, branco, solteiro, com 35 anos de idade, residente à Avenida Duque de Caxias, n.º 104, fundos) caminhava aos primeiros minutos da madrugada de hoje, perto de sua residência, completamente bêbedo quando foi colhido e morto por um carro não identificado.

O fato ocorreu em frente ao número 80 daquela artéria e o Sr. Hamilton Diniz da Cruz, domiciliado no número 84 da mesma avenida, comunicou o fato ao auxiliar de polícia Armando de Belo França, que compareceu ao local, removendo o corpo para o necrotério da municipalidade». (2.º).

1º) «Luta Democrática», de 14/9/1955.

2º) «Luta Democrática», de 23/11/1965.

## CAPITULO XIII

### A CISTERNA DA MORTE

Na época das andanças de "Sabaró", Caxias não tinha água potável, encanada, da rua. Era de poço insalubre, imprestável para se beber. Tornava-se necessário apanhá-la em locais privilegiados, às vezes distantes das residências. Era triste de se vêr crianças e donas de casas, "latas d'água à cabeça lá vem Maria", subindo e decendo o morro, entrando e saindo das favelas, ou até mesmo das luxuosas residências.

A falta de água potável deu, em consequência, uma boa fonte de renda, para os funcionários da Prefeitura, que ganhavam gordas propinas, para, com o carro-pipa, vendê-las às pessoas de recursos, quando, a bem da verdade, a idéia da distribuição surgiu no sentido de amenizar as dificuldades das famílias menos favorecidas pela sorte.

Vendia-se a cinco cruzeiros uma lata de banha d'água daquelas de cinco quilos, o que vale dizer, um quilo a um cruzeiro.

Na Praça do Pacificador, havia uma bica pública, com guarda municipal vigilante, vigilante não para que se respeitasse a fila, mas sim para acharcar donas de casas e negrinhos. Tinham que dar uns trocados para terem o direito de matar a sede.

E a mineral? Litros e mais litros da Teresópolis, eram vendidas nos bares, restaurantes e tendinhas. Português ficava rico só em falsificar a mineral. . . Quando surgiu a sem gás, a mistura ficou mais fácil, o freguês não notava, mesmo porque a tal com gás, provocava diarréia e vômitos.

Havia e há ainda uma profissão não sindicalizada: a do abridor de poços. Homens musculosos e bebedores de cachaça, sem emprego, ganhavam a vida, abrindo cisternas nos quintais e até mesmo nos terrenos

baldios. Abriam, mas não tampavam, deixando assim um semeador de mortes para crianças, um paradeiro para negros espancados na calada da madrugada no 311.

O último capítulo do primeiro volume desta série dá-nos conta da minha vinda do local de uma criança morta, cujo cadáver fôra retirado de um poço.

Poço este, criança, aquela, depositada ao lado de um monte de lixo, que possibilitou a descoberta de que os presos espancados até a morte pelos "alcaguetes" da Delegacia de Polícia de Duque de Caxias eram jogados dentro da cisterna abandonada e seca, situada nos fundos do quintal do fatídico 311.

Mas aquela criança não foi a primeira, — infelizmente — também não será a última a perecer nos poços, mesmo porque só no Governo de Roberto Silveira foi que se colocou o precioso líquido nas residências e nos edifícios. Mas não em todos, mesmo porque os canos não furaram todas as ruas, e há quem não tenha recursos para pagar a taxa d'água ou a necessária instalação hidráulica.

E o rosário de crianças mortas era imenso:

"A família já estava apreensiva com o estranho desaparecimento do menor Jorge Antônio, de 4 anos de idade, filho de Catarina Rodrigues dos Santos e residente numa casa, sem número, da Rua José de Alencar, em Duque de Caxias.

O menino sumira, como se tivesse sido tragado pela terra. Mais tarde, foram descobrir seu cadáver, boiando nas águas de um poço abandonado num terreno baldio, onde o guri costumava brincar. Naturalmente, êle caíra na cisterna e ninguém ouviu seus gritos.

O fato foi registrado pelo investigador Nascimento, na Delegacia de Duque de Caxias" (1.º).

Mas, as cisternas não eram, em Caxias, naquelas éras, palcos, apenas para acidentes fatais ou para sevícias policiais. Para suicídios também.

#### «JOGOU-SE NO POÇO»

#### IMPRESSIONANTE SUICÍDIO DE UM ITALIANO

Por motivos ignorados, ontem, em Imbariê, 3.º Distrito de Duque de Caxias, um italiano de 82 anos de idade, jogou-se em um poço, para morrer afogado pouco depois.

Cientificado do ocorrido, o perito Barros, responsável pela sub-delegacia, compareceu ao local. Encetando diligências, apurou que o suicida chamava-se Nazareno, residente na localidade. Ultimamente andava doentio e tristonho, não esperando, todavia, seus parentes, por tal tresloucado gesto.

O corpo, depois de autopsiado, foi sepultado em Raiz da Serra». (2.º)

1º) «Luta Democrática», de 11/5/1955.

2º) «Luta Democrática», de 22/7/1954.

Muitos anos depois, em 5/6/78, "O Dia" entrevistou o autor, publicando com o título "Fim da velha Delegacia — Temor aos fantasmas lembra um passado de violência e tragédia", uma longa reportagem, inclusive sobre o poço situado nos fundos do "311". Ei-la:

Foi demolido, há pouco menos de um mês, o prédio número 311 da Avenida Plínio Casado, próximo à linha do trem, em Duque de Caxias. Quem passasse por lá, durante a demolição, ficava impressionado com a força que os tratores e escavadeiras precisavam usar para pôr abaixo paredes e vigas aparentemente tão velhas e desgastadas pelo tempo. Durante dois dias, operários trabalharam no lugar, conseguindo depois de muito esforço, derrubar a pequena casa do tempo do Império que, durante mais de meio século, serviu de palco a tragédias e atos de violência que se tornaram famosos pela tradição popular.

Dentro de algumas semanas a área deverá estar totalmente limpa, nivelada e preparada para o início da construção do novo terminal rodoviário de Caxias, desaparecendo por completo qualquer vestígio da antiga delegacia policial que até hoje é lembrada por muitos moradores do bairro com tristeza e horror. É que eles sabem de histórias fantásticas, mas verdadeiras, que lá aconteceram, nos tempos em que Duque de Caxias nada mais era que uma típica cidade livre — do tipo das do "faroeste" americano — onde a autoridade era medida pelo tamanho do revólver que se portasse na cintura.

Povo e polícia mediam forças diariamente, em plena rua, saindo-se vencedor, o mais rápido no gatilho. O índice de criminalidade crescia assustadoramente, sem que se tomasse providência alguma. Somente os crimes políticos, ou os mais graves, alardeados pela imprensa, mereciam a preocupação das autoridades. Durante anos a fio, policiais e "alcagüetes" mandavam na cidade, prendendo qualquer um e muitas vezes matando os suspeitos de homicídios de tanta pancada, dentro da velha delegacia.

Os gritos das vítimas eram ouvidos à distância, apavorando a todos. Décadas depois, quando a delegacia já não mais funcionava no 311, os mesmos gritos voltaram a ser ouvidos. Mas desta vez eram almas penadas e fantasmas que clamavam por socorro, justiça e clemência, segundo o povo lembrando, na memória de todos, as torturas sofridas e os trágicos acontecimentos daquela época, que hoje se transformaram quase em lendas de tão estranhos e trágicos que foram.

#### GRITOS DE ANGÚSTIA E DOR

Situada entre a Avenida Plínio Casado e a Estrada Rio-Petrópolis, hoje Avenida Presidente Kennedy, a casa que foi ocupada por mais de 50 anos pela delegacia de Duque de Caxias era de estuque, com finas paredes de bambu e barro socado. Construída no começo do século por uma mulher rica, que lidava com jóias, a casa tinha apenas uma sala, um banheiro, uma cozinha e dois quartos. No quintal, havia um poço, que provia toda a água usada pela moradora. Este poço, hoje difícil de ser



localizado, pois foi soterrado pelos escombros da demolição, na época em que a delegacia lá estava alojada era chamado de "a cisterna da morte", sendo o pavor de qualquer marginal

Há muitos anos, a Prefeitura desapropriou a casa, a dona foi indenizada e para lá se mudou a delegacia. Um dos quartos passou a ser o gabinete do delegado, a sala era o plantão policial — onde ficavam dois soldados com perneiras, um investigador e vários "alcagüetes" — a cozinha virou um xadrez improvisado. Mais tarde construiu-se, no quintal, uma meia água de tijolos e cimento, para servir de cárcere.

Naquela época, entretanto, Duque de Caxias ainda era um município de Nova Iguaçu. Os policiais, que já faziam "blitzes", saíam montados em cavalos, e, quando traziam bandidos, estes vinham a pé, amarrados. A única viatura motorizada da delegacia era um antigo jipe norte-americano, sobra da guerra, que a prefeitura emprestava ao delegado para ajudar algumas investigações em locais mais distantes.

Com o número de homicídios sempre aumentando, e o de prisões também sempre crescendo, começou a ocorrer um fenômeno estranho no xadrez: sempre havia lugar para mais um preso, por mais numerosos que fossem os detidos. Havia dias, inclusive, em que as celas ficavam vazias, apesar de nenhum preso ter sido solto ou fugido. Para onde teriam ido eles? Como poderiam desaparecer durante a noite sem que ninguém visse nada?

Os gritos de dor ouvidos pelos vizinhos, porém, e a presença do poço nos fundos da casa, eram as únicas explicações encontradas para justificar o desaparecimento de tanta gente. Os "alcagüetes" e os investigadores, que surravam os suspeitos na esperança de conseguir confissões de crimes muitas vezes não cometidos, acabavam por matar os detentos, jogando-os, à noite, dentro do poço, e cobrindo tudo com lixo e terra.

Quando os corpos se avolumavam, e o cheiro de podridão tornava-se insuportável, também na calada da noite os policiais os removiam do poço e os jogavam no Rio da Guarda, em Itaguaí, ou no Rio Iguaçu, em Caxias mesmo. Quando eram encontrados, já estavam tão deformados e em tal estado de putrefação que ninguém os conseguia identificar.

Outra fórmula encontrada para dar sumiço aos corpos, também muito utilizada pelos policiais de então, era jogá-los nos trens que passavam em frente à delegacia. Como os "maria fumaça" andavam com pouca velocidade, ficava fácil colocar os cadáveres dentro dos vagões de carga, e estes só eram descobertos de manhã, quando o trem descarregava na estação final. E o desespero dos fiscais das composições era enorme, pois não conseguiam explicar a presença de um ou mais corpos misturados ao minério que transportavam.

Ainda usando os trens, muitos corpos eram colocados na própria linha férrea, sobre os trilhos. À noite, o maquinista não via o que estava à sua frente e passava por cima, esfacelando os cadáveres. Pela manhã passantes achavam que as vítimas tinham sido mortas ao tentar atravessar a linha, e nem percebiam os furos feitos por armas de fogo ou as marcas de cordas ou algemas nos pulsos e nas pernas.>

## CAPITULO XIV

### O CANAL DA MORTE

No primeiro volume desta série, intitulado "Sangue no 311", re-  
portei-me em um capítulo denominado "Canal da Morte", sobre o crime  
praticado pelos alcagüetes de polícia que, no Canal Meriti, na fronteira  
de Duque de Caxias com a então Capital da República, jogavam os ca-  
dáveres dos presos seviciados, até à morte, nos xadreses imundos da De-  
legacia.

Além destes corpos, apareciam muitos outros, de "pingentes" que  
se precipitavam nas escuras águas, despencados dos trens da Leopoldina:

#### «BATEU COM A CABEÇA NO POSTE

O INFELIZ VIAJAVA COMO «PINGENTE», NUM  
TREM DA LEOPOLDINA, CAIU NO RIO E  
DESAPARECEU.

Viajando como "pingente", num trem da Leopoldina, que se diri-  
gia à Barão de Mauá, de prefixo não indentificado, um desconhecido de  
18 anos presumíveis, de côr preta trajando calças cáqui e camisa branca,  
encontrou à morte ao bater com a cabeça num poste, sobre a ponte do  
Rio Meriti, localizado próximo a Vigário Geral. Com a pancada recebida,  
o infeliz caiu no rio desaparecendo, logo a seguir.

O fato foi testemunhado por várias pessoas, que nada puderam  
fazer a favor da vítima, em virtude da rapidez dos acontecimentos. O  
investigador Hamilton da Delegacia de Caxias, tomando conhecimento

do fato transportou-se ao local, mas, apenas encontrou um banê boiando nas águas. As pesquisas prosseguem para encontrar o corpo do infeliz.

Ao que informou o referido policial o poste localizado sobre a ponte fica muito rente à linha do trem, o que já deu causa a numerosos acidentes».

Conforme este volume, Duque de Caxias apesar de ser banhada por mar, não tem praias. E assim sendo, os banhistas, quando não procuram Ramos ou Ilha do Governador, na Guanabara, ou Mauá em Magé, ficam por ali mesmo, em Caxias, nos rios ou no Canal da Morte, e o resultado é o seguinte:

### «BANHO FATAL

#### O OPERÁRIO MORREU AFOGADO NO CANAL MERITI.

Na manhã de ontem, o operário Jorge da Silva, brasileiro, branco, solteiro, com 19 anos, residente na rua Flávio, 318, dirigiu-se em companhia, de alguns amigos ao Canal Meriti, em Duque de Caxias, afim de tomar banho. Demorou-se ali em brincadeiras com seus amigos, até que estes sentiram sua falta. Procuraram-no durante muito tempo, mas foi tudo inútil. Horas mais tarde, encontraram-no morto, no fundo do canal.

O caso foi levado ao conhecimento do investigador Haminton, de dia na Delegacia de Duque de Caxias, sendo o corpo removido para o necrotério daquele município, para ser autopsiado.

Foi aberto inquérito».

Muitos anos depois, o canal da Morte continuou merecendo a preocupação da imprensa. Ainda em 7 de janeiro de 1966, o "Diário de Notícias", em sua edição fluminense, debatia o problema com o título "Ponte que divide os Estados do Rio e Guanabara deve ser ampliado já". E logo abaixo a matéria:

«Um dos sérios problemas que ainda não teve a devida solução na Baixada Fluminense é, sem dúvida alguma, a ponte da estrada que faz a ligação da cidade de Duque de Caxias com a Guanabara, através de Vigário Geral, a conhecida Rio-Petrópolis, que atualmente encontra-se em vias de se tornar impraticável, por causa do estado em que se encontra, principalmente pela largura da pista, já insignificante para o intenso tráfego, principalmente de coletivos daquela importante rodovia.

A reportagem do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, já por várias vezes tem levantado a questão, com o objetivo único de levar ao conhecimento do secretário de Comunicações e Transportes, engenheiro Mário de Abreu, o estado de abandono em que se encontra aquela obra relevante na ligação dos dois Estados.

Esta ponte é a que existe sobre o Rio Meriti, que corta a antiga Rodovia Rio-Petrópolis, e que foi construída quando o município de Duque de Caxias, possuía um movimento de veículos insignificante e um desenvolvimento acanhado, o que representava uma demanda de veículo

bem reduzida para a cidade, apesar de ser ela também caminho para a vizinha cidade de Petrópolis.

Por esse motivo, a ponte já citada, tem dimensão ridícula quanto à largura, não permitindo a passagem de dois automóveis de tamanho médio, o que, em certas horas do dia, causa congestionamento em suas proximidades.

#### «OBRAS CONTINUAM:

#### PONTE DE VIGARIO

Obras urgentes fazem-se necessárias a fim de que seja resolvido esse grave transtorno para a vida dos caxienses e para isso o Estado deve estar aparelhado, faltando apenas que seja levado o problema às esferas administrativas estaduais”.

— oOo —

Ainda hoje, é a preocupação das autoridades e da imprensa, pois “A Voz dos Municípios Fluminenses”, numa matéria publicada em 6/10/78, de autoria do seu representante em Duque de Caxias, jornalista Carlos Ramos nos dava conta de que:

O Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Rio de Janeiro iniciou, finalmente, o aterro das cabeceiras da nova ponte de Vigário Geral, sobre o rio Meriti, construída pelo DNOS e que liga o Município do Rio de Janeiro a Duque de Caxias. Para que possa ser utilizada a nova ponte, ficará faltando apenas o asfaltamento do desvio da antiga Estrada Rio-Petrópolis, numa extensão de cerca de 2 quilômetros. As obras de aterro, entretanto, seguem em ritmo lento, talvez seguro e gradual, mas tudo leva a se acreditar que o Governador Faria Lima não conseguirá inaugurar a nova ponte de Vigário Geral, a exemplo do que está ocorrendo com a ponte de Gramacho, sobre o rio Sarapuí, igualmente construída pelo DNOS e que ainda não pode ser utilizada, enquanto quase diariamente se registram acidentes, alguns com vítimas fatais, na velha ponte, que já não tem sequer as muretas laterais de proteção. A conclusão dessas duas pontes é ansiosamente esperada, pois delas espera-se sensível melhora no tráfego da cidade, já por demais congestionado nas horas de maior movimento.»

## CAPITULO XV

### OS HOMENS TERRIVELMENTE BRANCOS

Duque de Caxias, além fronteiras, era conhecida como Terra da Contravenção, do «Jogo de bicho», dos cassinos. Ali jogava-se abertamente, nas esquinas, nas calçadas, na feira livre, nos botequins, isto sem falar nos recintos fechados, semi-oficiais ou clandestinos.

Era um pano verde, para a delícia do negro «Sabará», que nunca perdia a sua oportunidade de fazer uma fezinha. Era um pano verde que se estendia ao longo da Estrada Rio-Petrópolis, entrava, como um tapete, pelas residências a dentro, envolvendo do patrão à empregada.

O «Jogo de bicho» sempre esteve entregue a um senhor, cujo verdadeiro nome omitimos, mais conhecido como João «Bicheiro». Era o proprietário das agências Lotéricas «Três Batutas», distribuída em toda a cidade, com um posto em cada bairro, para facilitar as apostas dos operários e das donas de casa. Mas o forte estava concentrado num velho prédio, ao réz do chão, com uma enorme loja, em frente à estação. Abria-se as quatro horas, para o «bicho», com diversos guiches funcionando logo na entrada. Nos fundos, havia a roleta, constituída com uma roda, cheia de animais ou insetos que se correspondia com números, exatamente os do «jogo de bicho», com uma seta que iria apontar, quando a roda parasse, quem ganhou. Ao lado, ainda nos fundos, uma mesa, coberta por um pano, igualmente dividido em animais enumeradas. Ali, jogava-se com dados, que o contraventor atirava sobre o pano com uma combuca. E o fazia com estardalhaço, a fim de chamar a freguesia, denominando isto de «bater».

O encarregado desta secção, geralmente, era o José Travassos, mais conhecido como «Russo Leão». Gordo, sempre alegre, o contraventor era bom sujeito. Natural de Pernambuco, viera já há muito para a Cidade Aberta, e ali fora trabalhar com os «Três Batutas», onde defendia-se com uma nota de respeito, mas ambicionava mais, queria ser banqueiro, ter a sua própria banca. (1º)

«Russo Leão» conhecia todos os donos da cidade, principalmente «Sabará», com quem conversava, era bom se dar com esta gente, ninguém sabe o dia de amanhã. O contraventor tirava todos os marginais de letra, era pior do que tira, bastava olhar. Tinha experiência em lidar com malandros desde lá do nordeste. Em Caxias, então, desenvolvera o seu talento. Dava-se com todos, gostava de «Sabará», mas não topava o Lamounier Gomes, vulgo «Lamour», brasileiro, pardo, solteiro, com 30 anos, sem profissão e residência definida. Não topava, porque assaltava os pontos de «jogo de bicho», prejudicava o negócio, os fregueses tinham medo de apostar nos bairros distantes, principalmente na Vila São Luís. Só ali no centro, em frente à Estação onde «Lamour» não era doido de chegar. «Russo Leão» gostava de palestrar com eles, pagava de vez em quando uma cachaça. E eles se abriam, contavam seus assaltos, vendiam bagulhos para o Waldemiro Zotolo, vulgo «Bia», «bicheiro» também. (1.º) Mas «Russo Leão» não comprava, que não era besta de botar a mão em cumbuca, macaco velho que era.

Quanto a «Lamour», os constantes assaltos na Vila São Luís e no Centenário, nos pontos de «jogo de bicho» já começavam a incomodar «João Bicheiro», que, de princípio, não fez questão, mais uns mil cruzeiros, menos uns mil cruzeiros, não iam pesar na balança. Mas a audácia, sim. Já pensou se a moda pega, era um tal de marginal agarrar «bicheiro» com a grana no bolso, grana da casa, pelo colarinho, ou de «berro» em punho; a firma ia à falência. Assim, urgia tomar drásticas providências, como era de praxe em Caxias. O negócio era matar.

E deu as ordens.

«Sabará» soube da triste notícia que «Lamour» estava sendo caçado. E correu para avisar o ameaçado na Vila São Luiz. Ali, soube por intermédio de «Cocute» onde o amigo se encontrava. Era um novo esconderijo, que só ele e «Banda» conheciam.

«Cocute» respondeu que «Banda» estava em cana no 311, este Dr. Abdala Abrahão era terrível, estava acabando com o bando a ferro e a fogo. «Banda» estava preso já há uma semana, e saía para a «piaba» todas as madrugadas, às duas horas. Os investigadores avisavam com antecedência a que hora ele ia sair para o pau.

«Sabará» apiedou-se. Ele sabia o que era uma «piaba» saíra para muitas, sempre avisavam, num requinte de perversidade a que horas era a sessão espírita.

1º) Acabou realizando o seu sonho, fundando o «Caçula de Caxias».

1º) «Bia», juntamente com mais cinco marginais de alta periculosidade foram presos pelo Delegado Sérgio Rodrigues, pelas mortes de Arlete Medeiros (mulher de José Francisco da Silva, o «Gordo») e seu filho Wallace, de menos de dois anos de idade.

O lance era salvar «Lamour», pois «Banda» era um caso perdido. es homem não estavam brincando, o tal do Dr. Abdala Abraão era fogo, tinha um «alcaguete, Armando de Belo França, pior ainda.

«Cocute» continuou no botequim jogando «ronda» a valer Brahma, «Sabará» continuou viagem, rumo ao esconderijo de «Banda» e «Lamour». Encontrou-o, limpando uma «45», um portento de arma, que o negro namorou. Há muito que estava na mão, assaltava dando gravata, rasteira e cabeçada. Às vezes, achava que era muito melhor, não havia o perigo de matar um otário, de assalto converter em latrocínio. Deus me livre, São Bento!

«Lamour» ouviu calado todas as notícias sobre a decretação de sua morte. E como resposta, apenas, municiou o pente e com estardilhaço e violência, colocou-o na máquina, repleta e luzidia. «Sabará» insistiu, deu conselhos que ele deveria dar um «pinote forçado» para Ramas, ou Madureira, onde a barra estava menos pesada. «Lamour» aquieceu, mas antes prognosticou:

— Tá bão, vô dá o fora, mas primeiro mato um. Tu vai vê.

E com a «45» à cinta, ganhou a rua disposto a defender a sua vida e o império da cidade.

E enquanto isto, a jogatina continuava montando cassinos.

«João Bicheiro» mandou construir um prédio próprio para um luxuoso cassino, na rua Coronel Manoel Teles, perto do Mangue, valhacouto de ladrões e de famílias pobres, que com os primeiros viviam em promiscuidade. Tal vizinhança poderia provocar assaltos, ou o incômodo de pedir esmolas, aos parceiros endinheirados, procedentes do Rio, pois os maradores de Caxias, mesmo, de jogo pouca queriam saber. Gostavam da jogatina, pois o dinheiro corria a rodo, a cidade saía ganhando, o comércio crescia, e com ele bons prédios. Basta dizer que nenhum prefeito tinha se dignado a calçar a Manoel Teles. Coube a «João Bicheiro» mandar uma máquina, abrir uma vala para correr as enchurradas, endireitar tudo. Calçou até um certo pedaço, para facilitar a vinda e a volta dos carros procedentes da Cinelândia e da Zona Sul, da Capital da República.

«Russo Leão» era o porteiro, exigia gravata ou blusão de linho, sorria gentil e cavalheiresco para as modames de decote atrevido e fazendo flu-flu com os vestidos de seda.

Elas entravam, de braços dados com os seus maridos ou amantes, jogavam mais do que eies.

Nos fundos, um bar, com sanduiches, café e cigarros de graça. E mais no fundo ainda, o alojamento dos crupiers, homens terrivelmente brancos, pálidos, de impecável camisa branca, de dedos finos e bem tratados. Fumavam cigarros de piteiras ou de pontas de cortiça, jamais conversavam sobre a profissão. Somente os mais velhos, lembravam, de quando em vez, os saudosos tempos dos Cassinos Atlântico e Icarai, no tempo da Ditadura. Eram decadentes, saiam da zona de ricos, no tempo da legalidade, trabalhavam, agora em Caxias, terra de negro, de um tal de Tenório Cavalcanti que matava por me dar lá aquela palha. Mas, o que

se podia fazer? Tinham que ganhar a vida, possuíam famílias para sustentar, aquela era a profissão de todos à de crupier, não sabiam fazer mais nada...

E no enorme salão, diziam os números e as cores felizardas, naquela entonação de voz cansada e triste, num mesmo diapasão:

— Vermelho, treze. Façam o jogo, senhores...

As madames debruçavam-se sobre a mesa mostravam os seios gordos e flácidos. Estavam felizes, nada melhor do que um bom joguinho, não tinha importância ganhar ou perder, os maridos ou os amantes tinham dinheiro. O bom era a sensação do jogo, do proibido, da aventura. Volta e meia, uma delas perdia uma jóia. O encarregado de limpeza, que outra coisa não fazia se não usar uma vassourinha, jogando o lixo em um recipiente, achava, ficava para ele, ganhando assim numa só noite o pagamento de todo um mês. Álvaro Saraiva não gostava, obrigava a devolução, mas as vezes nem ele mesmo sabia a quem pertencia. A casa estava cheia, deixava ficar para o rapaz, homem bom que ele era.

Homens sizudos, de grandes negócios, perdiam milhões, assinavam cheques, facilmente descontáveis. Era a honra de um homem que estava em jogo, tanto quanto o vermelho 13, dívida de jogo era coisa séria.

De raro em raro, surgia alguém de Caxias para jogar. Dava mais curiosos, queriam ver de perto as cenas reais que só admiravam no cinema. Rapazes da Turma do Esculacho<sup>(1)</sup> iam apreciar as mulheres bonitas, de busto de fora, de olhares lânguidos. Quem sabe se não davam sorte e não arrastavam uma para o caixote? Sempre ouviram dizer que estas damas da «*rich society*» eram histéricas. Gostavam de variar, inventavam posição na cama, de deixar um rapaz maluco. Melhor, mil vezes melhor do que as prostitutas dos boites caixienses, tinham mais experiências do que as profissionais. Mas muito raro um dos rapazes ganharam uma dona boa, daquelas. Elas vinham com pressa, queriam apenas passar a noite jogando, nada de conhecer a cidade e muito menos o povo ali residente. Deus que me perdoe lidar com homens de Caxias! Carregavam armas por todos os lados, até nos dentes! Carinho, que é bom, neça. Só pancada! Preferiam jogar, perder ou ganhar, e depois, voltar correndo, para Copacabana ou Laranjeiras, o carro já as esperavam lá fora.

Havia também, a considerar, os moradores do Mangue, atraídos pelas grandes luzes, pelos carros vistosos e pelas madames de vestidos lindos. E estas famílias, ficavam ao longe, nas portas dos barracos, apreciando o movimento, como no Carnaval, assistindo os Préstitos, ou um casamento da filha de um ricoço, residente no mesmo bairro. Viam de longe, comentando aquele carro, aquele vestido, os ordenados dos empregados, rezando para que os filhos se tornassem crupiers também.

De repente surgia a ordem para parar. O «*ultimatum*» procedia de Niterói e estorava em Caxias como uma bomba. Mas eram coisas da política, vai e vem natural, os banqueiros já sabiam disto.

1º) «Turmas do Esculacho», autêntica Juventude Transviada.



E a rica Mansão ficou deserta. Já não mais ali estacionavam luxuosos carros. Nem as madames de vestidos de seda, fazendo flu-flu, não mais subiam as escadas, de braços dados com seus maridos ou seus amantes. Foi-se tudo embora, com o cassino. Já há tempo que o Sr. Álvaro Saraiva vivia dizendo que para abrir a casa, quando enfiava a chave na fechadura, gastava, por dia quatrocentos cruzeiros. Até as famílias dos favelados afastaram-se, reclamando contra a falta do passa-tempo das noites ao pé do cassino, assistindo, invejosas o desfile de lindos vestidos e belos carros. Não gozavam a desgraça alheia, achavam que estava certo haver jogo. Joga quem quer, elas, as donas de casa, e seus maridos, os operários, também não faziam fezinha no «bicho»? Por que os ricos também não podem jogar verdadeiras fortunas no cabaret ou na roleta? Não estava certo.

E o prédio, altaneiro e silencioso, aquietou-se, como um cemitério, igualzinho ao do Corte Oito.

Sua fachada, branca e sóbria, refletia ao longe. Do Mangue dos negros foragidos, ele é admirado, saliente e patronal. Sob as suas marquises, meninos de nariz escorrendo, brincam, à sombra, de «pega ladrão». As meninas pulam amarelinhas, os malandros fumam maconha.

Mas, as donas de casa, juram, de mãos juntas que, de quando em vez, escutam, lá de dentro um sussurro:

— Vermelho, 13. Façam o jogo, senhores...

## CAPITULO XVI

### LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO...

Mas o único cassino existente, naquela época, em Duque de Caxias, não era o do «João Bicheiro». Havia outras, como o do «Turco», membro de uma respeitável família de Caxias, cujo verdadeiro nome omitimos. Ele montou o seu cassino, primeiro num sobrado, situado na Av. Nilo Peçanha, onde foi também a Câmara de Vereadores, e depois transferiu-se para a Vila São Luís, bairro pobre, miserável, cheio de marginais, esconderijo de «Cocute» e «Banda». E as famílias, de pés no chão, em promiscuidade com os marginais, de arma na mão, viam, embaçocados, desfilar as madames e os carros do ano. As madames, nem sempre, eram do ano, mas os automóveis surgiram na praça naqueles últimos meses.

O «Turco», sabendo que tinha montado sua tavolagem em um enorme galpão, de uma extinta fábrica, que depois se converteu em gaffera, temia um assalto, não só pelos malandros, como também pelas famílias nas vizinhanças residentes. E contratou, para a sua segurança, diversos marginais, de «45» à cinta, que se espalharam em redor do carcomido prédio.

O tiro saiu pela culatra: o cassino foi assaltado, não por «Sabará», «Lamour», «Sabão», ou «Charuto», mas pelos próprios «Leões de chácara», mascarado e de arma em punho. Um dos sócios do «Turco» quase foi assassinado, por um projétil, calibre «45» que passou zunindo pela sua cabeça. Depois, abraçando pastas contendo milhões de cruzeiros, deram nos calos.

O «Turco» perdeu até alguns quilos em sua barriga. Charou pela perda de seu rico dinheirinho e contratou, particularmente, alguns policiais que fossem até ao inferno opanhar os desleais «leões de chácara» e

trazer a pequena fortuna roubada de volta. Os investigadores saíram em campo, e como sempre sãe acontecer, quando a polícia fluminense, quer trabalhar, os ladrões foram presos.

Eram chefiados por um tal de «Mangueira», com a cumplicidade do «Ceará», olheiro do cassino, pobre diabo que acabou cumprindo pena por homicídio. Os ladrões foram presos, mas a grana que é bom, mesmo nada.

O «Turco» durante anos ficou esperando o dinheiro roubado...

Quando a ordem para abrir os cassinos, surgia de Niterói, aproveitava-se o que fosse possível em Caxias para a contravenção. Até uma gafieira, localizada na Av. Brigadeiro Lima e Silva, foi aproveitada, como também uma antiga fábrica na rua Marechal Floriano, ambas no bairro 25 de agosto, tido como aristocrático, ponto predileto para os assaltos do negro «Sabará». Não eram prédios próprios, alugava-se a bom dinheiro, pois o lucro era imenso. Centenas de carros procediam do então Distrito Federal, Caxias era cidade aberta, um imenso pano verde.

Jogava-se francamente em Duque de Caxias. Tudo era motivo para a tavolagem, até os falsos parques de diversões, espalhados pelo centro, pelos bairros pobres de Caxias, com três ou quatro brinquedos para crianças e dezenas de barracas e mesas para jogos. Jogava-se de um tudo, brancos, pretos, ricos e pobres, adultos e crianças. Só na Praça do Pacificador — sala de visita da cidade — existiam dois, um de propriedade do Rubens «do Parque», que acabou preso.

No local onde depois funcionou o Forum, via-se já ao longe, um imenso Parque de Diversão, com diversas mesas de bacarat e campista, roleta e carteados. Era de propriedade de José Stefânio.

E assim, a contravenção — terrível mal social — domínava a cidade, inculcando vícios nas famílias, que, se não jogavam em seus cassinos, frequentavam os falsos parques, as bancas de «jogo de bicho». E às vezes terminavam em suicídio:

#### «A ÚLTIMA PARADA»

O operário, depois de perder seguidas vezes no jogo, suicidou-se, ingerindo poderoso corrosivo.

O operário Pedro Gomes da Silva, na quarta-feira última, estava de azar. A roda da fortuna desandou contra ele, e não havia jeito de acertar uma parada de «cook-in-play». E, sem querer sair do jogo com prejuízo Pedro dobrou a parada, sempre perdendo, até cerca da meia-noite, quando os parceiros, seus vizinhos, Manoel Machado e Francisco Borges, deram por terminado o jogo. A reunião era em casa de Manoel. Ele morava na casa da frente ambas na rua Pernambuco n.º 51, em Caxias. Pedro, porém, não se recolheu à residência. Ficou no jardim e ali ingeriu um corrosivo. As 4 horas da madrugada de ontem, encontraram-no morto. Nenhuma declaração. Presume-se tenha sido consequência do jogo.

Era o suicida solteiro, brasileiro, branco, de 40 anos de idade. (!\*)»

1\*) «O Dia», de 18/03/1955.

## CAPITULO XVII

### SÓ LADRÃO DE PÉ NO CHÃO

Com tanto jogo em Caxias é fácil de se calcular o domínio que os contraventores tinham sobre a cidade.

«O Rei dos Bicheiros» sabia disto, quando determinou a morte de «Lamour» cansado de suas sangrias nos pontos da Vila São Luís. Policiais contratados e «bicheiros», todos irmanados, na caçada humana, buscava o assaltante por toda parte. Este, prevenido por «Sabará», carregava um pente sobressalente no bolso, perto de sua inseparável «45», disposto a levar um consigo, tão certo estava de sua própria morte.

E seu cadáver apareceu na Vila São Luís, onde nascera e se criara, cursando a escola dos negros, a escola do banditismo. Apareceu de poltô fechado, com formiga na boca, cercado por quatro velas. Ao lado da mão direita, uma faca enferrujada, no «porão» (1º) um embrulhinho de maconha. E a «45»? Esta desaparecera, e «Sabará», sabia que «Lamour» não tinha o hábito de andar armado de faca, principalmente uma sem corte e enferrujada. A maconha, no «porão» era a característica de que não murrera um homem de bem. Mas «Sabará» sabia que «Lamour» não carregava seus «baseados», tinha-os de sobra em seu barraco.

As características da morte do companheiro corroboravam as suas suspeitas de que ele fora morto pela policia, com a cumplicidade de contraventores, a mando do «Rei do Bicheiros»

1º) «Porão»: bolso do «short».

E a faca, perto da mão direita, a maconha no «porão» e mais ainda as quatro velas acesas, tinham tudo da assinatura de um «alcoquete» que dia a dia, mais dominava a cidade.

Um grito de guerra aos marginais fôra dado, grito de morte, de eliminação sumária dos negros, enquanto os brancos pistoleiros profissionais, contraventores e exploradores do lenocínio aumentavam a olhos vistos.

«Sabará» não compreendia porque estes dois pesos e estas duas medidas. Porque só os negros eram perseguidos, enquanto os brancos, que roubavam mais de que eles, enricavam a olhos vistos? Porque somente os de epiderme escura eram presos e mortos, enquanto os brancos se multiplicavam, roubando e matando?

— São Bento, que mundo mais doido. Parece que tá tudo pirado do pensante, com muita fumaça na cuca...

Agora, mais esta, a ordem era matar. Os dois jornais prediletos de «Sabará» anunciavam as manchetes:

«PATÉTICA ORDEM DO DELEGADO DE CAXIAS:  
ATIREM PARA MATAR!»

E, logo abaixo, o retrato do Dr. Abdala Abraão. «Sabará», ávido, como quem estivesse lendo o seu próprio atestado de óbito, leu toda a matéria, quando então teve fortalecida a notícia de que já obtivera nos bastidores do crime: o próprio Delegado tornava pública, em entrevista à imprensa, que ordenara a seus auxiliares que atirassem para matar todo e qualquer marginal que encontrasse.

E uma verdadeira caçada humana tomou conta das ruas de Duque de Caxias.

## CAPITULO XVIII

### OS NEGROS EM FÚRIA

E as mortes se acumulavam. E era só negro que dava nas ruas de Caxias, com formiga na boca. Branco mesmo que é bom, neça. Os prostíbulos aumentavam ao longo da Estrada Rio-Petrópolis, ou em pleno centro da cidade, com mocinhas infelicitadas pelos patrões todos brancos e impunes. A prostituição aumentava na razão dos quartos dos hotéis, que recebiam menores e casais não casados, sem a necessidade de preenchimento de ficha ou de mais delongas. Era só pagar e pronto. Semanas depois, mais uma infeliz surgia para o Martins, da Churrascaria; Olinda, da Pensão; Ruth, Wanda ou Laura, dos «rendezvous».

«Sabará» se horrorizava com a dizimação dos negros que viviam à margem da lei. Revoltava-se com o fato de que só os brancos poderiam roubar, violentar, explorar o lenocínio sem que nada lhes acontecesse. Na sua concepção o termo negro ampliava-se, esticava-se, atingindo os homens brancos também, contanto que fossem pobres. Contanto que fosse ladrão de pé no chão. Ai, seria negro. Se andasse de carros, ou impune, sem medo da polícia, jamais seria preto. Forçadamente, seria branco. Assim sendo, a cor da pele não influía na mente de «Sabará». A sua condição social, sim. Dela saberia se era negro ou branco.

Mas se só os marginais negros eram assassinados, os homens de epiderme escura, se bem que pobres e íntegros, eram perseguidos pelos brancos também. Tanto assim que a União Cultural Brasileira dos Homens de Côr, com sede em Duque de Caxias, sita à rua Chaco, 13, 1.º andar, reunia-se a fim de lutar pelas suas reivindicações. Era organização que

nem de brancos, tratavam de diversos assuntos correlatos ao desenvolvimento do seu quadro social, como seja:

- 1.º) Aprovação de contas do exercício de 1.953; (1.º)
- 2.º) Anistia dos sócios atrasados nas mensalidades;
- 3.º) Reestruturação dos beneficiamentos através dos departamentos sociais: Dep. médico, Dep. dentário, Dep. de Propaganda, Dep. Cultural, Dep. Feminino, que foram planejados, inclusive os festejos, com sub-diretorias do Tinguá e Parada Angélica;
- 4.º) Reequipamento dos móveis e utensílios da sede, tornando-a em um ambiente condigno de conforto aos seus associados e suas famílias e,
- 5.º) Eleição dos cargos vagos na Diretoria e bem assim do Conselho Fiscal e Diretores dos demais Departamentos abaixo discriminados:

Presidente de Honra — Tenente Ambrosino Almeida do Nascimento e Dr. João Alvarenga de Oliveira; Vice-Presidente: Dr. José Rogério dos Santos; Secretário Geral: Prof. Theodorico dos Santos Araújo; 1.º Secretário: Edson Carlos Rodrigues; 2.º Secretário: Antônio Rodrigues; 1.º Tesoureiro: Aristides de Carvalho Chaves; 2.º Tesoureiro: Prof. Manoel Floriano dos Santos; 1.º Bibliotecário: João Virgínio de Oliveira; 2.º Bibliotecário: José Mendes; Procurador-Geral: Dr. Walter Joaquim da Rocha.

CONSELHO FISCAL: Clodoaldo Antônio Alves, Gastão Pedro da Silva Pôrto e Joaquim Rodrigues.

Eram os negros, antônimos de «Sabará», que não viviam marginalizados, procuravam, com a lei e com a cultura, fazer frente aos brancos, subrepujá-los, se possível, pacífica e democraticamente, ao contrário dos filiados de «Fiô», que guerreavam com armas nas mãos, cachaça e maco-nha na cabeça.

A União Cultural dos Homens de Cor promoveu até um concurso de Beleza, elegendo a sua Rainha. Inscrevendo-se muitas sócias e fizeram cada uma suas campanhas. Os cabos eleitorais trabalharam insistentemente, saindo vitoriosa a candidata, que aliás sempre se destacou na dianteira, a Sra. Léa da Cruz Valentim, com 4.521 votos à frente das demais. Em maio de 1954, foi coroada a Rainha da União Cultural dos Homens de Côr em Duque de Caxias, com festa de conagraçamento da Família Negra Brasileira.

Mas nela «Sabará» não entrou. Seus irmãos de côr não viam com bons olhos suas andanças, julgavam-se mesmo a ele superiores, pois não tinham ficha na polícia, não temiam aparecer com formiga na boca em um terreno baldio de Duque de Caxias.

---

1º) «Luta Democrática».

E o negro «Sabará» nem pela Rua Chaco passou. Deu volta, com respeito e triste por poder frequentar só a Churrascaria Vitória do Martins ou a Pensão da Olinda Macedo. Também, o que iria fazer naquele baile de negro metido a branco, lutando com bailes e livros contra os brancos, sempre mais poderosos, que só queriam as negras para a cozinha ou para a cama? Besteira, dizem que na América do Norte é pior, preto nem em ônibus de branco viaja, nem passeia na calçada.

No Brasil não tem disto não, mas tem pior, pois em Caxias, se mata os crioulos e deixa os brancos azedos, impunes. Cadê alguém para incomodar o «Rei dos Bicheiros», os donos dos hotéis, dos ferro-velhos, e os capangas de Tenório, com um monte de mortes nas costas? Cadê? Era tudo hipocrisia dizer que no Brasil preto também tem vez. Tem coisa nenhuma, nem direito de regeneração. Se roubou uma vez, roubará até à morte, até amanhecer no Canal Meriti, ou no poço dos fundos da Delegacia. Ou então fica chué, conforme o coitado do «Banda» quando saiu do 311. O coitado da marginal nem podia andar, tão quebrado estava, era uma «piaba» por noite, todos os dias. Quando puzeram-no em liberdade, saiu mancando, puxando de uma perna, com os rins, fígado e baço estourados de tanto ponta-pés e pauladas. Suas mãos estavam inchadas, quebraram até palmatórias. Magro, esquelético mesmo, «Sabará» teve dificuldades em reconhecer seu companheiro de aventuras. Deu-lhe o dinheiro que tinha no bolso, os cigarros também, inclusive os de maconha.

E nunca mais «Banda» foi visto. Dizem que morreu tuberculoso, chué, todo estourado por dentro. A Polícia tinha vencido mais uma batalha. Era menos um.

Por esta e por outras, «Sabará» não acreditava que os esforços dos Negros Distintos, da União Cultural dos Homens de Côr valesse alguma coisa. Calculava os esforços, as lutas do médico João da Luz, estabelecido com um consultório na Av. Nilo Peçanha, esquina com a Rua José de Alvarenga, em clinicar igualzinho os brancos, curando, sem ver a epiderme, recebendo dinheiro de madame, sem ser o entregador das compras do armazém, sem ser o carregador de mala, sem ter encerado o assoalho da casa da madame. Recebendo dinheiro de mulher de bacana por ser um médico, de anel no dedo, igualzinho dos outros médicos, como os doutores Cid Beltrão de Farias ou Antônio do Vale.

— Será que o Dr. João da Luz vai vencer na vida? Tomara que sim, mas duvido. Negro não tem vez. Ou trabalha como escravo para branco ou é ladrão, da leve e da pesada. Basta dizer que negro quando corre, tá fugindo da polícia, branco, com pressa para pegar ônibus...

«Sabará» lembrava-se da disposição de «Lamour» em levar um policial consigo para o inferno quando viessem buscá-lo. Soltara até um palavrão que bem definia o seu estado d'alma. E o negro também estava disposto a vender caro a sua vida.

Não tinha «45», nem sequer uma «7,65», mas seus braços eram grossos e musculosos, sabia dar cabeçada e capoeira como ninguém. Iria se defender, nem que fosse com um porrete.



## CAPITULO XIX

### FÚRIA DE TENÓRIO CAVALCANTI

A barra estava pesada demais para a rapaziada agir no centro da cidade, e assim sendo, locomoveram-se para locais distantes, como Santa Cruz, já no terceiro distrito de Duque de Caxias. Ali arriavam «papas» e «vermelhinhas», agarravam um ou outro otário, de berro em punho ou mesmo na marra. Nesta última modalidade «Sabará» era mestre. Sem uma arma, a não ser seus longos e musculosos braços, atracava-se com a vítima, aplicava-lhe uma gravata. O pobre diabo botava meio metro de língua para fora e não mais resistia, possibilitando desta forma que o negro esvaziasse seus bolsos.

Às vezes, botavam jogo nas tendinhas da localidade. E numa noite, «Sabará», «Charuto», Atahide (primo do primeiro), Mário «Peixeira», seu compadre e outros, arriaram uma «papa» (1.º) atraindo otários. Lá para as tantas, um nortista de má catadura teve a sua atenção despertada para o jogo e aproximou-se interessado. Arriscou uma cédula que sumiu nas mãos dos negros. Arriscou outra, já de maior valor que teve o mesmo destino. Na terceira tentativa, ganhou, o que o incentivou a prosseguir e de tal forma, que dentro em pouco o desconhecido estava liso. Só aí, então, foi que resolveu raciocinar e chegou a triste conclusão de que fora estupidamente roubado. Protestou e tentou sacar do revólver que portava à cinta. Mas os malandros desde muito que estavam de olho no berro, pois volume ele fazia na cintura do «pau de arara», e todos ali presentes tinham

1º) Papa: modalidade contravencional, considerada por muitos como estelionato.

larga experiência em vislumbrar, varando palitós e blusões, qual raio X, em busca de algum perigo. Assim sendo, quando o desconhecido tentou se coçar, já era tarde. Os três malandros toldaram-lhe os movimentos, «Sabará» com a sua famosa gravata, enquanto «Charuto» surrupiava um «38» da cintura do homem.

Ato contínuo, os malandros fugiram, depois de aplicarem um tremendo ponta-pé no trazeiro da vítima.

Mas, desde a vinda do Delegado Amyl Ney Rechaid para Duque de Caxias que a onda de azar perseguia malandros do município. Como se ainda não bastasse a ordem de **Atirem para matar do delegado** tinham cometido a maior besteira de suas vidas: assaltaram um capanga do Deputado Tenório Cavalcanti: o tal otário de Santa Cruz outro não era se não o famoso pistoleiro Francisco Sabino, não se sabe com quantas mortes nas costas. E pior ainda: o «38» era do «Homem da Capa Preta», emprestado ao capanga para tomar conta de um sítio naquela localidade.

Quando o dono da «Fortaleza» e da «Lurdinha» soube do roubo, espumou pelos cantos da boca. Telefonou imediatamente para o Delegado e protestou veemente contra o despolicimento do município, enquanto seu jornal noticiava que a polícia só se preocupava com a estia dos «bicheiros» e dos exploradores de lenocínio, deixando a cidade a mercê dos ladrões. Tenório queria porque queria o seu «38» e dar um ensino à malandragem para que, no futuro, soubesse adivinhar e respeitar um homem seu.

Assim sendo, o Vingador dos Negros passou a se vingar nos negros, lançando mais do que nunca o terror em «Sabará» e seus companheiros.

Era um Deus nos acuda! Diariamente capangas de Tenório e homens do Delegado saíam em campo em busca dos malandros, dispostos a matar, não a prender. Tenório — sempre tão seguro com seu dinheiro — chegou ao ponto de dar duzentos cruzeiros diários para a despesa, com tanto que trouxessem seu revólver de volta e dessem um ensino aos atrevidos. E as camionetes da «Luta Democrática» ficaram à disposição dos capangas e da polícia naquela autêntica caçada humana.

Conforme já foi dito, «Sabará» era e é ainda fanático por jogo de futebol. Não só acompanhava pelos jornais e indo ao Maracanã, como também, disputava as suas peladas, os meninos de boas famílias convidando-o a ingressar no primeiro time do clube da Paulicéia. E por isso, o creoulo ia com os brancos estudantes ou empregados do comércio jogar bola no campo do Vila.

Duma feita, no melhor da partida, investem campo a dentro, os capangas de Tenório, com «João Boca Negra» na frente e policiais. Chegaram atirando, visando principalmente o creoulo, com risco de atingir um dos jovens brancos. Houve o tumulto, a debandada, da qual aproveitou-se o negro «Sabará» para botar o pé no mundo, refugiando-se no terreiro de «Joãozinho da Goméia», no bairro do Dr. Laureano.

Ali estava seguro: ninguém se atreveria a invadir a casa e o terreiro de um dos maiores «pais de santo» da Bahia, conhecido além fronteira, com uma popularidade só ultrapassada por Tenório. E além de mais Exú era e é o protetor dos negros.

Mas o episódio serviu de ensino a «Sabará». Deu para entender que Tenório não era mesmo homem para brincado, que o assalto ao seu capanga, que agora vinha ser o famoso Francisco Sabino ainda ia acabar em morte, talvez pior do que a onda de mata negro do Delegado Abdala Abrahão. Todos os dias capangas e policiais, às vezes, também soldados da Polícia Militar do Estado do Rio, saíam com dinheiro e nos carros do «Homem da Capa Preta» em busca dos assaltantes, dispostos a matar, não a prender.

E numa noite, o soldado Ciro e um «alcaguete» avistaram ao longe «Charuto» e «Sabão», que perambulavam pela Estrada Rio-Petrópolis. E foram chegando e cuspidos fogo, sem, nem ao menos certificarem-se de que eram mesmo os caçados. Mandaram brasa, logo. E não eram «Charuto» e nem «Sabão», e sim um soldado do Exército e um comerciante que não tinham nada com a história de «Sabará» e de Francisco Sabino. Foram sumariamente fuzilados pela polícia.

O duplo e estúpido homicídio sofreu uma repercussão em todo o Estado do Rio e na Capital da República. O Exército mobilizou-se certo de quem a polícia jamais descobriria os assassinos, e assim dentro de poucos dias, Ciro e o «alcaguete» foram presos e conduzidos para um Quartel, no Rio.

No xadrez carioca Ciro atravessou um bilhete para o companheiro de infortúnio, aconselhando-o que não desesperasse, pois o Deputado Tenório Cavalcanti, o responsável por tudo, não os abandonaria. O bilhete foi no mesmo dia apreendido e a coisa também virou para o lado do «Homem da Capa Preta». Todavia, Tenório, macaco velho, homem de larga experiência em circunstância que tais nem se abalou. Prestou informações, em sua própria residência, e ficou por isto mesmo.

Foi aberto um I.P.M., e os autos foram entregues à polícia que lhe deu os toques finais, remetendo o processo a Juízo.

Tudo teve prioridade, andando na frente dos outros inquéritos, e eis que numa má tarde, Ciro e seu companheiro foram julgados e condenados pelo Juiz Hêlio Albernaz Alves, titular da Comarca de Duque de Caxias. Devem estar cumprindo pena até hoje.

E «Charuto»? «Sabão»?

O primeiro, meses depois, foi preso pela polícia do já Estado da Guanabara, por assalto, quando então confessou o roubo a Francisco Sabino e muitos outros crimes no Estado do Rio e no ex-Distrito Federal. Condenado, cumpre pena até o dia de hoje.

«Sabão» sumiu, nunca mais foi visto, nem vivo nem morto. Não se sabe se preso ou assassinado pela polícia. O certo é que o Exército não botou as mãos nele, mesmo porque não tinha o menor interesse em fazê-lo. O problema do roubo da arma de Tenório não era seu, e sim da polícia e do próprio «Homem da Capa Preta».

Um ano depois, eis que Francisco Sabino, quando se encontrava em companhia de Francisco Santos (1.<sup>o</sup>), Manoel Tenório (2.<sup>o</sup>) e duas sobrinhas do deputado, regressando de São Paulo, entraram em choque com a polícia Rodoviária, por uma questão de excesso de velocidade. Francisco Sabino matou um e feriu outro, sendo este último de nome Mamede. E fugiu. Anos depois foi assassinado em Feira de Santana, na Bahia. Manoelzinho foi julgado e condenado em São Paulo. Cumpriu pena. Nada mais deve à sociedade.

---

1<sup>o</sup>) Hoje em dia, Francisco Santos é, mais do que nunca, um homem de bem. Fundou em Caxias, a Companhia Índios Filmes do Brasil, posteriormente convertida em Kings Filmes, com escritório na Av. Brigadeiro Lima e Silva, 1.296. Caxias. Escreve roteiros, também.

2<sup>o</sup>) Manoel Tenório, mais conhecido por «Manoelzinho», sobrinho do Deputado, é investigador da Central do Brasil e foi tesoureiro da Luta Democrática.

## CAPITULO XX

### MORREU, ENTERROU, ACABOU . . .

Terra, cujo índice de criminalidade crescia assustadoramente, sem que se tomasse uma só providência, Caxias ficou famosa pelos seus homicídios. Somente os crimes políticos, ou os alardeados pela imprensa, mereciam as preocupações de quem de direito. Ou então, quando e estia, a gratificação, movimentava os investigadores, entusiasmava Comissário e Delegado. Fora disto, ficava na estaca zero, obedecendo àquela enervante máxima:

— Crime de morte em Caxias?

Morreu, enterrou, acabou...

Um companheiro de aventura de «Sabará» arrombou, pela Av. Rio-Petrópolis, um bar, situado na Av. Plínio Casado, onde ficava situada a Delegacia de Polícia. Entrou nú ou lá tirou a roupa, a fim de dificultar alguém agarra-lo. No interior do estabelecimento comercial, foi morto a tiros. Ninguém até hoje sabe a identidade da vítima ou do criminoso. O fato, quando muito, mereceu um simples registro no 311.

Um casal de esmoleros, residente debaixo da ponte sobre o Canal Meriti, na barreira do Maracanã, entrou em luta corporal, de início, terminando a pauladas. O homem foi morto, ninguém até hoje sabe quem matou. Limitaram-se a registrar, e a enterrar o corpo, sem autópsia sequer, mesmo porque o médico legista, Dr. Montenegro, atendia a cinco municípios fluminenses, e possuía a sua clínica particular em Petrópolis.

Com quinze ou vinte homicídios por mês, o titular da Delegacia apresentava um relatório, apontando a autoria de uns dois ou três, mes-

mo assim quando o autor apresentava-se, em companhia de um advogado à autoridade policial. Não havia o menor interesse em fazer polícia só atender a políticos da situação, perseguir os políticos da oposição.

Isto no centro do município. Nos distritos, a coisa piorava: (1<sup>o</sup>)

## UM CRIME MISTERIOSO EM PIRANEMA

O LAVRADOR BALEADO, MORREU NO HOSPITAL ROCHA FARIA SEM NADA DIZER.

«O lavrador Raymundo Francisco da Guia, de 25 anos de idade, solteiro, residente à Estrada Piranema, 740. Lote 425, no Estado do Rio (Duque de Caxias), deu entrada, ontem no Hospital Rocha Faria, onde veio a falecer, pouco depois, com um tiro no abdomen. Não pode falar, pelo que se desconhece qualquer detalhe do crime. Uma ambulância da Assistência de Itaguaí foi quem levou a vítima ao hospital».

Um crime realmente misterioso até agora preocupa os antigos moradores do bairro do Centenário: o latrocínio da Chica Tomé, isto é, D.<sup>a</sup> Francisca Cândido Tomé de Menezes. Trata-se de uma anciã, proprietária de tantas casas em Caxias, que uma rua daquele bairro tem até o seu nome: Francisca Tomé. Vivia sozinha, com a sua avareza, com sua cobiça. Não tinha parentes, ou se os tinha, deles vivia afastada, com medo de ser roubada. Avara por excelência, vivia coberta por farrapos, comendo do mais barato, entre seus cocos velhos. Tinha o luxo de ter uma empregada, que residia numa meia-água, nos fundos.

D.<sup>a</sup> Chica Tomé comprava duas qualidades de farinha, ambas inferiores: uma para si, e a mais barata para a empregada, que em consequência não morria de amores pela patroa. Esta doméstica tinha um amante, de maus bofes e péssimos costumes, inclusive de mexer nas coisas alheias.

Não, não era o negro «Sabará» na época um mísero «pivete», ainda roubando mercadorias nas bolsas das madames que iam a feira, furtando frutas dos quintais.

O amante da empregada era um homem feito, de corpulência suficiente para matar uma pessoa a pancadas, principalmente se fosse uma velha.

E foi assim que Chica Tomé amanheceu: espancada e pisoteada até à morte, no seu leito de lençóis não muitos limpos. E deixou sem herdeiros — pelo menos conhecidos — uma verdadeira fortuna em imóveis e em jóias, estas últimas ignoradas por todos, pois ela as trazia trancadas e escondidas em uma caixa, em local, que só mesmo uma serviçal poderia saber.

D.<sup>a</sup> Chica Tomé tinha dois procuradores: um carteiro que lhe recebia os alugueres, e um advogado que cuidava de seus despejos, Dr. Ferreira da Luz.

1<sup>o</sup>) «A Notícia», em 22/02/1954.

No dia de sua morte, o advogado, contrariando seus hábitos, amaneceu à porta do 311, como quem não quer nada.

E eis que não demorou muito e um vizinho vem comunicar às autoridades que D.<sup>a</sup> Chica Tomé aquela manhã não deu as caras e nem sinal de vida. Os vizinhos achavam que algo tinha acontecido. Dali há pouco, veio a empregada: a patroa estava morta na cama.

Era delegado na época, o Tenente Abílio Vieira o mesmo do caso Olga Suely e investigador de plantão, o Ernani «Engole Garfo». Vieira. Este último foi ao local, em companhia do procurador da vítima. Em lá chegando, começou o quebra-cabeça: como o autor do bárbaro latrocínio teria entrado na residência? Ao que o prestativo advogado sugeriu:

— Talvez pelo teto, retirando as telhas... A casa não tem forro...

E não é que o Dr. Ferreira da Luz acertou? Deu lições de polícia à própria polícia que disto ainda não tinha se lembrado!

Descoberto como entrou, precisava saber quem. Logo desconfiaram do amante da empregada, que foi preso, mas não identificado datiloscopicamente e muito menos interrogado. Foi logo posto em liberdade, depois de conversar com uns e outros, de portas fechadas. Foi quando as jóias nunca mais apareceram. Só as casas, lá ficaram e lá ainda estão elas por serem bens imóveis, mas já mudaram de donos diversas vezes...

Mais dois advogados entraram no brinquedo: Dr. Horta Barbosa, hoje defensor público da Vara Criminal, e Dr. Afonso Elvas Cordeiro, ainda militante na Comarca de Duque de Caxias.

Muitos anos depois, um escrivão maluco, reviveu o processo, intimando Deus e todo o mundo, até o investigador, Ernani Vieira, hoje Comissário, preso na Secretaria de Segurança por ter assassinado um investigador em Niterói. Julgado, foi absolvido e voltou à ativa.

O autor desta obra apaixonou-se pelo latrocínio de Chica Tomé e sobre o assunto escreveu duas ou três matérias para o «O Mundo», que obtiveram grande repercussão na Baixada Fluminense. Todavia, só logrou provocar um atrito entre os advogados Horta Barbosa e Afonso Elvas Cordeiro, que se xingaram, mutuamente, em «O Dia», por meu intermédio.

E tudo ficou como dantes, no Quartel de Abrantes...<sup>(1º)</sup>

E a morte do lavrador Heraclito Fideliz dos Santos? Esta só incomodou o Deputado Tenório Cavalcanti, que se insurgiu contra o autor desta série, então seu repórter da «Luta Democrática», por achar a matéria escrita pequena e pouco violenta. Tenório tinha interesse na descoberta do autor, ou autores da morte de seu prosélito político, assassinado na varanda de sua residência, em Imburiê, por causa de uma questão de terras.

Heráclito não era homem de levar desaforo para casa. E vivia numa questão de terras com vizinhos e «grilheiros» de arma na mão, de sua casa para a «Fortaleza» de Tenório. Dias antes de sua morte, com-

1º) «O latrocínio de Chica Tomé», pertence à série de «Crimes que Abalaram Caxias», do mesmo autor, em livro a ser publicado.

pareceu ao 311, dizendo-se ameaçado de morte. A mesma manobra do «Homem da Capa Preta», na Assembléia Fluminense... Só que, com relação ao lavrador, o tiro saiu pela culatra: não matou ninguém, foi morto por alguém...

Heráclito conversava com amigos e parentes na varanda de sua casa, quando apareceu um vizinho, envolvido na questão de terras. Chegou, pediu licença, entrou na varanda e colocou-se atrás de uma pilastra, sustentáculo do prédio. E dali não saiu, nem para tomar o cafezinho, que a dona da casa servia. Ao descansar a xícara, ouviu-se os tiros de espingarda de caçar passarinhos, aquela que manda chumbo em forma de leque, atingindo um círculo que aumenta na razão direta da distância.

Com o peito que nem paliteiro, Heráclito, caiu morto, enquanto dois ou três indivíduos punham-se em fuga. O homem da pilastra saiu ileso. Ileso do local do crime e na Delegacia de Polícia, quando mais do processo.

E o Heráclito?

«Morreu, enterrou, acabou...» (1.º)

---

1º) «Os Mistérios da Baixada», da série «Crimes que abalaram Caxias» do mesmo autor.



## CAPÍTULO XXI

### PROCURANDO «BANDA» PARA DAR BANDAS

Ismael Rodrigues da Silva, brasileiro, preto, solteiro, com 24 anos de idade, sem profissão e de residência não sabida e ignorada, não era, o que se chama de mau elemento, companhia indesejável, repelente indivíduo. Todos o sabiam ladrão e maconheiro, mas nem por isto desprezavam a sua companhia. Até bem pelo contrário gostavam que ele participasse da roda, companhia indispensável numa boa pelada, numa roda de cachaça.

Todo o município de Duque de Caxias o conhecia e o estimava, principalmente a Paulicéia, onde jogava bola — e bem... Daí o seu apelido de «Sabará», desde menino.

Por este motivo ele jamais assaltava alguém ou arrombava uma residência naquele bairro. Temia que o acusassem, evitando assim a sua presença, desprezando-o não o mais convidando a «matar o bicho», a jogar uma pelada. Até os donos dos terreiros poderiam barrar a sua entrada.

E por isso, «Sabará» não só não trabalhava na Paulicéia, como também proibia que qualquer outro marginal ali operasse.

Qual não foi a sua surpresa, porém, quando as famílias protestaram, encontrando-o na rua. Censuraram amargamente o creoulo, adiantando que tinham proibido os filhos andarem com ele, principalmente os menores:

— Sabe lá, pode ser até um tarado.

Esta última acusação doeu mais do que a de ter agido no bairro. Algo que o repugnava, até mesmo a simples idéia, era a de alguém — homem, mulher ou criança — (só branco no xadrez) fosse com ele obrigado

a praticar ato sexual. «Sabará» odiava tarado, achava que este sim é que devia morrer, na Rio-Petrópolis, no Canal Meriti ou na cisterna da morte, nos fundos do 311.

O negro tentou explicar às senhoras que jamais trabalhara no bairro, estranhava até que alguma residência tivesse sido assaltada, pois pedia a todos que não fizesse isto.

Como alguém se atreveu?

Ah, é bem capaz de ter sido o «Banda». Ele estava com esta idéia de jirico, desde meses atrás, antes do Delegado Imparato ir desta para melhor. Depois, na gestão do Delegado Wilson Frederici, reataram os laços de amizade, tornaram-se amigos outra vez, assaltando juntos, em companhia de Mario «Curriola», seu primo Athaide e «Sabão». Mas não na Paulicéia, que o «Sabará» não queria. «Banda» não gostou, resmungou um palavrão, mas ficou nisto. Só se, dentro de si o marginal persistisse na idéia de agir sozinho. Seria até mais fácil os otários estariam despreocupados, andariam dando sopa pelas ruas de madrugada, ou dormindo com janelas abertas, nas noites quentes e enluaradas do verão.

Estes deviam ter sido os pensamentos de «Banda», «Sabará» adivinhava e jurava vingança. Ficara desacreditado, desmoralizado no seu bairro querido. Com quem ia jogar? Discutir futebol, a Copa do Mundo, beber cachaça? Só com marginal, na Pensão da Olinda Macedo, no Martins, nos Restaurante do Hotel Estoril?

Não dava pé! «Sabará» também gostava de boas companhias, tinha esperanças que sua mãe soubesse, que ele não era de todo perdido. E se o vereador Antonio Carlos Sá Rêgo soubesse que até na Paulicéia ele estava agindo?

— São Bento, que vergonha!

Não, isto não podia ficar assim. Ia procurar «Banda», nem que fosse no inferno, trazê-lo à presença das famílias, fazê-lo confessar e pedir perdão. Devolver os objetos roubados, indenizar os intrujões. Fazer tudo direitinho e ainda «Banda» levaria umas boas bandas, que é para aprender. Só não ia entregá-lo à polícia, que não era «alcaguete». Bastava ter entregue, no pau, os donos do ferro-velho e os receptadores metidos a gente bem, a «Caxias Society».

Mas, nestas alturas dos acontecimentos, mudou o Delegado. É mudou porque cumpriu o seu dever, se bem que por motivos políticos. Caso contrário jamais José Vieira, mais conhecido por «Pernambuco», seria preso e autuado por porte de arma. (1º)

Tratava-se, nada mais e nada menos do que o capanga do Prefeito Braulino de Matos Reis, seu guarda-costa. O Governador da Cidade, elemento do P.T.B., vivia as turras com o Secretário de Segurança Pública, Coronel Barcellos Feio, desde os tempos de Imparato, e o novo Delegado,

1º) Depois foi nomeado investigador, juntamente com Amaro Rocha. «Pernambuco» morreu heroicamente, trocando bala com assaltantes no interior de um ônibus, procedente de Imbariê. Amaro Rocha continua em Caxias, trabalhando e residindo.

recebera instruções para não dar colher de chá às hostes contrárias. E assim sendo, o Dr. Wilson Fredereci autuou em flagrante por falsa qualidade o falso dentista Amaro Rocha, (1.<sup>o</sup>) também vereador pela U.D.N. agrediu o edil Waldir de Sousa Medeiros, (2.<sup>o</sup>) do P.R., e prendeu «Pernambuco» por estar armado. Prendeu, não, mandou o investigador Luiz «Biscoitão» prender. O policial cumpriu a determinação. Encontrando o capanga do Prefeito numa mesa de botequim, armado, com um 32 na cinta, deu-lhe ordem de prisão. «Pernambuco» assustou-se. Desde que viera para Caxias, sempre andara com um lado da cintura mais pesado do que outro, acintosamente, na presença de todos e à vista das autoridades, porque aquilo só agora?

Na Delegacia, foi autuado em flagrante. O patrão, isto é, Brulino de Matos Reis, (3.<sup>o</sup>) também conhecido como «Bahiano», mandou o dinheiro da fiança, e «Pernambuco» foi posto em liberdade. Na primeira esquina, soltou uma gostosa gargalhada:

É que no bolso trazeiro da calça, êle tinha uma outra arma, uma 7,65, com o pentê carregadinho! Luís «Biscoitão» só revistara a cintura, e encontrando o 32, deu-se por satisfeito. E na Delegacia, ninguém desconfiara que um homem, ao ser autuado por aquela contravenção, fosse estar ainda armado.

Mas, se «Pernambuco» ria, já o mesmo não acontecia com o Prefeito, que, bem pelo contrário, espumava de raiva. Gostava do guarda-costa, bons serviços já lhe tinha prestado. E de mais a mais, era desaforo, um acinte a sua pessoa, à sua posição de Governador da Cidade. Já há tempo que o Delegado vinha perseguindo-o, desmoralizando-o, até perante a Guarda Municipal, a quem não permitia que não andasse armado. Onde já viu guarda sem um revólver? Mas se qualquer um deles portasse uma arma, era preso e igualmente autuado. E ainda perdia o «berro».

Se o Prefeito protestasse que era uma arbitrariedade, o Delegado alegava que a Guarda Municipal não era reconhecida pela Secretaria de Segurança Pública.

Portanto seus elementos eram simples cidadãos sem direito às máquinas.

A situação estava neste clima, arrastando-se desde os tempos do Delegado Imparato, quando a prisão de «Pernambuco» acirrou mais ainda os já delicados ânimos. E Brulino deu o «ultimatum»: o Governo removia o Delegado, ou ele apoiaria, nas próximas eleições, um outro candidato, talvez, até mesmo, apoiasse Tenório Cavalcanti, se bem que o bahiano e o alagoano não fossem juntos na mesma missa...

O ultimatum obteve o efeito esperado: Coronel Barcellos Feia determinou que o Dr. Wilson Fredereci regressasse a Niterói, e o Dr. Amyl Ney Rechaid, saísse de Nova Iguaçu e fosse para Duque de Caxias.

1<sup>o</sup>) Amaro Rocha hoje é Detetive, do Quadro.

2<sup>o</sup>) Depois eleito por mais de uma vez, Deputado Estadual, foi na Revolução, cassado Eleito Presidente do O.A.B. secção de Duque de Caxias, com a Anistia, foi eleito Presidente do P.T.B. e candidatou-se a Prefeito local, em abril do corrente ano.

3<sup>o</sup>) Nomeado Tabelião, abandonou a política. Faleceu, corpo velado na Câmara dos Vereadores. A cidade chorou a sua morte.

Fredereci sentiu-se traído pelo próprio Governo. Então era assim que pagava os seus esforços para o completo desvendamento da morte de seu colega, Imparato, com o risco de sua própria vida? O processo já não estava terminado, Pedro Tenório e Cícero Tenório não foram julgados? Se obtiveram absolvição, a culpa não era dele, e sim dos jurados, que medraram. E se o Deputado também não fora julgado, a responsabilidade era da Câmara que não permitiu que o parlamentar fosse processado, gozava de imunidades. Fredereci, recordava-se que fora até em Pernambuco buscar Pedro. O capanga e primo do Deputado tremia de medo de morrer assassinado, também, sob as ordens de Tenório. Tivesse o mesmo fim de Wilson e de «Naval», um assassinado em Palmeiras dos Índios, outro em Santos, ambas a mando do «Homem da Capa Preta», que não queria testemunhas dos trágicos acontecimentos de 28 de agosto de 1953, conforme diziam.

E agora, a paga por ter pego pelo pé o maior inimigo do Governo Pessedista, era esta: por causa de um bahiano, perdia a boca de Caxias.

Mas, o que doía no Dr. Wilson Fredereci não era o descalabro financeiro que isto acarretaria, e sim a máguia de ser transferido por exigência do «Bahiano». Era uma vitória para Braulino, uma derrota, para ele, Wilson. O Prefeito vencera o Delegado.

Dr. Wilson entrou na Delegacia dando pontapés nas bancas. O investigador de plantão, Hamilton Santos, sentiu o peso da situação e advertiu o autor desta obra, que não perdoava o delegado com suas reportagens, que se afastasse da Delegacia, pois o titular estava descontrolado de tanto ódio e podia praticar uma violência.

Afastei-me temeroso e em boa hora, pois «Ceará», um malandro protegido pela vereador Waldir de Sousa Medeiros e o ex-soldado da Polícia Militar, Amílcar foram presos e espancados barbaramente pelo próprio Delegado, que neles vingou a sua humilhação, o seu desprestígio, apesar dos bons serviços prestados ao Estado.

No dia seguinte, tomou posse na Delegacia de D. de Caxias, o Dr. Amyl Ney Rechaid. Chegou de madrugada em companhia (1.<sup>o</sup>) do Comissário, Rafael Thomaz Fernandes — seu compadre, que o acompanhava já há 10 anos — do investigador José Antelo Reis e do auxiliar de polícia Francisco do Nascimento. Chegou de inopino, alta madrugada, abriu a porta do seu gabinete num repelão. A placa metálica com os dizeres «Gabinete do Delegado» que estava presa na porta, desprendeuse do prego e chocou-se com o assoalho num estalo, que mais parecia um tiro de pistola.

O investigador de dia, Luís «Biscoitão» dormia em cima da mesa do delegado, enrolado na bandeira nacional, fugindo do frio e dos mosquitos. Acordou com o «tiro» trêmulo de medo, empunhando o seu revólver, julgando terem os inúmeros marginais, os donos da cidade, invadido a Delegacia.

Quando notou quem era, desculpou-se, endireitando a gravata, procurando o paletó. E ouviu calado a descompostura do Delegado que tomara

1<sup>o</sup>) Falecido. Vide o capítulo «Os Comissários» de «Sangue no 311».

posse. E naquela noite mesmo, começou a caçada aos marginais e às mariposas que faziam «trottoir» pelo centro da cidade. Era fácil prendê-los, não estavam longe. O escabroso comércio começava numa distância de um quarteirão, na esquina da avenida da própria delegacia com a rua das Laranjeiras. Depois dominava toda a Av. Rio-Petrópolis, em seu perímetro urbano, alongando-se pelo início da Av. Nilo Peçanha, pelas Praças Duque de Caxias, Emancipação e Pacificador. As prostitutas alimentavam os prostíbulo, tais como os próprios hotéis, a Pensão da Olinda Macedo, a Boite El Cubano, a Churrascaria Vitória, do Martins. E com elas viam os caftens, os malandros, os donos da cidade.

Naquela madrugada de posse do Dr. Amyl Ney Rechaid, dezenas de marginais, entre homens e mulheres, inclusive «pivetes» foram encarcerados. Só escaparam os donos do município, os assaltantes e maconheiros, como «Sabará», «Lamour» «Charuto» Mário «Curriola» e muitos outros, que experimentados, sabiam que quando chega um novo titular, efetua logo uma «Blitz»-monstro no município para causar boa impressão e sentir o peso dos políticos da cidade. O novo Delegado queria saber quais os representantes do povo, os líderes e os chefes dos partidos que o incomodariam, que não o deixariam fazer polícia.

E naquela madrugada mesmo, começaram os pedidos «Birola», (1.º) surgiu, como quem não quer nada, mas pondo logo as suas manguinhas de fora. E atrás deles, outros políticos para soltar seus malandros, suas mulheres. Não que com elas tivessem alguma coisa, mas eram eleitores, já neles tinham votado.

De início, o novo Delegado fincou pé. Não ia atender a ninguém, somente os líderes do P.S.D. (seu partido) e do P.T.B. por causa da coligação existente entre as agremiações majoritárias. Estas eram as suas atribuições oriundas do Murixibaba Getúlio Barbosa de Moura.

E realmente, somente um ou outro boletim, foi rasgado. Os outros presos, em sua quase total maioria, continuavam no xadrez, durante dias e dias, até que o problema crucial da fome, da verba inexistente para a alimentação dos detidos, começou, mais do que nunca, a preocupar o carcereiro Mery e o novo Comissário, Rafael Thomaz Fernandes. E então, paulatinamente, foram os menos perigosos postos em liberdade, com alguns bolos e conselhos, principalmente nas mulheres, com a advertência que de outra vez, seria muito pior.

---

1º) Demerval Lages de Barros, eleito em 1954. Hoje, não se envolve mais em política, mas chegou a ser Presidente da Câmara.

## CAPÍTULO XXII

### TRÊS TIROS PELAS COSTAS

Entre um cigarro de maconha e um trambique, «Sabará» ia vivendo, sempre se lembrando das palavras do misterioso «Fiô» e dos conselhos do misantropo Santos Lemos.

Varava as noites de Duque de Caxias, frequentava o «cabaret dos Bandidos», o «Vila Rica», a «Boite Casablanca» a antiga «El Cubano». A cidade perdera muito de suas casas de prostituição. Já não mais existia a Churrascara Vitória, do Martins, as pensões da Ruth, da Wanda, da Olin-da Macedo, do Nelson. Outras, porém, surgiram na Cidade Aberta, como a da Maria, no Gramacho e a da Laura Peon, na Washington Luiz, do km. 2. Modificara para melhor ou para pior a fisionomia noturna da cidade, mas as ruas continuavam esburacadas e imundas, o povo sempre analfabeto, com a chegada de mais levas de nordestinos, Tenório Cavalcanti, quieto, lá no seu canto, contando seu dinheiro.

Volta e meia a cidade era sacudida por um misterioso homicídio. Dizia-se, a boca pequena, que era coisa do «Sindicato da Morte», procedente da Bahia, Alagoas e Pernambuco.

«Sabará» continuava preocupado, zelando pela sua pele, era preta, mas era sua, que os brancos queriam cobrir de terra, com sete palmos de altura. A perseguição prosseguia, Armando de Belo França e o Dr. Abdala Abrahão, tinham planos políticos, bem que o misterioso «Fiô» dissera. Queriam matá-lo, ele era o único sobrevivente, toda a rapaziada desaparecera, uns mortos, outros chué, pedindo esmolos pelas ruas imundas de Lima e Silva.

«Sabará» dormia com um olho acordado, andava pelas noites de Caxias, olhando para os lados, cinco passos, olhava para trás.

— São Bento, que os home querem me pegá. Mas eu levo um comigo...

Depois de tanta perseguição, o cerco terminou sendo feito. Tocaiado num terreno baldio, «Sabará» prevaleceu-se de sua cor: escondeu-se na sombra, ninguém mais viu nada. Breu puro.

Os «tiras» aproximavam-se, de arma em punho. Apesar da escuridão, o negro reconheceu Armando de Belo França e o investigador Jamil Chedidi Antônio. O terceiro não sabia quem era. Mas estava igualmente armado, igualmente com vontade de matar. e «Sabará» não tinha nenhuma vontade de morrer, ia vender caro a sua vida, ia levar um consigo para as profundezas do inferno.

O terreno baldio estava cercado, a camioneta da Delegacia ficara na rua, com outros policiais impedindo a saída. Por alí ninguém sairia, muito menos o marginal que desde muito procuravam, o tal que Armando dissera que matara a jovem contadora Marta Dublascveisk, ou coisa que o valha.

«Sabará» deslizou, suavemente, pelo capim rasteiro, em busca de um melhor esconderijo, uma enorme moita de capim, onde seria mais difícil ser encontrado. Ao deslizar, sentiu algo sobre o seu corpo. Apalpou, na escuridão: era bom porrete. Até parecia da secção de Roubos e Furtos. Exú estava ao seu lado. Era o protetor dos negros. Mandara aquele pau para ele se defender.

«Sabará» palmeou o cacete, o pau ia comer na casa de Noca. Se a polícia estava de «45» ou de «38», ele tinha um porrete bom, ia quebrar cabeça de «tira».

De dentro da moita, o negro viu o investigador Jamil Chedidi Antônio aproximar-se de arma em punho, dirigindo-se para o local onde «Sabará» até momentos antes estivera. Passou rentinho à moita, deu as costas para o negro. O preto apertou mais o porrete, levantou-se devagarzinho e com ele o bordão. A maça subiu mais alto do que a sua cabeça e ia descer com a violência de um meteoro no crânio de Jamil, quando três tiros repercutiram na noite: Armando de Belo França, pelas costas, abatera, com três tiros de «38», o negro «Sabará».

As balas queimavam como brasas, destruindo tecidos e órgãos. O ferido desfaleceu, lembrando-se da branca Rosa, de seu pai coveiro, do misterioso «Fiô».

E de Santos Lemos?

Do Santos Lemos, não se lembrou. E se se lembrasse, seria com ódio, traído que fora por seus conselhos, sem pé e sem cabeça, branco irmanado com preto. Ora vejam só!

Acordou numa poça de sangue, enrolado em gazes, uma insuportável catíngia de clorofórmio, de água oxigenada: estava no Hospital Getúlio Vargas.

Era um quarto grande, cheio de camas, gente gemendo, esparadrapos e gazes lambrecadas de sangue, esparramados pelo chão.

O negro, cheio de dores, estava com as nádegas virada para cima, homens e mulheres, todos de branco, cuidavam de suas costas, diziam ter perfurado a bexiga.

«Sabará» tornou a perder os sentidos, grato a Exú, a Deus, a São Bento, estar ainda com vida. Quando acordou, sentia ainda muitas dores, um médico de cara simpática dizia que ele talvez ficasse bom, mas precisava de muito tratamento, só dali há meses receberia alta.

O baleado lembrou-se das histórias que ouvira contar, do seio da rapaziada «da leve» e «da pesada» do conluio existente entre o H.G.V. o 21.º D. P. e a polícia de Caxias: malandro quando aparecesse por lá baleado, desse um jeito de despachá-lo desta para melhor, de terminar o serviço. E os negros da Baixada Fluminense contavam que era só aplicar uma injeção e o paciente ia para terra dos pés juntos.

«Sabará» tremeu de medo. Seria verdade? Será que os médicos faziam isto mesmo? Não era possível, eles prestavam um juramento quando se formavam, juravam cuidar dos doentes em qualquer circunstâncias. Como matavam, portanto? E aquele médico que tratava dele, parecia ser tão honesto, tão bom.

Mas o médico era homem branco, e «Sabará» era um assaltante preto! A triste verdade saltou-lhe aos olhos como uma decretação de morte, ia ser assassinado sem poder se defender, baleado conforme estava, Armando de Belo França ganhara a batalha.

E quando o doutor ou o enfermeiro vinha aplicar-lhe uma injeção, o negro rebelava-se, não queria de jeito nenhum. Precisavam acalmá-lo, a cara simpática do médico inspirava confiança. «Sabará» tomou diversas injeções por dia em vez de morrer, só melhorava. Passou a ter confiança, não queria mesmo acreditar na conversa da rapaziada, nas noites quentes de Caxias.

Tinha que ser mentira, ele não queria morrer, não assim, espetado por uma agulha, como um neném, sem poder se defender.

Queria morrer como homem, como fora baleado, de porrete na mão, para quebrar quengo de «tira».

As semanas se passavam, «Sabará» sobrevivia. Já podia falar, conversava muito com o tal médico de cara simpática, ficaram amigos. No início, era uma amizade formal, o crioulo queria agradecer o branco, sua vida estava naquelas mãos bem tratadas, por dois motivos: era o médico que o curava, era o homem que dava injeções. (1.º).

Submeteu-se a um longo e doloroso tratamento. Até pelo orifício de seu sexo introduziram remédio, «Sabará» berrava de dor. O doutor brincava que ele ia ficar brocha, o paciente olhava de esquelha, queria detalhes e confirmação:

— No duro mesmo, dotô? Vô ficar piroba? Antão me mata, que um home não dá o trazeiro...

O médico ria, ficavam amigos cada vez mais, gostava daquele negro franco e gozado, humilde e respeitador. E dava-lhe um tratamento todo especial, o paciente recuperava-se a olhos vistos, engordava como um porco capado.

1º) Dr. Waldemar da Silva Bulcão.



Ali «Sabará» ficou durante seis meses. Era uma espécie de prisão, como aquela que cumprira na Penitenciária durante dois anos. Perdia mais um tempo de sua turbulenta vida, mas ganhava em experiência, conhecera mais um branco distinto, o médico era bom sujeito.

— Será que Santos Lemos tinha razão? E cadê este baixinho que nunca vem me visitá? Os outros vieram, «Fiô» não faltou e trouxe ainda Geralda, Cadê o reperti? Deve estar bêbedo por aí...

Quando recebeu alta, voltou direto para Caxias, doido de saudades, apesar de saber que podia morrer. Refugiou-se em um dos inúmeros esconderijos, aquietou-se ali, sozinho no mundo.

Não tinha mais amigos, todos foram mortos, tuberculizados por tanta pancada, andavam sumidos, ninguém sabia que fim levaram. Só ele, «Sabará» continuava vivo e presente, apesar do corpo furado por três tiros de «38». Mas estava curado, aquele médico de cara simpática era bom doutor.

Todavia, com o passar do tempo, descobriu que já não era mais aquele homem parrudo, que dificilmente se cansava. Ficava pondo o coração pela boca, quando subia um morro, pregava quando jogava futebol.

E chegou a triste conclusão de que jamais conseguiria ser um profissional, no Vasco ou no Flamento, no preto-e-branco, que ele tanto adorava. Profissional? Que o que! Nem mesmo no amadorismo, quem é que queria um jogador que se cansava atoa?

«Sabará» viu então que escapava-lhe o lugar ao sol: preto só sobe na vida cantando samba de breque ou jogando futebol. Boa voz ele não tinha, a esperança era o Maracanã. Tinha que continuar assaltando, até Armando acertar melhor.

Não podia seguir os conselhos do Santos Lemos.

## CAPITULO XXIII

### «FAÇA DE SUA VIDA, UMA CANÇÃO DE AMOR»

Dois anos se passaram e eis que «Sabará» vivia numa encruzilhada, não sabendo qual estrada seguir: continuar aquela sua vida eivada de crimes, dominado por um complexo de que a vida é só dos brancos, ou a que lhe mostrara aquele repórter baixinho e de óculos, sempre cheirando a bebida. A de que o sol é para todos, uns mais, outros menos, mas que a situação não se resolveria a bala, com violência. Negros havia, e em Duque de Caxias mesmo, que lograram este lugar ao sol, como muito sacrifício, é bem verdade, mas que galgaram. Não viviam com arma na mão, e sim com bisturi ou com a caneta. E foram citados exemplos a «Sabará»: o Dr. João da Luz, Walter Contador da Prefeitura, o comerciante Fernando Monteiro o industrial Geraldo Lopes, até mesmo o acadêmico de Direito Waldyr Calazans da Paixão e Francisco Quixaba Sobrinho.

Eram homens de epiderme escura que venceram na vida, ou que, pelo menos, não viviam bêbedos nos botequins, fumando maconha, assaltando, roubando, rebutalhos da Sociedade.

Mas o negro «Sabará», se bem que não viera das caatingas nordestinas, era filho de um coveiro de Magé, apenas com o curso primário, sempre convivera com pessoas com menos luzes do que ele, nunca entrara numa casa de Deus, a não ser em terreiros de macumba, que veneram o Todo Poderoso também.

O negro «Sabará» não compreendia direito o que aquele repórter dizia, o que pretendia. Não o alcançava, mas vislumbrava as suas boas intenções, o rapaz apenas queria que não mais bulisse nas coisas alheias.

E o negro «Sabará» atendeu-o em parte. Rareava seus assaltos, seus arrombamentos, seus «descuidos». Nunca mais adulterou cédulas e nem

pegou português na marra. Volta e meia praticava um trambique, já que precisava comer. No mais, vivia de expediente, ontem mais, hoje menos, amanhã, ninguém sabia.

Enquanto isto, o Tribunal da Morte continuava em sessão permanente no carcomido prédio 311 da Av. Plínio Casado da Caxias «City».

De vez em vez, alguém era condenado ao «Paredon». Armando de Belo França, ou um soldado da Polícia Militar, mais afoito, saía com seus instrumentos profissionais, nunca se esquecendo de acender uma vela ao lado do cadáver. E depois ia dormir sossegado, com a consciência tranquila.

Dos marginais considerados como perigosos, Ismael Rodrigues da Silva, vulgo «Sabará», era o único sobrevivente. Todos os outros foram mortos, jaziam como indigentes, com rara exceção, no Corte Oito. Outros, perambulavam pelas ruas imundas e esburacadas de Duque de Caxias, pedindo esmolas até. Muitos estavam desaparecidos, ninguém sabia que destinos tomaram, se mortos ou foragidos para outras plagas, outros Estados.

Só «Sabará» e o sábio «Fiô» ficaram. O Rei da Maconha não era considerado perigoso. Atravessava seus «baseados», seus «dólares», dava propina à polícia, ia vivendo, com a sua avenida de casa, cobiçada por uns tantos advogados que o defendiam, quando preso. Mas «Fiô» rejeitava o montante dos honorários apresentados, discutia preço, sempre com muito respeito e consideração, sorrindo sempre educadamente. E pagava com dinheiro vivo, nada de letras promissórias, nada de assinar contrato de locação de serviços profissionais para advogado nenhum. Mas o sábio «Fiô» raramente era preso. Contornava a situação no local onde era detido, pagava, ou apenas levava o «tira» na conversa.

Só Geralda é que era presa. Dormia muitas vezes, no meio das outras, que se debatiam entre as grades, diziam nomes, chamava o «alca-guete» — seu amante que a deixara ser detida — de chupador. As meretrizes de Caxias, quando presos, tiravam as roupas, ficavam nuas, faziam gestos obscenos, do cubículo dos fundos, em frente ao portão do pátio, em frente à Av. Plínio Casado. Adoravam desrespeitar as famílias que por ali transitavam e que olhavam para dentro, atraídas pela curiosidade.

As senhoras gostavam de espesinhar, tripudiar sobre os corpos abatidos de suas companheiras de sexo. Consideravam-se vencedoras na vida, lograram homens que lhes transmitiam respeito. Ao passo que as meretrizes eram as derrotadas, não conseguiram vencer na vida, apesar de serem «mulheres da vida».

Orgulhavam-se portanto, radiantes das próprias vitórias. E as infelizes, sabedoras disto, xingavam, entre risadas, cientes de que também eram vitoriosas na vida, destruíram grilhões, arrebutaram correntes de preconceitos, eram mais livres do que aquelas, apesar de encerradas entre quatro paredes.

E gritavam para as transeuntes:

— Tão aí com muita coisa... Metidas a madames. Mas fazem na cama com os maridos, muito mais do que nós com os nossos fregueses. Eles aprendem com a gente, pra fazer com vocês. E depois vocês faz com seus amantes. São todas umas sem vergonha. Mais puta do que nós!

As senhoras apertavam os passos, os soldados na porta da Delegacia riam. O Comissário mandava jogar água nas infelizes. E o cubículo apertado, onde só cabiam quatro, e tinha dez enchia-se de água, molhando as folhas de jornais que serviam de cama e cobertor. As mulheres mais do que nunca xingavam, se desesperavam, não acreditavam nem mais em Deus.

Só Geralda ficava quieta, lá no seu canto. Jamais trocava uma palavra pesada com uma companheira de infortúnio, quanto mais com ela se atracar. Nunca ofendia as senhoras que passavam na rua. Ficava calada, enxugando com as mãos os pingos d'água, que corriam pelos seus braços de pele de cetim. Pele de seda, escorregadia, lisa, sensual. Os homens adoravam alisar seu corpo, passar os cinco dedos, de leve, sobre suas pernas, sobre seus seios. Mas Geralda não sentia prazer, nunca nisto. Só vibrava quando o seu homem, o misterioso «Fiô», a jogava na cama. Aí sim todo seu corpo vibrava, sentia latejar suas fontes, os bicos dos seios enrijavam.

Por isto, apesar de ser uma prostituta desde a idade de 15 anos, era fiel ao seu negro. Deitava com ele, depois de se deitar quatro ou cinco vezes antes com homens, cujos nomes nem sabia. Mas só com «Fio» fazia amor.

Geralda com os pés dentro d'água, nada sentia, nem ouvia os gritos de protesto de suas companheiras no apertado cubículo. Recordava as palavras de seu homem, ditas alguns anos atrás, ao negro «Sabará» Aque-la história do Zumbi, dos Palmares, da revolução, de quando os negros iam ser gente. Da fúria de «Sabará», querendo pegar pr'a capar, contido pelo vapo-seiro que dizia:

— Violência não resolve nada. Todo mundo tem é que estudar. Ir à escola, ter carinho. Se você «Sabará» tivesse estudado, tivesse tido carinho, palavras de conforto e de incentivo, jamais iria bulir nas coisas dos outros.

Geralda, então, introspectou-se e chegou à conclusão de que se seu pai não tivesse abandonado sua mãe, ela jamais seria uma prostituta. Estaria casada, hoje, com «Fiô», seu companheiro de tantos anos, mas cujo verdadeiro nome não sabia, tão misterioso era o seu negro. Seria uma senhora respeitável, como aquelas que passavam nas ruas e que suas companheiras tanto ofendiam.

Seu homem estava certo. Estava tudo errado, mas não era com violência que ia se resolver. Nada de «pau de arara» de palmatória, de raspar cabeças de decaídas, de quatro velas ao lado de um cadáver.

Lembrou-se de uma vez que foi ser autuada em flagrante por vagabundagem. Subiu ao cartório, sentou-se em frente ao escrivão Antônio Mário dos Santos, mulatinho que tinha ódio de todo o mundo. Gostava de fazer o mau, pior do que o tal repórter Santos Lemos.

O escriba discutia com o seu chefe, o Sr. Pedro Balduino Lacerda era um homem pequeno, magro, inteligente. Homem de bons princípios, de boas leituras, adepto da doutrina de Alan Kardec. Soubera momentos antes que seu subalterno prendera os testículos de um tarado na gaveta. Fechou à chave e foi tomar um vermute. Lacerda chegara, encontrara o pobre diabo, gemendo de dores pedindo que ninguém esbarrasse

na mesa. Imediatamente mandou chamar Mário, ordenara que soltasse o saco do infeliz e passara-lhe uma descompostura em regra. Terminou aconselhando:

— Mário, não sei quem é o autor, nem mais onde li isto. Mas deve servir para seu guia, não só para você, mas para todos que labutam nesta casa. A frase é esta: «faça de sua vida uma canção de amor», não de ódio.

A frase ficou na memória de Geraldo: «faça de sua vida, uma canção de amor». Tão bonita, mas tão irreal. Canção de amor, viver amando o seu próximo, sendo útil à coletividade, nunca roubando, nunca matando, nunca prejudicando o seu semelhante.

Amor. Lógico que o poeta (seria poeta mesmo? Acho que não, «Fiô» devia achar que era filósofo, como aqueles que faziam uns sambas-canção bonitos, chejos de melodia e filosofia. Sei lá, poeta é mais fácil).

Lógico que o poeta não estava se referindo ao amor de se deitar com homem, nem com freguês, nem com «Fiô». Era o amor de gostar de todo o mundo, de fazer o bem. De não autuar uma pobre meretriz por vadiagem, trancaficá-la no infecto xadrez, sem comida. De não trancafiar os troços de um homem na gaveta e levar as chaves. De matar negro, acender quatro velas e sair de perto.

Só podia ser o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Pedro Balduíno Lacerda, de Alan Kardec.

Não o amor de Antônio Mário, não o amor de Santos Lemos. (1.º)

1º) Antônio Mário dos Santos: Radical transformação sofreu a sua personalidade. Tornou-se cõscio de seus deveres de cidadão, integrou-se na sociedade e no mundo. Modificou-se para melhor, tanto assim que logrou o lugar de Secretário do Deputado Geraldo Lopes, e faz muito júz em Duque de Caxias ao polpudo vencimento que a Assembléia Legislativa lhe paga. Depois formou-se em Direito e agora advoga em D. de Caxias.

## CAPÍTULO XXIV

### NEGRO E BRANCO IRMANADOS

Durante dias — ou melhor dizendo — durante noites, «Sabará» refletiu sobre as palavras do autor desta obra. E pouco a pouco começou a se distanciar de seus velhos companheiros, preferindo os rapazes da Paulicéa, que, por sua vez, também já não o queriam muito, lembrados ainda do assalto que praticara. Passou, então a frequentar as proximidades da Delegacia, onde, por tantas vezes, fora preso e espancado. Solidificou sua amizade comigo, com quem conversei durante horas em dias alternados. Mas seu espírito folgoso e livre adaptou-se, primeiramente, ao gênio do repórter Asclepiades Barbosa de Sousa, meu substituto na «Luta Democrática». E com ele varou noites e mais noites nos cabarés de Caxias, frequentando a Boite El Cubano, derrubando mulheres brancas nos hotéis que nunca perguntavam os nomes dos hóspedes. Fez amizades com comerciantes (donos de bares e restaurantes), com proprietários de «inferninhos», com policiais e jornalistas. Passou a «menino de recados», levando encomendas para todos em suas residências, conhecendo suas esposas e amantes. E tanto uma como outra apreciavam aquele negro respeitador, de fala macia, cheia de gíria, sempre prestativo. E como encerava uma residência! Deixava-a brilhante, como espelho. Numa mudança, ninguém melhor do que ele para botar um guarda-roupa na cabeça, e sair pelas ruas sambando, cantando samba que compôs ou que aprendeu nos infectos xadreses do 311.

Fez amizades até com o já vereador Armando de Belo França, que o baleara por detrás quando ia derrubar o investigador Jamil Antônio a pauladas. Tornou-se quase que um seu guarda-costa, sustentado por ele,

que nunca deixou de pagar-lhe um prato de comida ou de dar-lhe dinheiro para a cachaça ou para a cerveja nas boites.

Mas «Sabará» guardava o dinheiro, os exploradores de lenocínio nada cobravam, ele ia sempre em minha companhia ou de Asclepiades, era respeitado, não pagava nem cinema. Era chegar e entrar. E quando alguém perguntava:

— Mas quem é você?

— Eu sou o negro «Sabará», e daí?

E entrava, sem maiores obstáculos...

O negro «Sabará»...

Sua fama de ladrão e assaltante a «mão grande» (1.º) regenerado dominou toda as ruas de Caxias. O sábio «Fiô» espantou-se com a notícia, e comentou com Geralda:

— Como é que pode? Será verdade?

— Diz que foi aquele repórter, o Santos Lemos, que conseguiu com conselhos, e apresentando ele aos brancos, amigos dele. E ficaram tudo gostando de «Sabará», contanto que ele nunca mais pegasse ninguém «na marra».

«Fiô» lutava contra a sua própria incredulidade:

— Parece impossível. Tenho visto «Sabará» bebendo no «Flor de Caxias» em companhia daqueles dois jornalistas, principalmente com Asclepiades, que já o levou até a presença do Deputado Tenório Cavalcanti...

E depois, rindo:

— Como é que «Sabará» conseguiu pronunciar a palavra Asclepiades?

Mas o negro aprendeu sim, não só esta como dezenas de novas palavras com leituras e palestras, não abandonando, porém, suas gírias como «viro esta arma para lá», quando o assunto ou o convite não o interessava. «o que é isto assim», como expressão de espanto ou de dúvida, e dezenas de muitas outras. Nunca abandonou o «São Bento», princípio e fim de quase todas as suas frases. Renunciou os palavrões, já não pronunciava tantas palavras obscenas só as que ele julgava indispensáveis para o bom entendimento.

Seu assunto predileto era ainda o futebol. E quando bêbedo, no «Paralelo 38», chorava quando avistava o vereador Armando de Belo França, que montara um escritório eleitoral ao lado da Delegacia.

— Levei três tiros na bexiga do «Capitão». Armando me atirou, me inutilizou, não posso mais jogar bola, não aguento correr muito. Podia ser hoje um crak, estar no profissionalismo, já tinha uma proposta.

E entre lágrimas e cálices de «Praianinha»:

— Só falta eu ficar chué, pirado do pensante ou piroba...

Mas todos os ajudavam, até a polícia. O investigador João Coelho (2.º) apegou-se ao negro, tornando seu companheiro de todas as horas, levand-

1º) A mão grande: a mão armada.

2º) João «Toco de Vela», autor de muitas mortes, sofreu um colapso cardíaco, ao se vêr processado.

do-o à sua residência, apresentando-o aos seus filhos, à sua esposa. E sentava com ele à mesa, branco e negro, juntos, sem discriminação racial. Nestas oportunidades, «Sabará» lembrava-se das minhas palavras e sorria interiormente.

E levava a sua vidinha, sem preocupação, torcendo pelo Flamengo apaixonadamente, indo ao Maracanã com o guarda da Leopoldina, Walcyr, que pagava sua passagem, seu ingresso e depois ainda o jantar, regado a cerveja.

O alfaiate e tintureiro Orthogamiro Teixeira de Melo, o «Camilo» dava-lhe roupas esquecidas de fregueses relapsos e carne de gato com pepino e «Itakira» aos domingos, depois que ele lavava o salão da alfaiataria.

«Sabará» começou a encarar a vida por outro ângulo, não mais roubou e nem assaltou ninguém. Passou mesmo a ser respeitado, não mais pela sua coragem ou força, mas pela sua coragem de se regenerar, pela sua força de vontade de trilhar um novo caminho. Afastou-se de seus companheiros, procurando novas companhias, não de aristocratas, carolas ou de intelectuais. Acheou-se a policiais e repórteres, jogadores de sinuca no Bar Líder, que já perdia o seu apelido de «Paralelo 38».

Dentro os membros da «rapaziadas», amigos de outrora, um não conseguiu dispensar: «Fiô». Gostavam-se e respeitavam-se mutuamente, já há anos, e o próprio «vaposeiro» só lhe dava bons conselhos. Chegou mesmo a modificar o conceito que fazia sobre o autor desta obra, se bem que anos depois contribuí, indiretamente, para a sua desgraça.

O maconheiro colaborou ativamente para a recuperação do assaltante



## CAPITULO XXV

### A IGNORÂNCIA DOS BRANCOS

Em sua nova jornada, a Jornada da Regeneração, «Sabará» abandonou as velhos companheiros — se bem que os da barra pesada já estavam mortos ou desaparecidos — em busca de novas amizades. Preferiu aos dos jornalistas e tornou-se amigo de Asclepiades Barbosa de Sousa, meu antigo fotógrafo. E varava as noites de Duque de Caxias, bebericando nos botecos e nas boites, onde entrava sem pagar e bebia sem meter a mão no bolso. Era amigo da Imprensa, era o famoso «Sabará», o dono da cidade.

Asclepiades, volta e meia, metia-se em uma encreca, valendo-se do negro para dela sair.

Numa noite, no interior do «Cabaret dos Bandidos» entrou em choque com o malandro Itabaiana, por causa da mulher deste, a decaída Odete. Discussão calorosa, com troca de palavrões, a mulher atijando, «Sabará» olhando. Lá para as tantas, Itabaiana cresceu para cima do repórter, «Sabará» interveio, mão esplamada na cara do malandro. Cadeiras viraram, garrafa dançou em cima de mesa, fez que ia cair, acabou equilibrando-se.

O malandro recuperou-se da pancada, já de navalha na mão e abriu uma «avenida» no ante-braço direito do negro. Sangue, tão vermelho como se fosse de branco, molhou a «beca» do regenerado, que em companhia do jornalista procurou o H. G. V., enquanto Itabaiana e Odete metiam o pé no mundo.

No Hospital, o ferido não foi atendido, desta vez, pelo Dr. Waldemar da Silva Buinga, que lhe salvara a vida alguns anos antes, devia ter

sido transferido, conforme tudo indicava. Outro clínico atendeu-o e pensou ferimento.

Ao preencher a ficha, o médico perguntou o nome:

— «Sabará».

— Como? Como é mesmo seu nome?

— «Sabará», já disse. O branco não ouviu?

O médico sorriu:

— Não é o apelido que eu estou perguntando, é o nome. João, Pedro, José, o nome.

— Ah, bão. Deixa eu lembrar... Ah, sim, Ismael Rodrigues da Silva Sabará.

— Isto tudo? Mas tem a palavra Sabará no fim?

— Comé que não tem se todo o mundo me chama de Sabará? São Bento que home mais complicado!

E olhou pro médico. Este encarou-o e achou por bem lascar no boletim: Ismael Rodrigues da Silva Sabará. Preencheu idade, cor, naturalidade. Surgiu nova encrenca com filiação, o negro nem mais se lembrava que tinha tido uma mãe, mas disse que o pai enterrava «otário que sambava», era coveiro no cemitério de Magé.

—Endereço? Onde mora?

Outro problema. «Sabará» nunca tivera um lar em sua vida. Nunca morou, sempre se escondeu, no tempo de marginal. Agora, dormia no alojamento das praças na Delegacia de Duque de Caxias. Dizer a verdade era despertar suspeitas naquele branco azedo, cadê Asclepiades que sumiu? vou acabar entrando em cana no 21.º D.P. se eu falar que moro numa Delegacia. São Bento!

— Onde mora? — insistiu o Doutor.

«Sabará» pensou mais durante alguns segundos, e mandou brasa:

— Av. Plínio Casado, 311, em Duque de Caxias.

E o médico tomou nota sem saber o que era o 311 em Caxias. . .

Com o braço, enfaixado, o negro deixou o nosocômio, voltou para a sua adorada cidade. Não deu parte a polícia o bom malandro não es-trila, ainda ia às forras, se bem que achasse aquilo muito natural. Coisa da vida, coisa da vida noturna de Caxias.

Os anos se passaram e por um nadinha, eis que o negro entra em atrito com o branco, «Sabará» cortou as relações com Asclepiades. Este jurou vingança, ainda ia acabar com a folga daquele preto, ainda ia botá-lo no xadrez com todo o seu Santos Lemos, que o protegia.

Na época, representava o «Diário da Noite», um rapaz de nome Emanuel Ascênio de Carvalho, mais conhecido pelo sobre-nome.

Caráter um tanto escorregadio, gostava do dinheiro fácil, fazia, suas pequenas atropalhadas, sem ter chegado, todavia, — pelo menos, então — a ser um marginal. Com este também aquele repórter encren-cou, e arquitetou um plano com o seu colega da «Luta Democrática», Ju-lião Vieira, para jogar em cima de ambos em processo, provocando-lhes alguns dias ou semanas de xadrez.

E combinaram com o chefe da secção de Furtos e Roubos, o in-vestigador Paulo Farias Souto, o «Paulo Embalsamado», para acusá-los de

tentativa de arrombamento contra a agência do Banco do Brasil de Duque de Caxias! Acusação verdadeiramente ridícula e grotesca: um negro burro como uma porca e um repórter — que podia quando muito tomar dinheiro de algum bancário em troca do silêncio em torno de alguma amante, mulher casada — acusados de arquitetarem um plano para assaltar um estabelecimento da altura do Banco do Brasil! Algo que não caberia na cabeça de ninguém. Nem «Sabará» e nem Carvalho eram «Tião Medonho» ou «Nilo Peru», quanto mais os gregos que operaram em pleno centro de São Paulo, se bem que na época dos fatos aqui narrados, nem se ouvia falar naqueles famosos, inteligentes e corajosos marginais.

Mas «Paulo Embalsamado» desde muito que vinha olhando aquela dupla: Sabará e Carvalho, o preto e o branco. Vivia preocupado, na qualidade de chefe da secção de Furtos e Roubos, como é que toda a malandragem estava a par dos passos da polícia, a diligência que ia ser efetuada, quem ia ser preso, as queixas apresentadas. Chegou a conclusão que outro não poderia ser aquele «ladrão» e «maconheiro», «negro não se regenera, só dá um refresco» (1.<sup>o</sup>), depois volta a delinquir com mais intensidade ainda.

— Bandido sempre será bandido, só o que não erra, o que modifica, o que regenera, é bala, é cemitério. Nem cadeia!

Mas enquanto, seu lobo não vem, «Sabará» e Carvalho foram enviados ao xadrez. O negro entrou em seu velho «habitat», foi entrando e dando porrada, chutou quem dormia, exigiu lugar de destaque, neca de perto de privada, era o Rei, «quem duvida que se apresente».

Carvalho — coitado! — primeira vez, foi logo recebendo um soco no nariz, que lhe fraturou um osso. O sangue escorreu, ele berrou. O carcereiro, o velho Francisco Nascimento, muito conhecido por Titio», deu um jeito para o ferido ir para o Posto da Sandú. Pesado, voltou pro xadrez.

A prisão de ambos e a ridícula acusação, revoltaram-me pela sua injustiça e pelas consequências que poderiam advir para o espírito não muito esclarecido do negro. Aqueles dias de prisão poderiam fazer com que «Sabará», numa revolta natural, voltasse a delinquir. Era o problema dos que querem um lugar ao sol, do marginal que pretende se regenerar, mas que a polícia não deixa, obtusa, tapada, sem luzes, idiota.

Imediatamente procurei o investigador «Paulo Embalsamado». Ele já me esperava, sabia que eu ia intervir em favor dos meus amigos:

— Doutor, muito me admiro o senhor, um homem de bem, se preocupando com aqueles dois assaltantes. Aposto que nem estão lhe pagando.

— Paulinho, este problema de dinheiro, é comigo. Nem você mesmo, policial experimentado que é, está acreditando nas acusações de Asclepiades e de Julião: «Sabará» e Carvalho não pretendiam nenhum assalto, muito menos, agência de Banco do Brasil. Vai soltá-los?

1<sup>o</sup>) Dar um refresco: descansar, esfriar.

— Eu, não, «Sabará» vive alcaguetando a polícia para a malandragem, já não se pode prender mais ninguém, quando se chega no local, todos já fugiram. É ele quem avisa os ladrões e maconheiros. «Sabará» que vive aqui conosco, devia ajudar a polícia dando o serviço para nós dos marginais, onde se escondem, que roubam, e não o contrário.

— Paulo, essa não! Então você quer dizer que o negro devia praticar este ato indigno, de denunciar seus antigos companheiros — os que sobreviveram, bem estendido... — entregá-los à polícia? Ele nem teria mais a minha amizade.

— Ah, é assim? Então o senhor está do lado dos marginais?

Prosseguir seria inútil, o investigador jamais entenderia, já estava supondo que eu protegia os fora da lei quando queria apenas zelar pelo negro, não tomá-lo um «dedo duro» dos novos delinquentes, os «pés rapados» que sobram naquela profilaxia sangrenta, de alguns anos atrás, que prosseguia, mas já de maneira branda e rara.

Naquelas alturas dos acontecimentos, eu já estava formado em Direito, mas nunca advogara, preferia continuar na Imprensa. Procurei o rábula José Fonseca, (1º) o «Vademecum» ambulante, que me instruiu como impetrar duas ordens de Habeas Corpus, sem culpa formada e sem p.p. como era o caso dos dois presos. Vinte e quatro horas depois, Carvalho saiu com o nariz quebrado, dizendo que Asclepiades(2º) e Julião(3º) foram que instruíram os outros presos para espancá-los, sob promessa de liberdade. E realmente, na véspera da saída do Emanuel Ascânio, diversos maconheiros e ladrão deixaram de ver o sol quadrado. Mas «Sabará» ficou, seu Habeas Corpus fora prejudicado, pois no mesmo dia em que procurei o escrevente de Justiça Carlos Guimarães para aquele remédio legal, tiraram o negro do xadrez e o autuaram na vadiagem. O Carvalho escapou, pois na qualidade de jornalista, não cabia a acusação de praticar «habitualidade de ociosidade». Mas em «Sabará» acusação era justa — esta era! — pos o negro nunca trabalhara em sua vida.

— Trabalho? E eu sou otário, branco?

Novamente, procurei o «vademecum» José Fonseca, o «Fonsequina». E ele ensinou-me como requerer um relaxamento de prisão, derrubar um flagrante de vadiagem. Inventei até uma profissão para o crioulo, foi a primeira mentira como advogado. A minha petição colou: o negro foi posto em liberdade, Paulo, e os dois homens da Imprensa espumaram de raiva. Tinha perdido a partida!

1º) José Fonseca, durante muito tempo escreveu uma coluna semanal em «O Municipals», intitulado «Já é sem tempo». Faleceu, deixando saudades.

2º) Asclepiades Barbosa de Sousa, outro que se recuperou completamente. Tornou-se um homem de bem e funcionário público. Abandonou a imprensa, mas não a Tenório Cavalcanti, a quem visita com assiduidade.

3º) Julião Vieira, casou-se com a antiga funcionária da Sucursal da «Luta Democrática» em Caxias, de nome Elza, que lhe deu uma filha. Julião faleceu na miséria, de tanto beber. Deixou poucas saudades.

## CAPITULO XXVI

### A PORTA DO PASSADO

Eles perderam a parada. Perderam, dentro da lei, com os recursos que a lei me deu para soltar Carvalho e defender «Sabará». Perderam, mas não se conformaram, e saíram para outra. Julião e Asclepiades ficaram na expectativa, aguardando uma nova oportunidade, Paulo Embalsamado tomou uma barca para Niterói, e entrou na Secretaria de Segurança. De lá saiu, lotado na Delegacia de Vigilância e Capturas, com a incumbência de prender marginais da Baixada Fluminense. Veio a Caxias e deu sumisso no negro «Sabará».

Quando eu soube já era tarde e Inez estava morta: para onde levaram o meu amigo, o negro «Sabará»? Andei de Seca em Meca, terminei cortando relações de amizades com dois jornalistas, meses depois só reatei com um, fui a Magé, Barra Mansa e Niterói. Ninguém sabia em que cubículo estava o preso Ismael Rodrigues da Silva. Parecia que a terra o tinha tragado.

Numa tarde, depois de muito andar, deparei com Paulo de Souto Farias, conversando, ainda na porta do armazém dos «Primo» ao lado do 311:

— Paulinho, não faça isto comigo. Onde está o negro «Sabará»?

O investigador olhou-me com nojo e desprezo:

— Como é que pode, um doutor, um jornalista, um homem de bem, se humilhando por causa de um negro ladrão e maconheiro?

— Eu não estou me humilhando, estou evitando encrencas. E «Sabará» não é mais nem ladrão e nem maconheiro. É tão honesto como qualquer policial, às vezes, mais honesto ainda.

Paulo modificou-se. Seu corpo esguio, magro e comprido, emperdigou-se. Passou a mão pelos cabelos brancos, cuspiu de lado o restinho da bebida, que momentos antes ingerira, abriu o palitô, mostrou uma metralhadora portátil, guardada dentro de uma caixa de madeira.

— Olhe o que tenho aqui para «Sabará» e quem mais o defenda.

Os dados estavam lançados. Após uma pequena, porém calorosa discussão, retirei-me e fui para a imprensa. Os jornais cariocas publicaram o sequestro do marginal regenerado, mas negaram-se em tocar nos nomes dos dois colegas, Asclepiades e Julião. Paulo andou até pelas primeira páginas.

Na época eu secretariava um jornalzinho, semanário, de propriedade de J. Bráulio, intitulado «A Verdade», que rodava na «P. N.» e tinha redação na Av. Nilo Peçanha, 185, loja. Ali, descaderei os dois confrades e mais a polícia, inclusive o Delegado que não tinha atendido os meus apelos, nem na primeira e nem da segunda prisão.

— A campanha deu resultado: «Sabará» apareceu numa tarde em Caxias, magro, todo machucado. Sentou no Bar Líder, pediu uma cachaça. Bebeu-a de um só trago, tossiu, cuspiu de lado e contou a sua odisséia.

Estivera preso durante uma semana, saindo para o pau todas as noites. Toda vez que eu aparecia no município onde o negro estava escondido, a polícia o transportava para outra Delegacia, prejudicando o Habeas Corpus. Meu nome andava pelas bocas dos investigadores, dos comissários e dos Delegados. Temiam que eu descobrisse o paradeiro e criasse caso. Alguns já me conheciam:

— Santos Lemos? Deus me livre de confusão com aquele baixinho... Mau como cobra, faz em espôrro dos diabos pelos jornais! Nunca esqueça o que lhe fazem!

E logo em seguida:

— Soltem este negro que isto ainda vai dar bode.

E «Sabará» foi solto, todo arrebetado. Disse ele que Paulo não lhe encostou a mão. Foi a Secretaria, pediu a prisão do crioulo, alcaguetou os seus pontos prediletos e depois lavou as mãos, como Pilatos. Nada disse a meu respeito, pois do contrário, não conseguiria a realização da tremenda arbitrariedade.

E «Sabará» contou aos frequentadores do antigo «Paralelo 38», às vezes com lágrimas nos olhos, a maldade que lhe fizeram.

Queriam que ele desse serviço de arrombamento e assaltos na Baixada que a polícia nunca descobria os autores, crimes que o negro nem tinha tomado conhecimento. Apanhou de palmatória, de cacete de borracha, dependuraram-no no «pau de arara». E como o preto gritasse muito, poderia acordar com a sua dor toda a pequenina cidade, em cuja delegacia estava escondido, ligaram o rádio em alto volume.

Até hoje ele tem raiva do tango «Carlos Gardel». Lembra as torturas que sofreu ao som desta música, bem alto, para cobrir seus berros de desespero, seus gritos não ouvidos de inocência. Até choque elétrico levou.

Por fim, acossado por mim, soltaram-no «Sabará» perdera uns oito quilos. Paguei-lhe um prato de comida, levei-o para um hotel. fomos cabisbaixos, silenciosos, cada um preso pelos seus próprios pensamentos. Na porta do quarto, quando eu ia voltar, «Sabará» largou a frase que eu temia, mas que esperava:

— Tá vendo, Doutor? eles nunca esquecem o que fui, não acreditam que eu não faço mais aquilo.

— Mas...

— Doutor, eles sabem que eu sou preto, e eles são brancos.

— «Sabá», amigo vê...

— O que adianta, não bulir mais nas coisas dos outros, o que adianta não queimar mais um mato (1.º), o que adianta? Dá até vontade de voltar para a pesada, segurar branco na marra com mão grande, Doutor.

E fechou a porta na minha cara, fechou a porta do presente e do futuro para voltar ao passado.

---

1º) Queimar um mato: fumar maconha.

## CAPÍTULO XXVII

### ASSIM SE TORNOU O NEGRO «SABARÁ»

Mas «Sabará» não abriu a porta do passado. Ficou macumbúzio durante dias, dias que foram de verdadeira convalescência, tratando-se na Farmácia do Betinho com o Chiquinho, almoçando no U.P.C. ouvindo as minhas ponderações. Pouco a pouco foi reconquistando os quilos perdidos, cuidando de suas feridas externas e internas.

Não mais voltou a delinquir, pelo menos, não mais «mexeu nas coisas dos outros». Torná-lo um homem de bem completamente útil à sociedade, trabalhador, não me foi possível. Consegui apenas, explicando que o mundo não era assim tão mal, que o caráter de um homem não estava na cor de sua pele, que há bons em todos os matizes, que ele não mais assaltasse ou arrombasse. Apenas não consegui fazê-lo trabalhar. Arrumei diversos empregos, a nenhum compareceu, nem sequer para começar. Outro tanto fizeram Amyl Ney Rechaid, Armando de Belo França, Rogério Monte Vianna Karp. Tudo inútil, o negro não era do batente.

Preferia viver duro, perambulando pelas ruas de Caxias, comendo um prato ali, virando uma cachaça acolá, fazendo pequenos serviços para todos — pretos ou brancos — pagos ou gratuitos.

Encerava uma casa que ficava um espelho, carregava compras por mais pesada que fosse, ia no inferno buscar dinheiro de um português para um investigador. Trazia a propina sem faltar um tostão, recebia o seu, entrava no botequim de seu Bandeira e dali saía teso.

O bom Bandeira, sempre aconselhando-o e dando o seu inigualável exemplo, volta e meia, conseguia que ele o ajudasse nas lidas do bar. «Sabará» era um garçon ligeiro e aseado. Atendia às mesas com presteza



e urbanidade, só que era pior do que o condutor da Light — ia servir duas cachaças e bebia uma, no fim do dia os fregueses estavam sóbrios, pois variavam, e ele estava bêbedo que era um só...

Tinha por mim verdadeira veneração, capaz de praticar qualquer desatino em minha defesa. Ai de quem falasse de mim, ou maltratasse meus filhos! Levei-o por diversas vezes à minha casa, e ele passou a adorar meus filhos, levando-os para passear, ao cinema, pagando guloseimas. Os vizinhos e parentes censuravam-me:

— Mas como é que você deixa um negro daquele, que dizem que já foi até ladrão, andar com seus filhos pelas ruas?

Mas «Sabará» era de confiança. Minha família ia para casa de parentes, eu entregava a chave da minha residência a ele e pedia que fosse encará-la. Ele mesmo abria a porta, limpava tudo, deixava que era uma maravilha, não mexia num só tostão, em uma única jóia.

Só em bebida: a geladeira ou a pratilheiro ficavam lisas, o negro bebia tudo.

— O —

A feira de Duque de Caxias, aos domingos, do outro lado da linha, na Av. Presidente Vargas, era uma das maiores do país. Atingia diversas ruas e ali vendia-se de um tudo, desde roupas e alumínio, até comidas das mais exóticas e regionais do nordeste. Eram milhares de barracas, centenas de «camelots» apregoando seus produtos, com sotaque nordestino. Parecia que se estava em Recife ou em São Salvador, nunca na fronteira do Estado do Rio com a Guanabara.

Centenas de carros encostavam na Praça Roberto Silveira, procedentes do Rio, famílias nortistas ou nordestinas, ávidas do paladar da terra natal, para ali se convergiam, aglomerando-se naquele caleidoscópio de guloseimas, roupas, bebidas, enfim uma infinidade de pequenas e grandes coisas, jamais encontráveis no sul.

Em um terreno baldio, era a feira dos passarinhos. Atraía os apaixonados pelos pássaros de toda a parte, que, domingo bem cedinho, atravessavam a Praça do Pacificador, carregando suas gaiolas, a fim de vender ou comprar cativos.

E a feira era um mercado persa, apinhado de gente, que nem se podia caminhar.

«Sabará» rompia a multidão com a força de seu peito, empurrando Deus e todo o mundo.

— São Bento, que é gente de mais. Oh, minha tia, soe da frente, que os filhos do Doutor Santos Lemos quer passar.

E eu atrás, com meus garotos, segurando um em cada mão, ia atrás do crioulo, que abria caminho. Volta e meia, o negro tirava uma olhada para uma cabrocha bonita ou para uma garota de Copacabana, despia o broto com os olhos e exclamava.

— São Bento, uma nora dessa que minha mãe queria.

Lá para as tantas, em meio à multidão, alguém pisou no pé de um dos meus filhos. Incidente banal, para lá do que natural diante de tanta confusão. Mas não para «Sabará». O negro viu quem pisou, sentiu mais do

que o menino a pisadela, e dizendo um palavrão, tomou distância, arriou a cabeça e como um bólido, chocou-se com o pobre diabo que não enxergou o pé do meu garoto.

A cabeçada foi violenta. O homem recuou três metros, arrastando quem atrás estivesse, e foi se estatelar no chão, desacordado.

Gritos, mulher berrando, crianças chorando, polícia chegando. E pela centésima vez, lá fui eu contornar situações jogando com o prestígio do meu nome, tantas vezes amaldiçoado.

Assim se tornou «Sabará». De assaltante a mão armada, mais do que nunca um desordeiro, mas um desordeiro respeitador e humilde, amigo de quem seu amigo era também.

— «Oo» —

Fundei a crônica social em Duque de Caxias, na «Folha da Cidade». E em busca de matéria para o «Caxias Society», minha vida era ir a bailes, reuniões e bares que às vezes deixava, procurado pela polícia, para comparecer a um local de homicídio.

Era cronista social e repórter de polícia ao mesmo tempo, lidava com vestidos caros e decotados, lidava com negros suados e espancados também.

Num baile da Agremiação Aliança, tive um atrito com um rapaz, muito mais alto do que eu, procedente do Rio, e na saída com ele me atraquei

«Sabará» estava por perto, ficava na rua, tomando umas e outras, vigiando seu branco, encrenqueiro como ele só.

Quando me viu atacado com um desconhecido, correu e jogou longe o meu adversário. Tornei a atacá-lo e com ele embolado, não vi aquela enorme e pesada mão negra que, com a rapidez de um relâmpago, surgiu de baixo para cima, chocando-se com o meu nariz.

Vi estrelas que nunca estiveram no céu, e quando voltei de Moscou para Caxias, o desconhecido já estava longe, e correndo deve estar até hoje.

Cuspi e assoei sangue. «Sabará» solícito, quase chorando, tentava por todo o jeito, pensar meus ferimentos que ele produziu:

— Negro burro! Você me confundiu com o camarada?

— Mas doutor, ele tirou a cara da reta, o senhor deixou a sua...

Durante três dias, cuidei do meu nariz, julgando-o quebrado.

Assim era o negro «Sabará»...

## CAPITULO XXVIII

### A GESTÃO DO MONT KARP

Enquanto «Sabará» lutava contra a caluniosa acusação de que se convertera em um «alcaguete», a vida prosseguia até para os presos na Penitenciária. Volta e meia, o negro tinha notícias de seus antigos companheiros. De suas tentativas de fuga e consequentes bárbaros castigos. De suas fugas e seus esforços em não serem recapturados, pois a ordem emanado do Presídio e do Delegado de Caxias era de «vivo ou morto».

O titular do 311 já não era mais o Dr. Amyl Ney Rechaid. Depois dele outros vieram. Dentre todos destacou-se Rogério Mont Vianna Karp, que já limpava São João de Meriti e chegara na terra de Lima e Silva, com o mesmo propósito. Trazia, em sua bagagem, homens de sua inteira confiança como os investigadores Milton de Moraes (com o prestígio de Comissário), João Coelho, escrivão Serafim Marques, e uma turma de «alcaguetes», alguns deles do extinto bando de «Mineirinho», que ele recuperara e pusera a seus serviços. Eram úteis e devotados ao Delegado, que trabalhavam dia e noite, de palmatória e arma na mão, limpando Caxias a ferro e a fogo. Terminara o regime do poço nos fundos da Delegacia, do Canal Meriti, do asfalto da Estrada Rio-Petrópolis. Mas surgira um outro, mais hediondo, o de aleijar «punguistas», tuberculizar assaltantes, estourar rins de ladrões, raspar cabeças de prostitutas. O jogo podia correr franco, que era ordem da Secretaria de Segurança. Os hotéis continuavam de portas abertas, juntamente com os «rendez-vous» e «inferninhos» como «Cabaret de Caxias» e «Vila Rica».

Na gestão do Delegado Rogério Mont Vianna Karp, ocorreram apenas oito homicídios, sendo que quatro dos seus autores foram autuados em

flagrante e os outros foram levantados com os seus responsáveis apontados à Justiça. Mont Karp foi a única autoridade fluminense que teve a coragem de prender o famoso soldado da Polícia Militar do Estado do Rio, José Messias dos Anjos, membro do «Sindicato da Morte». Levantou três dos seus inúmeros crimes, mas não teve a coragem de enfrentar o Deputado Tenório Cavalcanti, tão envolvido em um desses homicídios. Nem ele e nem ninguém, com exceção do finado Albino Imparato...

Mont Karp gostou de «Sabará», de sua força de vontade, de sua regeneração. E auxiliava-o com dinheiro, apoio moral e conselhos. Era homem de falar pouco e fungar muito, pois sofria de sinusite, e quando o púts atocava, tornava-o mais violento do que nunca. Espancava pessoalmente os ladrões, ele, Serafim e Coelho, em seu próprio gabinete.

O único telefone da Delegacia era situado num estreito corredor, dependurado na parede do gabinete do Delegado. E o autor desta obra quando o usava tinha a impressão que o carcomido prédio vinha abaixo, pois as paredes tremiam com baques sucessivos. Era um negro jogado como um bólido, impulsionado com os pés do escrivão Serafim Marques de encontro aos peitos do preso. Para tanto o jovem policial dependurava-se nos ombros de seus colegas e jogava os pés.

Na mesa do titular, havia um disco de vidro grosso, com o seu nome. Pois era usado para arrebentar os dedos dos «punguistas», cujas mãos eram seguras por um «alcaguete» e espalmadas em cima da mesa. O Delegado então batia violentamente com o grosso vidro, em dedo por dedo, até achatá-los numa poça de sangue. Até hoje, quando um velho «batedor de carteira» é preso e tem os prolongamentos articulares achatados, lê-se ali a assinatura da gestão de Mont Karp em Duque de Caxias.

Já não havia mais porrete que chegasse para costas de negros. Usava-se então as cadeiras do gabinete que eram quebradas na cabeça dos marginais, fazendo-se em pedaços. As cadeiras e as cabeças...

Meia hora depois, quando os pobres diabos eram arrastados de volta para o xadrez, «Sabará» entrava na sala empunhando martelo e pregos. E lá ia, pela décima vez naquele dia, consertar as cadeiras quebradas. Cinco minutos depois era novamente chamado para novos consertos, pois um novo ladrão fora preso e apresentado ao Delegado...

Mas limpou Caxias. Ora se limpou. Seu nome ficou gravado, a sangue, suor e lágrima, naqueles bairros esburacados e empoeirados, de gente pobre, procedente do Norte e do Nordeste do país, em promiscuidade com maconheiros e assaltantes, que fugiam esbaforidos para outras plagas menos perigosas. Saira Amyl Ney Rechaid, matando negros, vieram outros Delegados, chegara Mont Karp, com fama de São João de Meriti, com vontade de o mesmo fazer em Duque de Caxias.

E fez, sabe Deus como...

Da Penitenciária escapavam os condenados, não que pulassem o muro. Não era preciso, pois conseguiam autorização de trabalhar fora, e quando ciscavam, não voltavam. Iam para Duque de Caxias, Cidade Aberta, de braços estendidos que os acolhiam. Mas Mont Karp dava-lhe caça, de arma na mão, acompanhado por policiais de confiança e «alcaguetes» leais. Caça dura, da lei do cão.

Fugiram «Mineiro», «Peinha», Aristaco, Malaquias e «Cocute». Este último foi tocado pelo investigador João Coelho, nas cercanias do Hotel Maracanã, quilômetro um da atual Rodovia Washington Luís. Coelho e o atual Comissário Manoel Antonio Ribeiro deram-lhe caça e tiros. Mas «Cocute» só foi morrer, derrubado por uma saraivada de balas, nas mesmas circunstâncias, em 1964, em Duque de Caxias.

Fugiram «Russo» e «Mineirinho» e foram caçados também na terra de Lima e Silva, por aquele Delegado de cara de menino, fungando sempre, mau e honesto como que. Tão honesto, como Amyl Ney Rechaid e Wilson Frederici. Combatiam o roubo, o assalto, a maconha, mas permitiam a contravenção e o lenocínio. Alegavam que a ordem vinha de cima. Mas ninguém se metia a besta de incomodar o Deputado Tenório Cavalcanti, quieto, lá no seu canto, contando que ninguém bulisse com ele. Permitia ataques e críticas, nunca uma ameaça de morte. Aí, virava bicho, E quem o ameaçara, amanhecia com formiga na boca.

Era um legítima defesa putativa, subjetiva, lá no seu entender.

Fugiram pela terceira vez Malaquias e «Daguia», e a perseguição tornou-se mais tenaz do que nunca. Este último ficou visivelmente apavorado, tonto pelas ruas de Caxias, com medo de morrer. Sabia das histórias da polícia do 311, desde a gestão de Amyl Ney Rechaid. Conhecia os gemidos que partiam do poço nos fundos da Delegacia, das cruces que poucos conseguiam enxergar ao longo da Estrada Rio-Petrópolis, das velas acesas, que iluminavam as águas imundas do Canal Meriti. Ouvia falar das cabeças e dedos quebrados no gabinete do Delegado Mont Karp, dos rins e pulmões estourados por palmatórias, dos xadrezes de onde não era mais carcereiro o «Homem de Passárgada», transferido meses antes. (1.º)

«Daguia» tinha conhecimento do que o esperava, caso fosse recapturado. E resolveu, então, fugir mais do que nunca e tal forma que só o Diabo o pegaria, pois para o inferno ele iria: estourou os miolos com um tiro de 38 nas ruas de Caxias. Deixou uma carta, que os jornais no dia seguinte publicaram.

«Sabaró» naquele dia, tomou um porre tremendo no Bar Líder, antigo «Paralelo 38».

---

1º) Carcereiro Mery Virole «Sangue no 311», primeiro volume da série «Crimes que Abalarão Caxias».

## CAPITULO XXIX

### O «SEU» BANDEIRA, DO BAR LIDER

Enquanto isto, a cidade crescia a olhos vistos, não pelo Govêrno que nunca fizera nada pela terra de Lima e Silva, com medo de prestigiar o eterno e perigoso oposicionista, Tenório Cavalcanti. Crescia graças à iniciativa particular, que lutava com alguns dos seus políticos corruptos e negligentes, que ela mesma elegia, de quatro em quatro anos, engabelada com as mesmas promessas de honestidade, e probidade, de solucionar os velhos problemas com idéias novas, como o caso da água. Caxias ainda bebia água de poço, que corroia pedra de filtro, azulejos de botequim, quanto mais os estômagos dos municípios.

Prédios altaneiros se levantavam, ao lado das ruas esburacadas e cheias das últimas chuvas. Em quase a sua maioria a população era heterogênea e analfabeta, sendo 60% nortistas e nordestinos, fugidos da seca, da fome, da polícia. Vinham para a Cidade Aberta, atraídos pela fama de Tenório Cavalcanti.

— O Deputado Tenório mata e fica mais rico. Nós também podemos ficar...

«Sabará», completamente regenerado, vencia os dias, sem bulir nas coisas dos outros, fumando de vez em vez um cigarrinho de maconha, deitado em sua cama no alojamento dos praças, nos fundos da Delegacia. Ali curava seus porres, porres-mãe, de sair do Bar Líder carregado por este repórter, que às vezes, estava mais bêbedo do que ele. E quando os praças se aborreciam com aquelas bebedeiras ou com o cheiro enjoativo da maconha, o negro procurava como leite macio, um banco lá atrás dos ônibus apreendidos e recolhidos à frente do 311. Eram coletivos que abalroavam ou que atropelavam e que tinham sido rebocados.

Roberto Moreira, do Hotel Caxias, ou o «Vovô», do Municipal, não negavam uma cama para o negro, prestativo e respeitador. «Sabará», então, dormia melhor, em cama macia e com mulher branca, que iludia com promessa de pagamento. Mas levava era pancada, quando se metia a besta de cobrar.

Os donos dos hotéis botavam as mãos nas cabeças com tais escândalos, que afugentavam os casais não casados procedentes do Rio, mas no dia seguinte entregavam nova chave ao negro «Sabará», por mais bêbedo que ele estivesse.

A cidade, pouco a pouco se modificava. Ainda era a «Caxias City», mas melhorava, se bem que a passos de cágado, mas civilizava-se. Tenório Cavalcanti andava quieto, lá na sua «Fortaleza», rica mansão, que lhe custava milhões, a cuja inauguração estivera presentes a nata da sociedade carioca, fluminense e paulista. Até de Brasília, vieram políticos para prestigiar Tenório Cavalcanti, ou movido por uma invensível curiosidade. Até eles se deixavam empolgar por uma bombástica publicidade.

Em frente à «Fortaleza», ainda havia, o «Paralelo 38», já menos conhecido por este nome, e sim pelo seu real, «Bar e Bilhares Líder». Na frente, o botequim, nos fundos as mesas de sinuca, onde «Sabará» defendia uns trocados com a rapaziada que jogava a dinheiro grosso. No final, sempre sobrava algum, com o qual o negro comia.

Este bar muito influenciou a vida do ladrão regenerado, solidificou seus bons sentimentos, afastou-o muito mais ainda, por intermédio do gerente do estabelecimento, de nome Martiliano Bandeira. Mulato, já quarentão, celibatário que não tinha mais jeito, era muito católico, e acima de tudo, um homem bom. Bom no verdadeiro sentido da palavra, de tirar a sua camisa para dar a um amigo.

E tornou-se amigo do negro «Sabará». Gostava do preto, preocupou-se com a sua vida, com sua força de vontade de não mais roubar. Tentou com toda a sua força leva-lo para a Igreja. Inútilmente, porém, «Sabará» não queria saber de padres, de homem de saia.

— São Bento, gente de saia, só mulher. E branca, ainda por cima. Ai, eu levo pro «caixote».

Tantos foram os conselhos e acima de tudo o exemplo, que «Sabará» deixou de fumar maconha, e tornou-se um auxiliar de Bandeira quando o bar estava muito cheio. Bancava o garçon e ei-lo correndo de mesa em mesa, atendendo policiais e malandros, jornalistas e contraventores. Volta e meia, tomava uma «Itakira» e contava seus casos, todos cheios de violências e de mulheres brancas. Tão brancas como seus dentes, tão alvas como a sua alma.

Tornou-se, pouco a pouco, um ingênuo, sincero e honesto, «menino de recados», «cachorrinho de madame». Dizia a todos que a dois homens deveria a sua nova vida: Santos Lemos e o «seu» Bandeira. Chegava a chorar quando repreendido, manso como um cordeiro, bêbedo como um gambá. Às vezes desesperava-se, falava em voltar a delinquir, quebrava cara de quem com ele se metesse a besta. E lá ia preso, não por roubo, mas por de-

sordem. O Comissário Salomão Abrahão sentia ter que prendê-lo, mas era o jeito, as famílias reclamavam que um negro alto e forte, queria briga com Deus e todo o mundo, em plena via pública.

Salomão mandava botar no xadres:

— «Depressa antes que Santos Lemos apareça.»

E quando eu tomava conhecimento de mais uma desordem de «Sabará» embriagado, corria à Delegacia, incomodando amigos, jogando o prestígio de acadêmico de Direito, depois advogado e de jornalista. E saía com o negro, já envergonhado, chorando como uma criança, cabisbaixo. Ia direto para o Bar Líder, enfrentar o «seu» Bandeira, a quem respeitava como a um pai. Sentava numa cadeira murcho, comia o sanduiche que o gerente do estabelecimento preparava, prometia não mais beber. Mas daí a pouco, tornava a encher a cara. O alcool influa em sua bexiga, estourada por bala. Era quando se desabafava.

— Foi o Armando... Armando me deu três tiros pelas costas... Estou inutilizado, quase chué, não posso jogar bola, eu ia ser um profissional..

E não demorava muito, estourava a cara de mais um...



## CAPITULO XXX

### O FANTASMA DO COMISSARIO

Os anos se passaram. Novos delegados chegavam em Duque de Caxias, alguns com grandes bagagens de larga experiência. Mas todos gostavam do negro «Sabará», tão solícito, tão prestativo. Já não mais parecia o que era, os novos ficavam abismados com o que os velhos contavam.

— Mas ele fez isto? Não é possível... Parece ser um negro tão bom...

O «ABC» do crioulo crescia com os exagêros de sempre, aumentavam suas proezas nos botequins, assaltos inexistentes dele eram comentados nas esquinas, debaixo dos postes de luz.

Mas não comentavam as andanças de «Sabará», só, não. Minha amizade com ele, também. Todos condenavam-na: Como é que pode um jornalista, um acadêmico de Direito andar com um preto cachaceiro, fumante de maconha, antigo ladrão? Os notívagos, então, estes nem se fala:

— Olhem lá, o repórter, o futuro Dr. Santos Lemos, carregando o negro «Sabará» para os fundos da Delegacia, onde o crioulo dorme. Tão embriagado que nem pode andar. Vai arrastado pelo jornalista...

Ou o contrário:

— Ih, rapaziada, hoje a coisa mudou: é «Sabará» quem carrega o Santos Lemos de porre. Que dupla!

E nós dois, o preto e o branco, o malandro e o acadêmico de Direito, continuavam unidos, palestrando durante horas, noites inteiras, em companhia de Janothas Caldas e Waldyr Calozans da Paixão, entre copinhos de cachaça e copos de cerveja.

E a vida continuava, com seus crimes, que eram desvendados pela polícia, ou relegados a um enervante segundo plano. As diligências policiais

não passavam de um simples e lacônico registro no livro competente. E pronto! Quando muito era o escrivão do feito que se desdobrava em «Sherloc Holmes» e punha o culpado nas grades.

Todos os delegados eram assim, uns mais outros menos. O Dr. Amyl Rechaid multiplicava-se quando o homicídio era de repercussão, que provocaram manchetes em jornais. Sempre e sempre bem acompanhado, o «Turco» passava noites sem dormir, gastava dinheiro de seu bolso, e voltava com o caso levantado.

Mas quando era crime de crioulo...

Já Mont Karp preocupava-se com todos os homicídios, fossem de brancos ou de pretos. E auxiliado pelo candidato a vereador Armando de Belo França descobriu a autoria do assassinato de uma bailarina de «dancing» carioca, cujo cadáver foi encontrado na Estrada dos Solimões, no distante bairro de Olavo Bilac.

Quando mudava um delegado, mudavam-se também o Comissário e os investigadores, inclusive escrivão. Só Pedro Balduino Lacerda permanecia. Outros iam e vinham como o Comissário Rafael Thomaz Fernandes, sempre acompanhando — durante 16 anos o seu comrade e amigo Amyl Ney Rechaid.

E «Sabará» tornou-se amigo do Comissário Rafael Thomaz Fernandes. Levava suas compras para casa, segurava o dinheiro das apostas durante as partidas de sinuca, levava recado, varava mundo em seu auxílio.

Comissa Rafa era acima de tudo um homem bom. Nunca vi dar um tapa em alguém, por mais marginal que fosse esse alguém. Perdia dinheiro nas mesas de sinuca, com o «Catita», com o «Bagunça», ou com o Armando de Belo França. Dizem que ele perdeu tanto, mas tanto, que deu pro «Catita» construir uma casa, na estrada do bairro Centenário...

Rafa Comissa gostava de uma branquinha, que ele bebia devagar, em companhia de amigos, às vezes com o negro «Sabará». E, a idade, o jogo, a bebida, a vida sem eira e nem beira de todo policial, além das noites em claro, terminavam por desgastar-lhe o organismo. Passou a ser um homem doente, mas ainda assíduo ao 311.

Numa noite, aborreceu-se com o escrivão Antônio Mário dos Santos, por questão de serviço. E ali mesmo no cartório, sentiu-se mal, caindo ao solo. Carregaram-no para o Posto da Sandú e depois a Casa de Saúde Santo Antônio, onde faleceu.

O enterro foi concorridíssimo. Vejo gente de toda parte, tanto da Guanabara, como do Estado do Rio. As empresas de ônibus de Duque de Caxias cederam seus carros para o grande acompanhamento, até o Cemitério do Irajá, onde muitos usaram da palavra. Dr. Amyl chorou, Naum falou pelos auxiliares de polícias, que o veneravam, pois dele eram protegidos.

«Sabará» também foi, «Sabará» também chorou, pois o negro era acima de tudo, um sentimentalista, principalmente quando era bem tratado por um branco.

Na casa do morto, Martiliano Bandeira do «Bar Líder, puxou a la-dainha, rezando um terço, ajoelhado na sala. E todos os amigos do finado inclusive o alfaiate Camilo também dobraram os joelhos, consternados.

Bandeira rezava uma ave Maria e dizia o nome de um santo. Era Santo Antônio, São João, Santo Américo, Santo não sei mais o que.

Lá para as tantas, ele largou um — Santo Camilo!

O negro olhou para o alfaiate e não conteve o riso. Camilo por sua vez também sorriu, se bem que com respeito ao morto. Mas, em tais circunstâncias quanto mais se prende o riso, mais ele teima em sair, e o negro «Sabará» quase esvaziava sua perfurada bexiga, de tanto se esforçar para não rir.

Mas ficou quieto, ciente do local onde se encontrava, quando Bandeira, olhando-o rancoroso falou mais alto:

— São Bento!

O crioulo juntou as mãos, encarou o cadáver e rezou um Padre Nosso para a alma do finado.

Durante dias seguidos, outros assuntos não tinham os frequentadores do Bar Líder. E entre bebidas lembravam os casos do Comissário Rafael, diligências que participou, dinheiro que dera para ladrão matar a fome, como auxiliava «Sabará».

O Bar fechava-se às 23 horas. Mas os fregueses costumazes, em sua maioria composta de policiais e repórteres ali permaneciam, mesmo de portas fechadas, bebericando ou batendo um papo.

O assunto daquela noite discorreu mais uma vez sobre o falecido Comissário Rafael Thomaz Fernandes. Homem bom, amigo de todos, mas que tinha uma brincadeira, que era de «roubar» as caixas de fósforo de todos que estivessem na mesa com ele. Podia ser um colega de serviço ou um senador: a caixa de fósforo sumia pelas mãos hábeis do Comissário Rafael, que só a devolvia vazia.

Conforme já foi dito, gostava de jogar sinuca nos fundos do Bar Líder, e sempre, para não perder o costume, «furtava» as caixas de fósforo dos amigos, apenas por brincadeira. Depois, ele pagava até toda a despeza, inclusive o essencial para acender o cigarro, que ele entregava vazia.

Numa noite, dias depois de seu enterro, no Bar Líder, já de portas fechadas, estavam batendo um papo, entre copinhos de «Itakira», eu, o escrivão Janothas Caldas, o repórter da «Luta Democrática» Asclepiades Barbosa de Sousa e outros, quando «Sabará» levantou-se para esvaziar a bexiga, que nunca, após os tiros do Armando, funcionava direito.

O crioulo olhou os fundos, onde ficava situado o banheiro, perto das mesas de sinuca. Breu puro, não se enxergava um plano diante do nariz, tal era a escuridão.

O negro ficou em pé, olhando para os fundos, onde não se via nada, com medo.

Ao seu lado, notei o seu receio:

— Que é que há «Saba»? Está com medo do escuro? Cadé a tua coragem, homem?

— Branco, num brinca, não. Toda vez que vou lá uriná, dô de cara com o falecido Comissário Rafael jogando sinuca. Escuto até as bolas batê!

O álcool já surtia efeito em todos nós, e resolvi brincar com o meu amigo:

— Mas, rapaz, você não é o tal de tantas aventuras, de tanta coragem? Com medo do escuro, de fantasma, de gente morta? Tama vergonha, oh crioulo!

E, após alguns momentos de raciocínio; já para todos da roda:

— Olhem, querem saber de uma coisa? Todos nós sabemos que o falecido gostava de brincar de apanhar as caixas de fósforo dos outros. Pois eu faço um trato com vocês.

E gritei para o gerente do Bar, Manoel Batista da Silva, o «Esquerdinha», ali de serviço naquela noite, substituindo o Bandeira:

— «Esquerdinha» me dá uma caixa de fósforo.

O pedido veio. Apanhei-a e estiquei para o regenerado medroso:

— Você diz que é valente, que enfrenta Deus e todo o mundo, mas está com medo de ir ao banheiro. Pois bem eu desafio você botar esta caixa de fósforos em cima de uma mesa de sinuca, perto do mictório.

«Sabará» deu dois passos para trás:

— Tu tá doido, meu branco, não se brinca com estas coisas. O finado tá lá jogando sinuca, tá vendo tudo, pare com isto.

— Vai ou não vai?

— Vou nada.

E logo em seguida:

— São Bento, vire esta arma para lá!

Com algumas «genebras» na cabeça, seguida de duas ou três garrafas de cerveja, eu estava com coragem:

— Pois eu vou, negro medroso! Eu, que não sou de nada, só de fritar bolinhos, vou levar esta caixa de fósforos que o «Esquerdinha» me deu e vou botá-la na última mesa de sinuca. Depois; você vai apanhá-la. Vamos ver quem é mais homem, eu um simples repórter, ou você, o famoso «Sabará»!

Asclepiades, Caldas e «Esquerdinha» aconselharam-me que parasse com aquilo, que a brincadeira não ia dar bom resultado. Mas fiz ouvido de mouco; não dei a menor importância. E, levantei-me e dirigi-me, tateando em meio a densa escuridão. Logrei alcançar a derradeira mesa de bilhar. Lá coloquei a caixa de fósforos.

E, já de volta:

— Então, preto metido a branco, agora é a sua vez. Vai lá apanhar a caixa de volta. Quero ver!

— Branco, não mexa com o que não sabe. O falecido Comissário Rafael gostava de apanhar as caixas de fogo dos outros. Já disse que vi ele uma porção de vez, jogando sinuca, de noite. Deixa isto pra lá, vamos tomar mais uma branquinha e dormir depois, que isto não é assunto. Tá bom?

— Não, «tá bõ», não, «Sábá». Você é mais é um negro cagão. Pois o branco, que não é de nada, vai apanhar a caixa de volta.

E para todos, da roda:

— Querem vêr?

E fui. E voltei, praticamente correndo:

— «Sabá», quase que você me põe nervoso. Mas, olhem, aqui está a dita cuja.

E, com desprezo, orgulhoso de minha coragem:

— Não ví fantasma nenhum...

Sentei-me, coloquei a caixa em cima da mesa, pedi uma cerveja, apaguei um cigarro. O «mulato de terno branco» (1) ficou firme na minha boca, mas apogado. Palmiei a caixa — prova de minha coragem! — e procurei um pauzinho.

Nenhum. Ela estava vazia...

Naquela noite não dormi, nem eu, nem o valente «Sabará», nem Asclepiades e nem o policial Caldas. Em nossas retinas, nos nossos sub-conscientes estavam gravadas uma mesa de sinuca, uma caixa de fósforos vazia e o falecido e bonachão Comissário Rafael rindo, de sua brincadeira...(2)

---

1º) Mulato de terno branco: cigarro

2º) Tal fato por intermédio do radialista Samuel Corrêa, foi narrado pelo Almirante do programa da Rádio Tupi «Inclível, Fantástico, Extraordinário».

## CAPITULO XXXI

### AMANTES ATÉ O FIM

Roberto Medrado Pascoal era dos muitos «alcaguetes» que proliferavam pela Delegacia de Duque de Caxias. Começara como «menino de recados», comprando cigarros para investigadores, comissários e Delegados. Depois, acompanhava diligências para serviços mais cansativos, como subir um morro, revistar um cadáver. Angariando confiança, já ia apañar dinheiro de português ou de contraventores para os policiais de fato e de direito. E, aproveitando o ensejo, defendia-se, recebendo uns trocados para si também.

Mas o seu forte estava na secção de Roubos e Furtos. Ali, unia o útil ao agradável. Espancava os presos, descobrindo desta forma onde estava amalocada a muamba e depois, ainda, acharcava, com o investigador, o «untrução». Conseguia desta forma, uma verba superior ao salário mínimo. Para que, portanto, conseguir um trabalho honesto? Ser «alcagete» de polícia de Caxias era mais rendoso e divertido. Ganhava-se bem e ainda podia-se atender aos imperativos dos recalques e complexos.

Roberto Medrado era homem de coragem. Nas noites escuras de Caxias, ganhava manges e morros, em busca de marginal, de folha corrida e periculosidade inferiores às suas. Mas ele era o representante da lei — um tanto caolha, é bem verdade — e como tal era respeitado. Nem que fosse a bala.

Vangloriava não ter medo de nada. E numa noite, o acadêmico de Direito, escrivão «ad hoc», Waldyr Calazans da Paixão (1.<sup>o</sup>), aceitando os seus auto-elogios, entre os vivos duvidou que ele não tivesse medo dos mortos.

— De nada deste mundo, nem de gente, nem de defunto.

A conversa desenrolava-se à noite no Bar Líder, com «Sabará», de lado, assistindo. O estudante já meio embriagado, tanto quanto o «alcaquete», teve, então, uma idéia mãe:

— Medrado, você é capaz, de escalar o muro do cemitério, agora, de noite, e voltar com uma prova de que realmente esteve lá?

Tal desafio estava fora das cogitações do «alcaquete». Não contava com esta e assim sendo tratou de se esclarecer melhor:

— Como é a história? Você duvida que eu entre no cemitério agora, de noite, e volte de lá trazendo alguma coisa? O que, por exemplo? Um defunto?

O acadêmico de Direito desconheceu a ironia da última pergunta. Pensou um pouco e mandou brasa:

— Traga-me um pedaço de uma coroa qualquer como prova. Deve ter por lá, alguém deve ter sido enterrado hoje, afinal, estamos em Caxias.

Medrado pensou, calculando os riscos da empreitada e o ridículo em que ficaria, na frente de todos, caso não aceitasse. O desafio fora feito na presença de amigos e conhecidos que bebericavam naquela noite no Bar Líder. «Sabará» transmitiu suas impressões apenas com sua expressão predileta que dizia tudo:

— São Bento!

Medrado, já tremendo de medo, virou o cálice de cachaça de uma só vez, e levantou-se:

— Pois vamos lá, vou trazer, não um pedaço, mais uma corôa inteira.

Cadeiras arrastadas, todos saíram do butequim, ganhando a Av. Plínio Casado, e depois, a Rio-Petrópolis, rumo ao Corte Oito. Em lá chegando, atravessaram a linha ferrea, parando no portão do Campo Santo. Pairava no ar um silêncio que forçava respeito e medo. Todos ficaram quietos, Waldyr já arrependendo-se da brincadeira, Medrado, doido para correr, porém com mais medo de cair no ridículo do que mesmo na ira de Deus.

E lépido escalou o muro, saltando para dentro do Campo Santo. Ouviu-se seus passos no cimento e depois um sepulcral silêncio. O acadêmico de Direito, juntamente com os seus acompanhantes, afastaram-se temerosos atravessando, de volta a linha férrea, prevendo o pior.

Daí há pouco, por dentro da lua, um disco com flores e faixas, atravessa a noite, e cai na terra, do outro lado do muro. E segundos depois, um vulto fura a escuridão e bate ao lado da corôa. Medrado olhou para os lados e opanhando a prova de sua coragem, dirigiu-se à calçada da Av.

1<sup>o</sup>) Hoje, advogado, com escritório na Av. Brigadeiro Lima e Silva, 1.269, sala 101, em Caxias. Fez um brilhante concurso para juiz em Belo Horizonte. Mas renunciou e abandonou o escritório. Faleceu, vítima de atropelamento em 21-4-80. «Dia de Tiradentes».

Rio-Petrópolis, onde apavorados, os amigos o esperavam. Foi recebido com cumprimentos e aplausos, e Waldyr Calazans da Paixão teve que pagar quantas cachaças e cervejas Medrado quiz beber.

«Sabará» não vislumbrou bons resultados daquela invasão, altas horas da noite, no local do descanso eterno dos mortos. Fizera muita coisa errada, pegara otário na marra, de mão grande, sempre, respeitando, porém o Mais Velho. Nada de desafio ao além. «As mães de Santo» dos terreiros que ainda freqüentava com certa assiduidade, lhe ensinaram a respeitar o sobrenatural. E chegou, então, a triste conclusão de que o fim daquilo tudo não seria bom.

Parece que mais uma vez o negro acertou: a vida desandara para Medrado. De relativamente endinheirado, passou a ficar duro, como pau de bandeira, daqueles que ostentava a Bandeira Nacional no dia 25 de Agosto, festa máxima da cidade. A fome começou a perseguir bem de perto Roberto Medrado e todos os seus. Os portugueses e contraventores começaram a se cansar de dar dinheiro ao «alcaguete», os marginais presos eram todos «pés chatos», míseros ladrões de galinhas, mais pobres do que ele.

Deu então a sua cartada final: num flagrante, entregue à responsabilidade do escrivão Waldyr Calazans da Paixão, surrupiou com uma habilidade fora do comum, que até a ele assustou, uma pequena jóia sem que ninguém disto se apercebesse. Ao sentir falta, o escrivão botou a boca no trombone. Veio o Comissário Salomão Abrahão, que de início, não foi na conversa de Waldyr. Aquilo era muito velho: o marido mata a esposa e depois vai à delegacia apresentar queixa contra um misterioso ladrão, que assassinou-lhe a mulher; o vigia deixa entrar os arrombadores e manda amarra-lo, a fim de não despertar suspeitas e etc. e etc. e tal.

Waldyr ficou em máus lençóis e desconfiando de seu amigo Medrado, solicitou ao Abrahão, que passasse uma rigorosa revista no «alcaguete». Este deixou-se revistar.

Feita a geral, nada foi encontrado. Em cima da mesa, no cartório, todos os pertences do auxiliar de polícia. Foi quando Waldyr teve a brilhante idéia de apalpar, o maço de «Continental» do suspeito e encontrou algo duro: não podia ser cigarro.

Era o anel roubado!

Uma onda de ódio dominou o acadêmico de Direito, de resto um homem calmo e concordato, um bom mulato. Caiu de socos e ponta-pés em cima do ladrão, que o ia colocando em má situação. O comissário Salomão Abrahão o retirou de cima do apavorado Medrado, que já contava com uma boa venda do anel roubado, para levar mantimento para a sua casa.

O roubo da jóia, como tudo o mais em Duque de Caxias, ficou por isto mesmo. O ladrão não foi autuado em flagrante e nem posto no xadres. E muito menos expulso da Delegacia. Bem pelo contrário, continuou com autorização para prosseguir com seus trabalhos de auxiliar de polícia, como se nada tivesse acontecido.



Nada, não. Medrado ficou desesperado com o fracasso, pois contava como certo levar dinheiro para casa. E resolveu suicidar-se.

Para tanto, sentou-se na linha férrea e esperou o trem. Quando a locomotiva se aproximasse, colocaria o pescoço no trilho e — adeus viola.

Maldita corôa de defunto que ele fora buscar no cemitério numa noite de porre!

Mas, conforme tudo indica, as almas penadas, interrompidas em seu sono eterno pela atrevida intromissão em seus domínios do corajoso «alcaguete», contentaram-se com as desditas de Medrado, que só não se matou, graças à piedosa interferência do mesmo escrivão roubado, que o tirou da linha férrea, dando-lhe conselhos e pagando-lhe uma «praianinha», ali, no Bandeira. «Sabará», não se fazendo de rogado e não sendo convidado, aproveitou a deixa e bebeu também.

E as almas penadas voltaram às catacumbas, sobre as sepulturas pairando como espectros, já satisfeitas, enlaçadas em toscas cruces de cimento ou de madeira.

Roberto Medrado Pascoal arrumou um emprego: guarda noturna de Duque de Caxias. Associação que chamava em seu berço esplêndido, quase todos os pistoleiros da terra de Lima e Silva. Era uma outra modalidade de matar dentro da Lei: quando não ser era «alcaguete» de polícia, convertia-se em Guarda Noturna.

E a vida continuava, sem novidade, no Quartel de Abrantes.

Sem novidade, coisa nenhuma: morreu o meu filho mais velho, intoxicado por chiclete de bola, marca «ping-pong», o Ping Pong da Morte.

Eternamente duro e deliciosamente bêbedo fiquei, mais do que nunca, precisando de dinheiro. Algo de valor em minha casa, só havia a minha família, que nunca esteve a venda. Além desse, de preço bem inferior, a minha pistola F.N. 7,65, que tantas histórias poderia contar.

O enterro já ia sair. E eu, além de bêbedo — meu estado natural, — duro, outro das minhas características. Procurei Medrado, no armazem dos «Primos», ao lado do 311, e ofereci-lhe a arma. Discutimos o preço, acordamos, afinal, e eis que a minha companheira de tantos anos, mudou de dono. Mal sabia eu em que ela seria usada. Nunca tive a coragem de dizer a «Sabará» a verdade, pois ele nunca me perdoaria.

Não demorou semanas e eis que a triste notícia chegou no 311, ao amanhecer o dia: perto de sua residência, no caminho, cortando o terreno baldio, jaziam os cadáveres de «Fiô» e sua companheira Gerôlda. Ambos covardemente crivado de balas.

Os dois corpos atraíram centenas de curiosos, que, aglomerados, se acotovavam, pasmados, com a selvageria do ato: «Fiô» caíra para sempre ao lado da prostituta, sua fiel companheira. Dormia com qualquer um que pagasse, mas era fiel ao Rei da Maconha de Duque de Caxias.

Os jornais no dia seguinte estampavam em bombásticas manchetes o duplo e covarde homicídio, apontando como autores outros marginais — numa sangrenta partilha de produtos de roubo ou de venda de erva — ou a polícia, numa profilaxia. Ambas as hipóteses erradas: «Fiô» nunca roubara ou se mancomunara com roubos.

«Fiô» sempre atravessara sua maconha sózinho, ele e Deus ou o Diabo. Nunca tivera sócio. Errada também, a segunda dedução: desde muito que as autoridades policiais cessaram as investidas contra os negros, Amyl Ney Rechaid já não era mais Delegado de Duque de Caxias, vivia preocupado com sua política, candidato a um cargo que ele mesmo não sabia qual seria.

Quem matara, então, o Rei da Maconha e sua amásia?

Armando de Belo França não fora: já há muito deixara de ser um «alcaguete», elegera-se vereador pelo bairro do Centenário, um dos edis mais acatados do país. Vivia preocupado em enriquecer, acharcando Deus e todo o mundo, com estia no «jogo do bicho» superior a um Deputado Estadual. Tornara-se ídolo de um povo, de seus conterrâneos tão analfabétos quanto ele, o provável substituto de Tenório Cavalcanti, já velho e cansado, cheio de netos e recordações do passado.

Armando de Belo França, todavia, precisava de publicidade, a de pistoleiro, assassino, que o apresentasse como másculo, homem de fato. Quer dizer: no que ele entendesse o que viesse a ser um homem. Combinou comigo ser denunciado pela imprensa como o autor do duplo homicídio. E dois dias depois da publicação, iria, ainda comigo, desfazer o desmentido, prestará declarações nas redações, dando a sua versão de mais completa inocência, como era realmente. Naquela época eu já perdera quatro jornais, inclusive «Luta Democrática» este último para meu antigo fotógrafo, Asclepiades Barbosa de Sousa, o «Fuxico». Este repórter também topou a parada, mas não completa: publicou a acusação, não o desmentido...

Mas o fato é que quatro jornais («O Dia», «A Notícia», «O Globo» e «O Correio da Manhã») noticiaram com estardalhaço que Armando de Belo França desta vez matara dois, «Fiô» e Geralda. Dois dias depois, em seu carro de praça, eu e Armando, saímos da redação em redação, em busca dos chefes das reportagens de polícia. Eu o apresentava a quem não o conhecia, pelo menos pessoalmente, e o edil, dava a sua versão, sua defesa, quando então era fotografado e tal. Grande publicidade, negativa em qualquer local civilizado, mas não em Duque de Caxias. Isto lá, era cartaz dos grandes, de se eleger um deputado, tanto assim que Tenório Cavalcanti nunca perdeu uma eleição da triste e inglória terra de Lima e Silva.

Armando saiu-se bem em todos os jornais, menos no «Correio da Manhã» onde o repórter de plantão outro não era se não o crioulo Aroldo Bonifácio, que o crivou de perguntas mais sobre outras mortes de que mesmo sobre «Fiô» e Geralda. O antigo «alcaguete» do 311 viu-se em papos de aranha e eu, deliciosamente, adorei o espetáculo. Mas saíram suas declarações, não um desmentido, afinal tratava-se de uma imprensa democrática, onde qualquer um tem o direito de dizer o que bem entenda, contanto que seja de interesse público.

E o cartaz do «Bebeto» subiu. A verdade, porém, só surgiu anos depois, sem que dela os jornais tomassem conhecimento, muito menos o negro «Sabará» que jamais me perdoaria: quem matou «Fiô» e Geralda, sem motivo justificável, foi o guarda noturno Roberto Medrado Pascoal, e com a minha F.N. 7,65 que a ele vendera meses antes. Matou sem mais nem menos, matou para treinar pontaria, queria ver sangue. Se o fizesse em

branco ou em qualquer elemento útil à sociedade, poderia dar «bode». Assim sendo, o fez num vapseiro e numa prostituta. Sem encrencas, e adorou milhões quando Armando de Belo França foi o apontado, mesmo com o posterior desmentido. A primeira impressão é a que fica, e mais um crime ou menos um crime no rosário de vereador, não queria dizer nada.

Anos depois, Roberto Medrado Pascoal foi expulso da Guarda Noturna, estava acharcando e matando demais. Assim sim, mas assim também não...

Tornou-se um perigoso assaltante à mão grande. E tanto fez que acabou com os costados nas grades da Delegacia de Nova Iguaçu. Ali, nem mesmo dentro do xadres, sossegou. Pertubava Deus e todo o mundo. O então titular do antigo distrito de Maxabomba resolveu jogá-lo, furadinho no rio Guandú. Foi servir de alimentação para os peixes. Aliás, os cardumes que por lá vivem possuem um apetite devastador: não há cadáver que chegue...

## CAPITULO XXXII

### O ESGAR DA MORTE

A lua era uma cara redonda e careca, muito branca dependurada lá em cima. Espiava tudo, imutável, não demonstrando se estava gostando ou não do que ocorria, cá em baixo. Cá no 311 da Av. Plínio Casado. E eu, deleitando-me com a sensação da dose de «Genebra», acompanhada por Brahma, que acabara de tomar no antigo «Paralelo 38», mais conhecido, já por Bar Líder, estava encostado no carcomido prédio da Delegacia de Caxias, flertando com a lua. Ela negaceava o corpo, escondendo-se atrás das nuvens, surgia mais adiante, sempre me fitando. Flertando comigo, namoradeira que é. Tão namoradeira que protege os namorados, os que vivem para o amor.

Não protegia, portanto, os frequentadores do 311, que não viviam para o amor, e sim para o ódio.

— Como é, «seu» repórter, quer ir conosco? Vamos esconder um «chorro» na Subdelegacia da Fábrica Nacional de Motores. O Dr. Peixoto Filho disse que amanhã vai entrar com um Habeas Corpus. O jeito é esconder o homem...

O jornalista olhou para o investigador que estava no volante do «Jeep». Atrás, todo amarrado e espancado um negro marginal, ladeado por dois «alcaguetes». A noite estava quente e sossegada. Seria bom tomar na cara, um pouco de vento, quando o veículo desenvolvesse velocidade na Estrada Rio-Petrópolis. E, lépido, o «caçador de bonecos» (1.º) saltou para o lado do

1º) Caçador de bonecos: repórter policial na gíria jornalística. É o homem que vai buscar, onde estiver um retrato do criminoso ou vítima.

chofer. O «Jeep» arrancou, dobrou a rua das Laranjeiras, entrou na Rio-Petrópolis, botou o pé no mundo.

Durante a viagem, o preso nada falou. Gemia baixinho, apenas, dolorido de tantas pancadas, as cordas que manietavam seus pulsos deviam estar muito apertadas. A posição era incômoda, e mais incômodo deviam ser ainda os seus pensamentos. Marginal de alta periculosidade, procedente das sêcas do nordeste, analfabeto de pai e mãe e desde a quarta geração, viera para Duque de Caxias em busca de um lugar ao sol. Não do sol causticante que matara a sua plantação-produto de labor de toda a sua família — nas terras do Coronel. Mas do sol radiante, de lugarzinho, por mais humilde que fosse, no seio da coletividade. Lá no seu torrão natal junto com os seus, ele nada conseguira. Viera, desde muito, para uma terra distante, ouvira falar que o alagoano Tenório Cavalcanti, se dera bem num lugar chamado D. de Caxias, era até o «seu dotô», Deputado Federá. Entrara na Cidade Aberta, corrido do Rio, cidade grande demais para um homem tão pequenino. E em Caxias ficara numa encruzilhada: trabalhar que nem burro de carga, de lua a lua, por um salário inferior ao mínimo, já que a fábrica não era fiscalizada, ou passar para a «vida mole». Era só entrar na casa dos outros e apanhar o que pudesse carregar. Era só aguardar um transeunte retardatário, dá-lhe uma gravata ou espetar a «peixeira» na sua pança de burguês progressista. Tinha lá os seus riscos, era bem verdade, mas com cachaça na barriga e maconha na cabeça, um mofino virava cabra decidido.

D. Justa o apanhara diversas vezes e, considerado irrecuperável, sua sorte fora lançada num esquisito e «sui generis» Tribunal da Morte instalado durante anos na Av. Plínio Casado, 311.

O negócio era matar e jogar o cadáver à margem da Estrada Rio-Petrópolis, que no poço, nos fundos da Delegacia, não dava mais pé: entupira de tanto corpo e lixo por cima.

Mas havia um grave inconveniente: aquele maldito repórter que parecia não gostar de ninguém, ter ódio no coração, não se podia nem dar um tapa num preso, principalmente se fosse preto, que ele estampava nos jornais em que trabalhava. Quanto mais matar...

Um investigador mais esperto resolveu o problema: o jeito era leva-lo também naquela viagem às plagas longínquas dos rincões caxienses, em que só os policiais é que voltavam. Não que o jornalista também fosse amanhecer com formiga na boca.

— Tá doido! Dá um bode dos diabos!

Não, matar não. Fazê-lo matar também. Isto calaria a sua boca, quebraria a sua pena, escangalharia sua máquina de escrever.

— Pola, e não é que é pola mesmo? Tai, boa idéia. A gente leva ele, faz puxar o gatilho também, e ele faz boca de siri. É até fácil, pois ele só anda armado...

O «jeep» engolia o asfalto, todos estavam em silêncio, conversando lá com os seus botões. O preso batia papo com a sua carapinha, pois nem mais botões tinha a sua roupa, nem na barguilha. Sua calça era segura com barbante, suas esperanças amparadas por Exú, que é o protetor dos

negros. Os botões do blusão do jornalista avisavam-lhe que aquilo tudo não ia acabar bem, a polícia nunca o convidara a acompanhá-la em fuga com preso, escondendo-o de advogado com Habeas Corpus na mão. Porque só agora, naquela noite?

Os dois «alcaguetes» trocavam idéia com os pedacinhos de osso redondo da barguilha que não deixavam o passarinho fugir: tinham mais uma vantagem a contar em casa, à mulher e aos meninos. Seus pais, valentes como que, mataram mais um bandido, que nem em fita de cinema. Não se lembravam aqueles dois auxiliares de polícia que vieram também do sol causticante, da terra rachada. Vieram fugindo de tudo e o nada alcançaram. O nada que para eles representava o tudo.

O investigador, no volante, jamais apagava os olofotes, cegando os motoristas em direção contrária. Dava muito trabalho ficar apagando e acendendo. Que os outros se danassem, ele era polícia. Polícia no duro, não um «alcaguete» como aqueles dois, ali no banco de trás. Era um funcionário da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio, tinha uma carteira vermelha com a palavra «POLÍCIA», bem grande. Era a sua gazua, o seu «abre-te Sezano». Dera muita pancada em negro do partido contrário do seu protetor, o candidato a deputado de quem era cabo eleitoral. O Doutor ganhara a eleição e ele um lugar na polícia. E para começar, fôra para Caxias, onde a «estia» era melhor, mais gorda, os bicheiros e donos de hotéis e boates davam um bom dinheiro, todos os sábados. Mas tinha lá os seus espinhos, passar noites acordado, batendo em ladrão. E de vez em vez, carregava um para bem longe e o crivava de balas. E não dava bode, que o Delegado segurava. O problema era aquele repórter, sempre embriagado, falador, que botava tudo nos jornais. Metido a honesto, a puritano. Repórter metido a bêsta... O Culpado era o Governo que permitia que os jornais falassem o que bem entendessem. Bom era no tempo da Ditadura. Tinha um homem lendo tudo antes de ir para a oficina. Aí sim, polícia tinha mais autoridade, podia-se tomar dinheiro de português, eliminar crioulo que não tivesse mais jeito, sem bronca.

— Bão, agora ele vai conosco, vai puxar o dedo, também, quero ver depois...

Num ermo escuro e silencioso como um cemitério, num desvio da Estrada, chamada Contorno o motorista olhou para trás, para os dois auxiliares no banco trazeiro e perguntou:

— Será que aqui está bom?

E foi diminuindo a marcha do «jeep».

O preso, num átimo, compreendeu tudo: ali seria o seu «Corte Oito». E choramingou:

— Pruquê ocês pararam aqui? Nós não ia para a Fábrica de Motô, pro mode me esconder do Dotô Peixoto Fio? Antão, vamo, ainda tá longe...

— Fábrica coisa nenhuma, pilantra. Tua viagem termina aqui. Va logo saltando!

Os dois «alcaguetes» já rindo de satisfação, cortaram as cordas e forçaram o pobre diabo a sair do «jeep». O nordestino, com o destino selado, agarrou-se no banco, botou os pés na porta e berrou como um alucinado:

— Socorro, eles vão me matar! Minha Nossa Senhora, Padim Ciço, valei-me! Meu Deus do Céu!

— Não tem Deus, não tem o diabo! E não meta o Padre Cicero neste troço, que não adianta. Salta! E você também, «seu repórter», dá licença aí, senão ele não sai!

O jornalista, visivelmente apavorado, desceu do «jeep», tonto com o que veria dali a minutos. O preso lutava e berrava, mas terminou perdendo, foi mesmo posto para fora, e cercado pelos dois «alcaguetes».

O investigador sacou de uma «45», dois auxiliares de polícia também de suas armas, um «Rossi», calibre 22, e um «Smith» 38.

O «pau de arara» ajoelhou:

— Pelo amor de Deus, não me matem. Pelo amor da mãe de ocês tudo, não façam isto comigo. Eu já dei tudo o que tinha que dá, os meus companheiro, os «intrujão». Não tenho mais serviço para dá. Não me matem que tenho mulher e três filhos pequeno para criá...

As lágrimas desciam pelo rosto escuro e desesperado. As mãos crispadas, dedos estrelaçados como cipós secos na coatinga bravia. As cordas que amarravam seus braços até então e que foram cortadas logo após o descida do veículo, estavam jogadas no asfalto duro e escuro. O asfalto que seria a sua catacumba.

Os dois «alcaguetes» riam:

— Que cabra mais, mole!

— Daqui há pouco, vai se cagar toda. Qué vê?

A urina descia aos borbotões pela calça surrada do condenado à morte. Ganhava o asfalto, fazia um corregozinho sinuoso e espumoso, descia, empapando a terra, ao lado da estrada.

O repórter tentou interferir:

— Vocês estão maluco? Querem matar este homem, na minha presença? Cambada de covardes! Vamos seguir, vamos para a sub-delegacia da Fábrica!

Durante alguns segundos, o cano da «45» mudou de direção. Esqueceu o marginal, lembrou-se do jornalista. O círculo negro, como uma gruta de onde saíssem os Cavalheiros do Apocalípse, ficou voltado para o estômago do «caçador de bonecos» que falava demais. Os olhos do investigador adquiriram um brilho diferente; o brilho da morte, o brilho da dúvida, se matava o «pau de arara» ou o homem do jornal. Do jornal que poderia gritar muito alto, mais do que estava acostumado a gritar, em manchetes redigidas por aquele intrometido, por aquele homem que não tinha amor por ninguém.

Durante aqueles segundos, que mais pareciam séculos, o investigador viu, como numa tela cinematográfica, o passado, o presente e o futuro, vislumbrou as conseqüências do ato que pretendia praticar, ato que não estava no programa, ato que o Delegado não determinara.

Não, não era bom negócio. Tinha que cumprir suas instruções, matar só o preso e obrigar o repórter também a matar. Se ele negasse, então sim. E tomara que recusasse. Em vez de um, seriam dois defuntos para enfeitar a estrada.

— Cale esta boca, que é melhor. Você ainda não viu nada, repórter de uma figa.

O condenado ao «Paredon» ouvindo isto, notando que ainda alguém estava com ele, cresceu alma nova:

— «seu» repórter, seu «Luta», não deixe eles me matá, pelo amor que o senhô tem a seus filhinhos. Não deixe, eu juro que nunca mais robo. Juro pro Padim Ciço.

Disse e seu corpo, logo após o estampido, foi jogado para trás. Mortalmente ferido, o pobre diabo botou a mão no peito, em cima do ferimento de uma bala «45» olhando para o jornalista, que virara o rosto. Os «alcaguetes» viram no primeiro tiro, a autorização que desde muito aguardavam e acionaram seus gatilhos também. O corpo da vítima recebeu diversas balas, mas não ainda em local imediatamente fatal. A região mária esquerda e a cabeça estavam intatas.

O ferido rolava pelo asfalto, o sangue misturou com a urina e com o orvalho da madrugada. Lá em cima, a lua, sempre imutável, se escondia, de vergonha ou de medo, atrás das nuvens. Mas logo depois, aparecia, para ver mais um pouquinho. Em seguida, escondia-se, outra vez, com sua cara muito branca e redonda. Indecifrável como suas próprias manchas e sombras. Seria medo ou vergonha?

O «Rossi 22, o «Smith 38» e a «45» mudaram de direção, apontando para o jornalista, que recuou, amparando-se no «jeep». Também estava armado, é bem verdade, mas tratava-se de uma F.N. 7,65, sem bala na agulha. Necessitava portanto de agilidade de um pistoleiro do «far-West» norte-americano, para sacar, como um raio, botar a bala na agulha, e alvejar os três policiais. Não dava tempo, não dava pé. Só lhe restava esperar.

— Agora é a sua vez, o tiro de misericórdia é teu.

— Anda, falador. Atire também e depois vá dizer nos jornais, que você também matou.

O «caçador de bonecos» sentiu o estômago embulhado, a cabeça tonta, acreditava no que seus olhos viam, no que seus ouvidos escutavam. Ele matar um seu semelhante, atirar em quem nunca lhe fizera mal, a sangue frio.

— Eu matar este homem? O que há com vocês? Estão malucos? Vamos levar este pobre diabo para o H.G.V. e eu prometo não contar a ninguém e muito menos publicar.

O investigador sorriu:

— Levar pro Getúlio Vargas? Você está brincando. Ele vai morrer aqui mesmo e você também, se não fizer o que eu estou mandando. Anda logo, atire na cabeça dele que eu quero ir embora. Alguém na estrada principal pode ter ouvido os disparos. Anda, atire!

— Espere aí, rapaz, calma. Eu já prometi que não vou publicar...

— Desde quando você cumpriu a sua palavra? Ou você pensa que não sei o que fizeste com Armando, com o Luis Sobrinho, com o Paulo «Embalsamado» e até com o Doutor Amyl? Comigo não tem conversa, atire logo na cabeça dele, ou eu meto uma bala na tua cabeça!



E como o repórter ainda titubeasse:

— Atire logo, «seu» repórter, que eu já estou com o dedo coçando!

O jornalista, sentindo repugnância, fez pontaria para a testa, para aquele homem desesperado que tentava apagar a bala que viria, com as mãos. Seus olhos queriam saltar das órbitas, mal conseguia balbuciar:

— Não «seu Luta», não! Tenha pena dos meus filhinhos, pelo amor de Deus!

O derradeiro disparo ecoou pela escuridão da noite. A lua, rápida, escondeu-se atrás de uma nuvem. A cabeça do pobre diabo foi atirada para trás, e carregando o resto do corpo consigo, bateu no asfalto da estrada afluyente da principal.

Depois, um silêncio. O repórter só ouvia um zunido em seus ouvidos. Ainda ficou com a arma apontada para baixo, quieto e apalchado, duro como uma estátua, como se a vida dali se fora.

Ficara, apenas a matéria endurecida, como um marco para a posteridade, para os motoristas da Estrada do Contorno, rumo a Petrópolis.

— Agora, sim, você pode escrever a sua reportagem — disse o investigador. Vamos embora, entrem vocês dois lá atrás.

E olhando para o homem endurecido:

— Ei, você aí. Acorda e vamos embora, antes que chegue alguém. Tem muito carro passando na Estrada principal. Pinote forçado!

Mas foram necessárias muitas sacudidelas para tirar o jornalista daquele estupor. Lentamente, ele entrou no «jeep». Nem reparou quando o motorista fez a manobra, rápida. O veículo virou a frente para a Estrada principal. Entre ela e o «jeep» estava o cadáver, de braços e pernas estendidas. O motorista embreou a primeira e pisou forte. A borracha cantou no asfalto, sem que o repórter escutasse. O carro avizinhou-se velozmente do corpo. Um dos braços parecia crescer para todos, tal a rapidez que se aproximavam. E uma das rodas passou por cima de uma das mãos, de longos e finos delos, retorcidas, como num esgor da morte.

Só aí o repórter acordou. E um grito de dor e de desespero saiu de sua alma, dominando a escuridão da noite.

— oOo —

O sol, intrometido de todas as manhãs, botou os cornos para fora, iluminando a cidade. Olhou para baixo e não sei se gostou. Esquentou minhas costas, já que minha cabeça e meu estomago queimavam como ferro em brasa, de tanta cachaça e genebra. Os operários passavam rápidos para a Estação Ferroviária ou para a Praça do Pacificador, rumo aos distantes locais de trabalho, em busca de um salário mínimo, no Rio. Em Coxias, ganhariam muito menos, já que as firmas e as fábricas não são fiscalizadas. Só quando o inspetor e os fiscais precisavam de uma «estia» melhor.

Saltei uma poça d'água, quase caí num buraco. A Boite «El Cubano» despejava seus bohêmias, as mulheres ganhavam a rua atacadadas com os amantes de 10 minutos, riam alto, tentando esquecer infâncias de fome.

Me deu vontade de beber mais uma. Mas onde? o Bar Líder estava fechado. O do Antonio também. Onde? Ah, tem o «cabaret dos Bandidos» que não fecha nunca e onde eu tenho sempre crédito. Crédito não, ele não me cobra, tem medo de jornal.

O álcool desce, fazendo-me esquecer tudo. Uma sensação de bem estar invade o corpo. Deve ser um efeito idêntico ao da maconha. Maconha. «Sabará». O negro diz que é bom fumar maconha. Acho que um dia fumarei também. E se eu viciar, como estou viciado no cigarro e na bebida? Já pensou, Santos Lemos, toxicômano? Tinha graça!...

Bom, vou dormir. Ainda me restam alguns trocados, no caminho beberei mais uma. Tem um «buteco» trancham perto de minha casa, onde pagarei a dinheiro. Afinal ninguém precisava saber que sou um jornalista e advogado duro, endividado. Futuro de pau d'água, bom companheiro para Caldas, Waldyr Calazans e para «Sabará». Bom futuro. Um futuro, sem passado, sem violência, sem mortes.

Morte. Não, não quero pensar em morte, principalmente naquela manhã. Mas se a palavra morte ainda me persegue, prefiro lembrar-me da morte de meu filho mais velho, de Silnei.

Silnei. Chiclete de bola Ping Pong. Silnei...

Se fosse vivo estaria agora com que idade? Sei lá nunca consegui guardar as idades de meus filhos. Só Cinéia sabe tudo de cor.

Cinéia. Deve estar chorando baixinho, lamentando um marido alco-latra. Bebedo inveterado.

Bom, estou chegando em casa, perto do tal botequim. Beberei a última, última não. Só quando a gente morre. A penúltima. Depois vou dormir. Daqui algumas horas tenho que passar para os jornais, mais um crime misterioso. Mataram um marginal na Estrada do Contorno. Deve ser discussão de partilha de roubo. Um ladrão matou o outro. Crime de crioulo. Besteira.

Não, não pensar em crimes, principalmente neste crime. Vou beber.  
— Silvério, bota aí, uma «Itakira»!

O álcool desce. Sensação gostosa. O nada invade tudo, domina as lembranças. Silnei não me pode vêr bebedo.

Silnei morreu, numa noite em que me encontrava igualmente bebedo.

Silnei, Chiclete de bola, marca «Ping Pong» O «Ping Pong» da Morte.

Negros dependurados no «pau de arara». Negros jogados de cabeça no poço da Delegacia. Negros estendidos no asfalto entre quatro velas.

Sangue misturado com urina.

Entrei. A casa é quente, mas acolhedora. Lá está sentada na poltrona, no canto da sala, o fantasma de minha mãe, zangada com a minha enbriguês, de braços cruzados. Já me acostumei com a presença de alguém que já morreu há muitos anos. Ali, naquele canto da sala, a minha espera. Pensou no seu pedido, último pedido, na hora da sua morte.

— Não beber e sair de Caxias.

Disse e pouco depois morria. Morreu. Morte.

Não. Não devo pensar em morte, não naquela manhã, depois daquela madrugada.

Entro no quarto escuro, tropeçando, com a alma em pandarecos. A maldita cachaça não surtiu o efeito desejado e eu não tenho bebidas em casa.

Mas o que é isto? Quem está chorando, quem está pedindo para que não o matem? Quem é afilhado de «Padim Ciço»?

E da escuridão do quarto, num crescendo assustador, surgiu uma mão de dedos, finos longos, crispados num esgor da morte.

E um grito, de dor e de desespero, saiu do quarto, espirrou de minha alma, dominando a claridade do dia.

— oOo —

FIM

# EPÍLOGO



O pintor Messias Neiva fez os cartazes para ajudar Sabará, ex-marginal e agora minado por terrível doença.

## TERROR DA ANTIGA CAXIAS ESTÁ MORRENDO NA SUCATA

O mais temido e sanguinário marginal da antiga Caxias, e hoje recuperado, «Sabará», está condenado a morte, com os pulmões minados pela tuberculose, em último grau.

«Sabará» — conta ele — deu muito trabalho à Polícia, naquele tempo em que era perigoso viver em Caxias, chegando a travar com ela cerrados tiroteios, saindo sempre vencedor. Regenerou-se há 8 anos, abandonou a maconha, porém não a cachaça, que é sua velha amiga. Alimentando-se mal e perdendo noites de sono, justamente por não ter onde dormir, contraiu a doença e hoje sua vida é só triste recordação.

### O REI

Desde o tempo em que a velha Delegacia de Polícia de Caxias funcionava no pardieiro da Avenida Plínio Casado, 311, «Sabará» — Ismael Rodrigues da Silva — era procurado pelas autoridades como ladrão, maconheiro e assaltante a mão armada. Depois de sua regeneração, passou a viver de gorjetas que lhe davam investigadores e repórteres que faziam a cobertura dos fatos policiais da Cidade.

Tornou-se então uma figura popular em Duque de Caxias estimado por todos. Como residência fixou-se em «cemitério de automóveis» existente bem defronte à «fortaleza do ex-Deputado Tenório Cavalcanti, na Avenida Presidente Kennedy esquina de Plínio Casado. Vivía no interior de um velho automóvel preto, que estava na sucata — jogado fora como ele.

Morrendo à míngua, despertou a piedade de pequenos comerciantes, que o alimentavam na boca. O pintor Messias Neiva, que tem um «atelier» nas proximidades, escreveu tabuletas, clamando por providências das autoridades.

### AMIGO DA IMPRENSA

Falando sobre «Sabará» — Ismael Rodrigues da Silva — como figura humana, o antigo repórter de Polícia Santos Lemos, que hoje é titular da Delegacia de Bom Jesus de Itabapoana, revelou que «acima de tudo ele era amigo da imprensa, nos tempos em que ser jornalista ou policial em Caxias era uma temeridade».

Disse que «Sabará», logo depois de se reabilitar, dava cobertura aos repórteres de polícia, chegando ao ponto de arriscar sua vida em defesa de um profissional da imprensa quando este se achava ameaçado — o que era comum naqueles tempos. É torcedor «doente» do Botafogo, e jogou — como bêque central — no Paulicéia, de Caxias.

Já está no prelo o livro contando a vida de «Sabará» — o mais sanguinário e temido bandido da antiga Caxias. Intitula-se «O Negro Sabará», biografia de quem agora está à morte. É de autoria do antigo repórter Santos Lemos, que assistiu praticamente toda a vida do ex-marginal.

O delegado Santos Lemos, penalizado com a situação de Sabará, quis interná-lo no Hospital Curicica, na Guanabara, mas não conseguiu. Chegou a levá-lo a esse hospital, mas o infeliz teve de ser trazido de volta à sucata de carro, onde certamente morrerá, pois o seu estado é gravíssimo.

**INDICE**

**FATOS, PESSOAS E LOCAIS MENCIONADOS**

Prefácio	página	7
«SABARÁ»		9
Apresentação		11
Introdução		15

## CAPITULO I

«DOIS ANOS DE PENITENCIARIA»		17
Av. Brasil		"
Capital da República		"
Praça Quinze de Novembro		"
Município Fluminense de Duque de Caxias		"
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»		"
Presídio de Niterói		"
Delegacia de Polícia de Duque de Caxias		"
Penitenciária de Niterói		18
Coelho, funcionário da Penitenciária		"
«Peíño»		"
Aristaco		"
Malaquias		"
«Cocute»		"
«Russo»		"
Um vereador da Câmara de Vereadores de Duque de Caxias		"
Dr. Salide Nello		"
Investigador Sinésio		19
«Fiô»		"
Armando de Belo França		"
Deputado Tenório Cavalcanti		"
Reporter Santos Lemos		"
A Discriminação Racial		"
«Mundinho»		"
David		"
Malaquia		"
Daguia		"
Os castigos corporais da Penitenciária		"
Juiz Hélio Albernaz Alves		"

## CAPITULO II

	Página	21
PROCURA-SE UM «ZUMBI» PARA CAXIAS		
Armando de Belo França		21
Hotel Astória		"
«Fiô»		"
São João de Meriti		"
Largo da Lapa, no então Distrito Federal		"
Geralda		"



Penitenciária de Niterói	22
Posto de Saúde de Duque de Caxias	"
Hospital Getúlio Vargas	"
Favela do Mangue, em Caxias	"
Centenário, bairro de Caxias	"
Tenório Cavalcanti	"
A Palmeira dos Índios	"
Alagoas	"
Bereco, «Alcaguete» e pistoleiro morto	"
Delegado Albino Imparato	"
Dr. Abdala Abrahão	"
Santos Lemos, repórter	"
Campo do Alvacele, no bairro de Copacabana em Caxias	23
Zumbi	"
Pernambuco	"
Alagoas	"
Coronel Domingos Jorge Velho	24

### CAPITULO III

#### ‘CIDADE ABERTA’ 25

Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	"
Coronel Horácio de Matos, da Bahia	"
Estado de Pernambuco	"
Município de Duque de Caxias, a Terra de Lima e Silva	"
Capital da República, hoje, Rio de Janeiro	"
Deputado Tenório Cavalcanti	"
«O Sindicato da Morte»	"
Deputado Tenório Cavalcanti	26
Coronel Horácio de Matos	27
«Lampião»	"
«O Rei dos Bicheiros de Caxias»	"
Arlindo Pimenta	"
«Lojas Santa Cecília», de Nadim Cassar	"
Travessa Manuel Correia	"
Agência do Ministério do Trabalho (lê-se Sylvio Goulart)	"
Vigário Geral	"
Canal Merity	"
Praça Mauá	"
Esplanada do Castelo	"
Casa Jaime, de Chaim	"
Av. Rio Petrópolis	"
Sr. Lyra	"
Praça do Pacificador	"
Sr. Francisco Giupponi	"
Av. Presidente Vargas	"
Estação Ferroviária da Leopoldina	"
Sr. Melo	"
Serviço de Alto Falante, de Zoelzer Poubel	"

Deputado Tenório Cavalcanti	27
Companhia Imobiliária de Gramacho	"
Companhia Imobiliária de 25 de Agosto (lê-se Vincenzo Mauella, falecido)	"
Tabelião Braulino de Matos Reis	"
Sr. Nelson Cintra, do Jardim Primavera	"
Câmara de Vereadores de Duque de Caxias	"
Dispensário de Tuberculose, do Posto de Saúde	"
Dr. Adelmo de Mendonça, da Secretaria de Saúde e de Assistência	28
Dr. José Américo, da Campanha Nacional de Tuberculose	"
«Luta Democrática»	"
Prefeito Braulino de Matos Reis	"
Vila São Luiz	"
Parque Lafaiete	"
Centenário.	"

CAPÍTULO IV pág. 29

NEM DA MÃE DELE

«Fiô»	29
«Flor de Caxias»	"
Rua Nunes Alves	"
«Cabaret de Bandidos»	"
Av. Plínio Casado	"
Estação Ferroviária	"
Professor Serra Cardoso, agenciador do Ministério do Trabalho	"
Francisco Gonçalves de Moura, candidato a vereador	"
Praça Duque de Caxias	"
Praça do Pacificador	30
Estrada Rio-Petrópolis	"
311: Delegacia de Polícia de Duque de Caxias	"
Penitenciária de Niterói	31
Asclepiades Barbosa de Sousa, repórter	"
«Luta Democrática»	"
Luiz da Mota Sobrinho, investigador	"
Santos Lemos, reporter	"
Mery, carcereiro	"

CAPÍTULO V pág. 33

SIMBIOSE DE EXPERIÊNCIAS

O xadrez da Delegacia de Duque de Caxias	33
Santos Lemos, o misantropo	"
A Cisterna da Morte	"
O Canal do Mangue	"
Estrada Rio-Petrópolis	"
Delegacia de Duque de Caxias, o 311	"

Mery, o carcereiro, «O Homem de Passárgada»	pág.	34
Asclepiades Barbosa de Sousa	"	"
Comissário Rafael Thomaz Fernandes	"	35

CAPITULO VI pág. 37

OS «PIRADOS DO PENSANTE»

Sr. Mário Pina Cabral	pág.	37
Atentativa de suicídio do Fuzileiro Naval Severino Travasso Silva	"	"
Hospital Getúlio Vargas	"	38
Sr. Venâncio	"	"
Ivo	"	"
As irmãs Maria e Iva (Rua Mariz e Barros, 470, apto. 202, GB)	"	"
Rua Laurinda Rabelo, 946	"	"
Colônia Juliano Moreira	"	"
«Luta Democrática», de 7-11-1954	"	"
O Suicídio da débil mental	"	"
Serra de Petrópolis	"	"
Posto da S.A.M.D.U. de Caxias	"	"
Maria Peçanha Areias	"	"
Investigador Luís da Mota Sobrinho	"	"
Onildo Geraldo e Wilson, filhos do suicida	"	"
«Luta Democrática», de 11-8-1955	"	"

CAPITULO VII

CANDOBLÉS MALDITOS

Os terreiros de macumba de Caxias	pág.	39
«Luta Democrática», 24-11-1955	"	"
O suicídio de João Antônio do Nascimento	"	"
Loteamento da Proter, na Fábrica Nacional de Motores	"	"
Subdelegacia da F.N.M.	"	"
Perito Berilo	"	"

CAPITULO VIII pág. 41

NAS ESCURAS ÁGUAS DOS RIOS

As praias de Caxias	pág.	41
Bairro caxiense de Chacrinha	"	"
Rua Vicente de Avelar	"	"
Os afogados	"	"
O Saneamento da Baixada Fluminense	"	"
A Nova e a Velha Rio-Petrópolis	"	"
Estrada Presidente Kennedy	"	"
Estrada Washington Luís	"	"

J. Bráulio, jornalista	42
«A Verdade»	''
Prefeitura Municipal de Caxias	''
Praia de Ramos, na G.B.	''
1964	''
Sr. Geraldo Lopes, candidato a prefeito	''
A iniciativa Particular	''
O Rio Sarapuy	''
O Afogamento do austríaco Walter Rol Banck	''
Rua Voluntários da Pátria, 470, Caxias	''
Rio Gramacho	''
Ernani Martins dos Santos, auxiliar de médico legista	''
Rio Saracuruna	''
O Afogamento do Pedreiro Francisco Teófilo Bispo	''
Imbariê, 3.º Distrito de Caxias	''
Oscar Pinheiro da Silva, auxiliar de polícia	''
Localidade de Santa Cruz	''
Sr. Afonso Barros, subdelegado de Imbariê	''
Bairro da Paulicéia	43
Hotel Astória	''
Imprensa Carioca	''
A Eliminação dos Marginais pela Polícia	''
Municípios Fluminenses de Nova Iguaçu e Itaguaí	''
Governo de Carlos Lacerda	''
Estrada Rio-Teresópolis	''
Rio Capivari	''
Praia de Mauá, em Magé	''
Vereador Armando de Belo França	''
A morte do Pistoleiro Severino Vicente Cabral	''
A morte do Deputado José da Costa França	''
O Tiroteio entre Armando e a Polícia	''

## CAPÍTULO IX

pág 45

### NEM ELES MESMO SABIAM

O surto de suicídios em Caxias	45
O suicídio de Dagmar Nogueira da Silva (Rua Circular, 88 Caxias)	''
Necrotério de Caxias	''
Irmãos Juarez e Newley Lopes Martins	''
A morte do subdelegado Manuel Martins	''
Eliezer, funcionário da Prefeitura	''
Governador Roberto Silveira	''
O Suicídio de Newton Corrêa (Rua Chaco, 62)	pág. 46
Av. Plínio Casado, 157-A	''
«Luta Democrática», de 30-10-1954	''
Posto da S.A.M.D.U. de Caxias	''
Diva, secretária de Prefeito Joaquim Tenório	''

Rua Coronel Joaquim Silva, s.n.	46
Doméstica Guiomar de Sousa Pinto	"
O suicídio da inquilina	"
Lizete, a senhoria	pág. 47
«Luta Democrática» de 23-11-1955	"
O Enforcamento de Antônio Alves Filho (Rua Ana Porto, s/n)	"
D. Sebastiana Alves Constância	"
A Reportagem Policial	"
«O Radical»	"
«Luta Democrática»	"
«O Dia»	"
«Diário da Noite»	"
«A Notícia»	"
Os suicídios em 54 e 55	"
«O Dia», de 20-3-1954	"
O Suicídio do Operário Nilton Cotrim de Moura	"
Investigador Luís Soares	48
O Suicídio do Operário Manuel Tavares Vilasboas	"
Rua 15 de Novembro, 53 em Caxias	"
Fábrica Nacional de Motores	"

CAPITULO X pág. 49

O DELÍRIO DA VELOCIDADE

A Explosão da Fábrica de Fogos de Gramacho	"
O Cemitério do Corte Oito	"
O Desastre do Ônibus da Rio-Petrópolis	"
Empresa Única de Transportes	"
Sidney Ribeiro Ansel	"
Petrópolis	"
Praça Mauá	"
Fábrica Nacional de Moxores	50
Pronto Socorro de Petrópolis	"
Deputado Cardolino José Abrósio	"
Assembléia Legislativa do Estado do Rio	"
Janira Fernandes	"
Suely Gomes	"
Silvio Bougeth Moinon	"
Hulda Kuhme	"
José Maria Marques	"
Hospital Getúlio Vargas	"
«O Dia», de 27-10-54	"
Delegacia de Polícia de Duque de Caxias	"
Corte Oito, bairro de Duque de Caxias	"
Estrada Rio Petrópolis	"

Mário Cataldo e Celso Cataldo, da Polícia Rodoviária Federal	50
Hélio Cataldo, a vítima fatal	"
Carro chapa «09» ou «69»	"
Carro chapa «77-542»	"
Parada de Lucas, subúrbio carioca	"
Carro chapa 77-809	"
Hélio de Sousa Batalha	"
Aracati de Almeida	"
Astrogildo dos Santos	"
«O Globo», de 10/8/55	"
O Fórum de Duque de Caxias	51
A Promotoria Pública de Duque de Caxias	"
Estado de Minas Gerais	"
Estrada Rio-Petrópolis	"
Canal Merity	"
Mangue de Caxias	"
Motocicleta placa 10-72	"
Carro particular placa 7-8370 R.J.	"
Carro particular placa 4-21-33 D.F.	"
Lourenço Marques dos Anjos (rua Fronteira, s/n, em Caxias)	pág. 51
Valdemiro de Sousa (Rua Engenheiro Alberto Rocha, 253, Irajá)	"
Hospital Getúlio Vargas	"
Posto da SAMDU de Duque de Caxias	"
«A Notícia», de 9-11-54	"
«Luta Democrática», de 11-11-54	"
Estrada Rio Petrópolis	52
Viação Sarapuy	"
Claudemir Galdino dos Santos (Lote 15, Jardim Venesa, Caxias)	"
Café Santos Dumont	"
Camioneta placa 3-04-02 R.J.	"
Camioneta placa 7-15-13 D.F.	"
Corte Sete, bairro de Duque de Caxias	"
Nilson Martins Caldara (Juiz de Fora, M.G.)	"
Henrique Fernando Kaipe (Travessa Augusto Fragoso, 373, Petrópolis)	"
Noely Vilas Duarte (Rua Fagundes, 136)	"
Posto da SAMDU de Caxias	"
Basílio Moacir da Silva (Rua Isídia, s/n)	"
Delegacia de Polícia de Duque de Caxias, o 311	"
Mário Pontes, investigador, hoje Detetive	"
Cataldo, parente de elementos da Polícia Rodoviária	53
«Duque de Caxias Auto Ônibus»	"
A Cidade de Duque de Caxias	"
Capital Federal	"
Praça Mauá, no Rio de Janeiro	"
Serviços de Trânsito do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias	54
«Duque de Caxias Auto Ônibus»	"
Guarda Municipal de Duque de Caxias	"

## CAPITULO XI

pág. 55

## AS CANCELAS FATAIS

A Morte do Desconhecido	..
Trem de passageiros prefixo P-3	..
Barão de Mauá, G.B.	..
Maquinista Ezequiel de Maio (Rua Alice, 84, Penha, G.B.)	..
Necrotério de Duque de Caxias	..
As Passagens de Nível em Caxias	..
As Passagens de Nível nos Subúrbios Leopoldinenses	..
«O Dia» de 17-5-1955	..
Companhia Imobiliária 25 de Agosto	pág. ..
Prefeitura Municipal de Duque de Caxias	..
A Morte de Arnaldo Silva (Rua Dr. Alberto de Melo, 462, Caxias)	..
Bairro caxiense de Centenário	..
Delegacia Policial de Duque de Caxias	..
Investigador Clóvis Pereira da Silva	..

## CAPITULO XII

pág. 57

## BACO NASCEU EM CAXIAS

Baco, deus da bebida, na mitologia grega	..
O alcoolismo em Caxias	..
A Morte do «Onça de Olaria»	58
Imbariê, 3.º Distrito de Caxias	..
Antônio Lourenço (Rua Izabel, sem número), o «Onça de Olaria»	..
Necrotério de Duque de Caxias	..
«Luta Democrática», de 14-9-1955	..
João «Doceiro»	..
Tupinambá de Castro	..
O Fatal Atropelamento de «Camarão»	..
João Maciel de Moraes (Av. Duque de Caxias, 104, fundos)	..
Av. Duque de Caxias, 80	..
Hamilton Diniz da Cruz (Av. Duque de Caxias, 84)	..
Auxiliar de polícia Armando de Belo França	..

## CAPITULO XIII

pág. 59

## O CISTERNA DA MORTE

A falta d'água em Caxias	59
A falsificação da Mineral	..
A desonesta fonte de renda	..
Os guardas municipais de Caxias	..

A Cisterna da Morte	60
Os poços abertos nos quintais	"
Os «alcaguetes» de Caxias	"
Os negros espancados até a morte	"
Governo de Roberto Silveira	"
A morte do menor Jorge Antônio	"
Catarina Rodrigues dos Santos (Rua José de Avelar, s.n.)	"
Investigador Francisco Nascimento (auxiliar de polícia)	"
«Luta Democrática», de 11-5-1955	"
O suicídio de Nazareno	"
Imbariê, 3.º Distrito de Caxias	"
Perito Barros	"
Raiz da Serra	"

#### CAPITULO XIV

pág. 63

#### O CANAL DA MORTE

«Sangue no 311», primeiro livro da série «Crime que abalaram Caxias», do mesmo autor.	"
Canal Meriti	"
Os crimes praticados pela polícia de Duque de Caxias	"
Fronteira de Duque de Caxias com a então Capital da República	"
Os «pingentes» da Leopoldina	"
A morte de um homem não identificado	"
Estação Ferroviária Barão de Mauá. (G.B.)	"
Estação Ferroviária de Vigário Geral (G.B.)	"
Investigador Hamilton Santos	"
Praia de Ramos, no Rio	64
Ilha do Governador, na G.B.	"
Praia de Mauá, em Magé	"
O afogamento do operário Jorge da Silva	"
Rua Flávia, 318, em Caxias	"
«Diária de Notícias», de 7 de janeiro de 1966	"
Baixada Fluminense, seus problemas	"
Estrada Rio-Petrópolis	"
Cidade de Petrópolis	"

#### CAPITULO XV

pág. 67

#### OS HOMENS TERRIVELMENTE BRANCOS

A Contravenção em Duque de Caxias	"
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sobará»	"
A Estrada Rio Petrópolis	"
João da Silva, o «João Bicheiro»	"



Casa Lotérica «Três Batutas»	67
José Travassos, o «Russo Leão»	"
Lamounier Gomes, o «Lamour»	"
Vila São Luiz, bairro de Duque de Caxias	"
Waldemiro Zotolo, o «Bia»	"
«Cocute»	"
«Banda»	"
Dr. Abdala Abrahão, nome fictício de um Delegado real	"
«O Caçula de Caxias», ponto de jogo de bicho	"
Delegado Sérgio Rodrigues, hoje no Detran	"
Arlete Medeiros e seu filho Wallace	"
José Francisco da Silva, o «Gordo»	"
Armando de Belo França, hoje comerciante na zona da Leopoldina	"
Alvaro Saraiva, depois Presidente da Câmara de Vereadores	"
Rua Coronel Manuel Teles, perto do Mangue de Caxias	"
Cinelândia e Zona Sul, do Rio de Janeiro	"
Cassinos Atlântico e Icarai	"
Deputado Federal Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque	"
Turma do Esculacho, a «Juventude transviada»	"
O Mangue de Caxias	"

CAPÍTULO XVI pág. 73

LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO

João da Silva, o «João Bicheiro»	"
Nandir Cassar, o «Turco»	"
Av. Nilo Peçanha	"
Câmara de Vereadores de Duque de Caxias	"
Vila São Luiz	"
«Cocute»	"
«Banda»	"
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	"
Lamounier Gomes, o «Lamour»	"
«Sabão»	"
«Charuto»	"
O Cassino da Vila São Luis	"
«Mangueira»	"
«Ceará», olheiro do Cassino,	"
Gafieira da Av. Brigadeiro Lima e Silva	"
Rua Marechal Floriano, no bairro 25 de Agosto	"
Rubens do Parque	"
José Stefânio	"
O Suicídio de Pedro Gomes da Silva	"
Manoel Machado	"
Francisco Borges	"
Rua Pernambuco	"
«O Dia»	"

## CAPÍTULO XVII

pág. 75

## SÓ LADRÃO DE PÉ NO CHÃO

João da Silva, o «Rei dos Bicheiro»	..
Vila São Luiz	..
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	..
Lamounier Gomes, o «Lamour»	..

## CAPÍTULO XVIII

pág. 77

## OS NEGROS EM FÚRIA

Estrada Rio Petrópolis	..
Martins, da Churrascaria, hoje organiza banquetes	..
Pensão da D. Olinda Macedo	..
«Rendez-Vouz» da Ruth	..
«Rendez-Vouz» da Wanda	..
«Rendez-Vouz» da Laura Peon	..
União Cultural Brasileira dos Homens de Cor	..
Rua Chaco, hoje Correa Meyer	..
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	..
Tinguá	78
Parada Angélica	..
Tenente Ambrosino Almeida Nascimento	..
Dr. João Alvarenga de Oliveira	..
Dr. José Rogério dos Santos	..
Professor Theodorico dos Santos Araújo	..
Edson Carlos Rodrigues	..
Aristides de Carvalho Chaves	..
Professor Manuel Floriano dos Santos	..
João Virgínio de Oliveira	..
José Mendes	..
Dr. Walter Joaquim da Rocha	..
A Discriminação Racial	pág. 79
A Prostituição em Caxias	..
O Cangaço em Caxias	..
Deputado Tenório Cavalcanti	..
O Canal Merity	..
«Banda»	..
Dr. João da Luz	..
Dr. Cid Beltrão de Faria	..
Dr. Antônio do Vale	..
Av. Nilo Peçanha	..
Lamounier Gomes, o «Lamour»	..

## FÚRIA DE TENÓRIO CAVALCANTI

Santa Cruz, bairro de Imbariê	"
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	"
«Charuto»	"
Ataide	"
Mário «Peixeiro»	82
Dr. Amyl Rechaid, Delegado de Caxias	"
Deputado Tenório Cavalcanti	"
«Luta Democrática»	"
João «Boca Negra»	"
Maracanã	"
Pauliceia, bairro de Caxias	"
«Joãozinho da Goméia»	"
Dr. Laureano, bairro de Caxias	"
Ciro, soldado P.M.	"
Francisco Sabino, pistoleiro profissional	83
Dr. Abdala Abrahão, nome fictício de um delegado real	"
Dr. Juiz Hélio Albernaz Alves	"
«Sabão»	84
Francisco Santos, hoje cineasta	"
Manuel Tenório, hoje investigador da R.F.F.S.A.	"
Mamede, Polícia Rodoviária Federal	"
Felra de Santana, na Bahia	"

## CAPITULO XX

pág. 85

## MORREU, ENTERROU, ACABOU...

Os homicídios de Caxias	pág 85
Os crimes políticos	"
A Grita da Imprensa	"
Os investigadores de Caxias	"
O Comissário e o Delegado de Caxias	"
Av. Rio-Petrópolis	"
Av. Plínio Casado	"
A morte do marginal no interior do bar	"
311: Delegacia de Caxias	"
O caso do casal de mendigos	"
O caso de Piranema	"
A intervenção de políticos na polícia	"
A corrupção na Polícia	"
Hospital Rocha Faria, na G.B.	"
O lavrador Raymundo Francisco da Guia	86
«A Notícia», de 22-2-1954	"
Itaguaí, município fluminense	87

Bairro do Centenário	pág. 87
O latrocínio de Chica Tomé	"
D. Francisca Cândida Tomé de Menezes	"
Rua Francisca Tomé	"
A empregada doméstica de D. Chica Tomé	"
O amante da empregada	"
O carteiro, procurador da vítima	"
Dr. Ferreira da Luz, advogado	"
Tenente Abílio Vieira, Delegado de Caxias	"
Investigador Ernani Vieira, o «Engolhe Garfo»	"
Dr. Horta Barbosa, defensor público	"
Dr. Afonso Elvas Cordeiro	"
O homicídio do investigador em Niterói	"
«O Mundo»	"
«O Dia»	"
«Crimes que abalaram Caxias», do mesmo autor	"
«O latrocínio de Chica Tomé»	"
A morte de Heráclito	"
Heráclito Fideliz dos Santos	"
Deputado Tenório Cavalcanti	"
«Luta Democrática»	"
Imbariê, 3.º Distrito de Duque de Caxias	88
As questões de terras em Caxias	"
A «Fortaleza» do «Homem da Capa Preta»	"
O Homem da Pilastra	"
«Os Mistérios da Baixada»	"

#### CAPITULO XXI

pág.89

#### PROCURANDO «BANDA» PARA DAS BANDAS

Bairro da Paulicéia	"
Estrada Rio-Petrópolis	90
Canal Meriti	"
A Cisterna da Morte	"
A Delegacia de Caxias, o 311	"
«Banda»	"
Delegado Imparato	"
Delegado Wilson Frederici	"
Mário «Curriola»	"
Ataide	"
«Sabão»	"
A Copa do Mundo	"
Pensão de D. Olinda Macedo	"
Churrascaria Vitória, do Martins	"
Vereador Antônio Carlos de Sá Rego	"
José Vieira, o «Pernambuco»	"
Prefeito Braulino de Matos Reis	"

Partido Trabalhista Brasileiro	90
Coronel Barcelos Feio	"
Amaro Rocha, hoje investigador	91
Partido Republicano	"
Waldir de Souza Medeiros, hoje deputado	"
Investigador Luiz Soares, o Luiz «Biscoitão»	"
A guarda Municipal de Duque de Caxias	"
Tenório Cavalcanti	"
Niterói	"
Dr. Amyl Ney Rechaid	"
Nova Iguaçu	"
Pedro Tenório	92
Cícero Tenório	"
Estado de Pernambuco	"
Wilson	"
«Naval»	"
As mortes de Imparato e de «Bereco», tentativa contra «Ruído»	"
O julgamento de Pedro e de Cícero Tenório	"
As imunidades parlamentares	"
A corrupção em Caxias	"
As eleições de Caxias	"
João Silva, o «João Bicheiro»	"
«Alagoano»	"
Álvaro Saraiva	"
Nadim Casser	"
A contravenção em Caxias	"
Luiz «Biscoitão»	"
Dr. Amyl Ney Rechaid, hoje Delegado no Rio	"
Dr. Waldir de Sousa Medeiros	"
Prefeito Brulino de Matos Reis	"
Delegado Wilson Frederici, depois Deputado, hoje cassado	"
Investigador Hamilton Santos, falecido	"
«Ceará»	"
Amilcar, P.M.	"
Comissário Rafael Thomaz Fernandes, falecido	"
Investigador José Antelo dos Reis	"
Auxiliar de polícia Francisco do Nascimento	"
A posse de um novo delegado de Caxias	"
O «trottoir» das «mariposas» de Caxias	93
«Blitz» policial	"
Rua das Laranjeiras	"
Av. Rio-Petrópolis	"
Av. Nilo Peçanha	"
Praça Duque de Caxias	"
Praça da Emancipação ou 23 de Outubro	"
Praça do Pacificador	"
Os hotéis de Caxias	"
«Boite El Cubano»	"
Demerval Lages de Barras, o «Birola»	"
Deputado Getúlio Barbosa de Moura	"
O carcereiro Mery	"

## TRÊS TIROS PELAS COSTAS

«Fiô»	95
Santos Lemos, o misantropo	''
As Noites de Duque de Caxias	''
O «Cabaret dos Bandidos»	''
O «Vila Rica»	''
A «Boite Casablanca»	''
Churrascaria Vitória, do Martins	''
A Pensão da Ruth	''
A Pensão da Wanda	''
A Pensão da Olinda Macedo e de seu filho, Nelson	''
A Pensão da Laura Peon, na Estrada Washington Luiz Km 2	''
Deputado Tenório Cavalcanti, hoje advogado e jornalista	''
«Sindicato da Morte»	''
Estado da Bahia	''
Estado de Alagoas	''
Estado de Pernambuco	''
Armando de Belo França, hoje comerciante no Rio	''
Dr. Abdala Abraão	''
Jamil Chedid Antônio, investigador	96
Marta Dublasciveik, a jovem contadora	''
Exú, O Protetor dos Negros	''
Santos Lemos, homem de boa vontade	''
Hospital Getúlio Vargas	''
21.º D.P. do Distrito Federal	''
A Baixada Fluminense	''
Dr. Waldemar da Silva Buinga, o Salvador dos Negros	''
Vasco e Flamengo, times de futebol	98
Santos Lemos repórter	''
«Fiô», traficante de maconha	''
Geralda, prostituta	''

## CAPÍTULO XXIII

## «FAÇA DE SUA VIDA, UMA CANÇÃO DE AMOR»

Dr. João da Luz	pág. 99
Walter, Contador da Prefeitura	''
Francisco Quixaba Sobrinho, funcionário da P.M.D.C.	99
Geraldo Lopes, industrial	''
Waldyr Calazans da Paixão, acadêmico de Direito, falecido	''
Magé, município fluminense	''
«O Tribunal da Morte»	100
311 da Av. Plínio Casado, Delegacia de Polícia de Caxias	''
Armando de Belo França	''

«Fiô»	100
Geralda	"
Zumbi, dos Palmares	"
Antônio Mário dos Santos, escrivão «ad hoc»	101
Pedro Balduino Lacerda, chefe do cartório	"
Santos Lemos, o misantropo	102

#### CAPITULO XXIV

##### NEGRO E BRANCOS IRMANADOS

Asclepiades Barbosa de Souza, o repórter	pág. 103
As Noites de Caxias	"
Boite El Cubano	"
O 311: Delegacia de Polícia de Caxias	"
Armando de Belo França	"
Jamil Chedid Antônio, investigador	"
«Fiô»	104
Geralda	"
Santos Lemos, repórter	"
Deputado Tenório Cavalcanti	"
«Paralelo 38», o Bar Líder	"
João Coelho, investigador	"
Estádio do Maracanã	"
Walcyr, guarda da Leopoldina, falecido	105
Flamengo, time de futebol	"
Ortogamiro Teixeira de Melo, o «Camilo»	"

#### CAPITULO XXV

pág. 107

##### IGNORANCIA DOS BRANCOS

A Jornada da Regeneração	pág. 107
Asclepiades Barbosa de Sousa	"
As Noites de Duque de Caxias	"
«Cabaret dos Bandidos»	"
Itabaiana	"
Odete	"
Dr. Waldemar da Silva Boinga, Médico	"
Hospital Getúlio Vargas	"
Av. Plínio Casado, 311, Duque de Caxias	108
21.º Distrito Policial, da G.B.	"
Emanuel Ascânio de Carvalho	"
Julião Vieira, falecido	"
Agência do Banco do Brasil de Duque de Caxias	109
«Tião Medonho»	"
«Nilo Peru»	"

O Assalto ao Carro-Forte de São Paulo	109
O Assalto ao Trem Pagador	"
Paulo Souto Farias, o «Paulo Embalsamado»	"
Posto da S.A.N.D.U., de Caxias	"
Francisco Nascimento, carcereiro	109
José Fonseca, rábula, falecido	110
Carlos Guimarães	"

CAPITULO XXVI pág. 111

A PORTA DO PASSADO

Emanuel Ascânio de Carvalho	"
Julião Vieira	"
Asclepiades Barbosa de Sousa	"
Paulo Souto, o «Paulo Embalsamado»	"
Armazem dos «primos»	"
311: Delegacia de Polícia de Duque de Caxias	"
Magé	"
Barra Mansa	"
Niterói	"
J. Bráulio	112
«A Verdade»	"
P.N. — «Publicidade & Negócios»	"
Av. Nilo Peçanha, 185, Duque de Caxias	"
Bar Líder	"
Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro	"
Santos Lemos, acadêmico de Direito	"

CAPITULO XXVII pág. 115

ASSIM SE TORNOU O NEGRO «SABARÁ»

Farmácia do Alberto de Sá, o «Betinho»	pág. 115
«Chiquinho», farmacêutico, agora, em Gramacho	"
U.P.C.: União Progressista Caxiense	"
Delegado Amyl Ney Rechaid	"
Armando de Belo França	"
Delegado Rogério Mont Vianna Karp	"
Martiliano Soares Bandeira, gerente do Bar Líder	"
A Feira Livre de Duque de Caxias	116
Av. Presidente Vargas, em Caxias	"
Recife, Capital do Estado de Pernambuco	"
Salvador, Capital do Estado da Bahia	"
Praça Roberto Silveira	"
Praça do Pacificador	"
Agremiação Esportiva Aliança	117
Dr. Santos Lemos, advogado	"



## A GESTÃO DE MONT KARP

Penitenciária de Niterói	pág. 119
As fugas do Presídio Estadual	"
311: Delegacia de Polícia de Duque de Caxias	"
Dr. Amyl Ney Rechaid	"
Dr. Rogério Mont Vianna Karp	"
Milton de Moraes, investigador, hoje Detetive Inspetor	"
São João de Meriti, município fluminense	"
João Coelho, investigador, falecido	"
Serafim Marques, escrivão, depois vereador de Meriti	"
O Bando de «Mineirinho»	"
A Cisterna da Morte	"
O Canal da Morte	"
Os cadáveres ao longo da Rio-Petrópolis	"
Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro	"
O Lenocínio de Duque de Caxias	"
José Messias dos Anjos, o soldado da P.M. fluminense	120
O «Sindicato da Morte»	"
Deputado Tenório Cavalcanti	"
Albino Imparato, Delegado assassinado	"
«Mineiro»	"
«Peinho»	"
Aristaco	"
Malaquias	"
«Cocute»	"
Hotel Maracanã	"
Rodovia Washington Luis	"
«Russo»	"
Manoel Antônio Ribeiro, investigador. Hoje Comissário	"
Dr. Wilson Peçanha Frederici, Delegado, hoje Deputado cassado	"
«Daguia»	"
Mery, «O Homem de Passargada»	"
Bar Líder, o «Paralelo 38»	"

## CAPÍTULO XXIX

## «BANDEIRA», DO BAR LÍDER

Deputado Tenório Cavalcanti e sua «Fortaleza»	pág. 123
Bar Líder, o «Paralelo 38»	"
311: Delegacia de Duque de Caxias	"
Roberto Moreira da Rocha, do Hotel Caxias	124
«Vovô», do Hotel Municipal, falecido	"
Brasília, Capital Federal	"
«Paralelo 38»	"
Santos Lemos, amigo de assaltante regenerado	"

Comissário Salomão Abrahão	125
Martiliano Bandeira, comerciário	125

CAPITULO XXX pág. 127

OFANTASMA DO COMISSÁRIO

Janatas Caldas, escrivão «ad hoc»	..
Waldyr Calazans da Paixão, acadêmico de Direito	..
Santos Lemos, alcoólatra	
Dr. Amyl Ney Rechaid	128
Dr. Rogério Mont Vianna Karp	..
Armando de Belo França	..
O Crime da Bailarina	..
Estrada dos Solimões, em Olavo Bilac	..
Pedro Balduino Lacerda, o escrivão	..
«Catita»	..
Comissário Rafael Thomaz Fernandes	..
«Bagunça»	..
Centenário, bairro caxiense	..
Antônio Mário dos Santos, escrivão «ad hoc»	..
Posto de S.A.M.D.U.	..
Casa de Saúde Santo Antônio	128
Cemitério de Irajá	..
Martiniano Bandeira, gerente do Bar Líder	..
Orthogamiro Teixeira de Melo, o alfaiate Camilo	..
Asclepiades Barbosa de Sousa	..
«Luta Democrática»	..
Manoel Batista da Silva, o «Esquerdinha»	130
Samuel Corrêa	131
Almirante	..
Rádio Tupi	..
«Incrível, Fantástico, Extraordinário»	..

CAPITULO XXXI pág. 133

AMANTES ATÉ O FIM

Roberto Medrado Pascoal	133
Delegacia de Duque de Caxias	..
Secção de Roubos e Furtos da Delegacia de Caxias	..
Waldyr Calazans da Paixão, escrivão «ad hoc»	134
Av. Plínio Casado	..
Cemitério de Caxias	..
Av. Rio-Petrópolis	..
Dia 25 de Agosto	135
Comissário Salomão Abrahão	..
Associação da Guarda Noturna de Duque de Caxias	..

Armazem dos «Primos»	136
«Fiô»	"
Geralda	"
Dr. Amyl Ney Rechaid	137
Vereador Armando de Belo França	"
«Luta Democrática»	"
Asclepiades Barbosa de Sousa, o «Fuxico»	"
«O Dia»	"
«A Notícia»	"
«O Globo»	"
«Correio da Manhã»	"
Tenório Cavalcanti	"
Aroldo Bonifácio	138
Delegacia de Nova Iguaçu	"
Rio Guandu	"

CAPITULO XXXII pág. 139

O ESGAR DA MORTE

Av. Plínio Casado 311, Delegacia de Caxias	"
Bar Lider	"
Fábrica Nacional de Motores	"
Dr. José Peixoto Filho. Deputado Federal hoje	"
Estrada Rio-Petrópolis	"
Deputado Tenório Cavalcanti	140
A Cidade Aberta: Duque de Caxias	"
D. Justa: Polícia	"
«O Tribunal da Morte» hoje em dia «Mão Branca»	"
Av. Plínio Casado, 311: Delegacia de Polícia de Caxias	"
Exú. entidade umbandista	"
Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro	141
Santos Lemos, o reporter	"
A Independência e a Coragem da Imprensa	"
A Filosofia de Vida de Um Investigador de Polícia de Caxias	"
A Corrupção na Polícia da época	"
Estrada do Contorno	"
A Odisséia de Um Flagelado do Nordeste	"
Fábrica Nacional de Motores	"
Dr. José Peixoto Filho, advogado	142
«Luta Democrática»	"
Padre Cicero, lider espiritual do Nordeste, o «Padim Ciço»	"
Armando Belo França, hoje respeitável comerciante no Rio	"
Luiz da Mota Sobrinho, aposentado da S.S.P.	"
Paulo Souto Faria, o «Paulo Embalsamado», hoje Detetive	"
Dr. Amyl Ney Rechaid, hoje Delegado no Rio de Janeiro	144
«Luta Democrática»	"
A Eliminação de Um Marginal na Baixada Fluminense	"

Estrada do Contorno	144
Petrópolis	"
Estação Ferroviária da Leopoldina	"
Praça do Pacificador	"
O amanhecer em Duque de Caxias	"
Boite El Cubano	"
Bar Líder	"
Antônio, proprietário de um bar, também ao lado do «311»	"
Santos Lemos, o reporter	"
Janathas Caldas, hoje trabalhando num escritório de advogados	"
Waldir Calazans da Paixão, atropelado e morto no «Dia de Tiradentes»	"
Ismael Rodrigues da Silva, o «Sabará»	145
Silnei Canuto Lemos, falecido, filho do Autor	"
Cinéia Canuto Lemos, professora, esposa do Autor	"
O Homicídio da Estrada do Contorno	"
Silvério, comerciante da atual rua Tenente José Dias	"
«Ping Pong da Morte», chiclete de bola	"
D. Eleodices dos Santos Lemos, mãe do Autor	"
O Drama de Uma Consciência	146

... E a lista dos «amigos certos» das «horas incertas» aumenta, enquanto que a outra, a dos «amigos incertos» das «horas certas» diminui:

Dr. Antônio Barros Neto, ex-Prefeito de Mangaratiba  
Dr. Adauto dos Santos, Advogado.  
Anderson Canuto & Irmãos, Comerciantes  
Dr. Elias Lazaroni, Diretor da Secretaria da Câmara de Vereadores  
Getúlio Gonçalves da Silva, Presidente da Associação Com. e Ind. de Caxias  
Dr. Gilberto de Oliveira, advogado  
Dr. Hugo Cavalcanti, Delegado de Polícia  
Jovani da Costa Bongosto, comerciante, e família  
Manuel Ximeses, policial  
Maria Angélica da Silva  
Messias Batista de Almeida, funcionário público  
Milton de Almeida, escrevente da Justiça  
Sebastião Queiroz, vice-Prefeito de Mangaratiba  
Dr. Télió Trezzi, advogado  
Verton Canuto, comerciante e família

Utilizando fragmentos da vida turbulenta do famoso bandido, Santos Lemos romanceou tudo, dando uma seqüência razoável a incidentes e acontecimentos que, em última análise, são o pretexto para a apresentação de toda a realidade de uma época... Aliás, por isso mesmo, a obra nos parece bastante prematura, havendo claramente a proposital omissão de certos nomes — nomes com certeza de pessoas ainda vivas. Contudo, o atual livro do delegado-escritor é válido e representa, até certo ponto, uma contribuição substancial à ainda tão pobre bibliografia da cidade de Duque de Caxias, tão cheia de lendas e estórias.

Um outro aspecto de «Negro Sabará» que merece ser levado em conta nestas considerações rápidas é o literário. Inegavelmente é trabalho bem mais elaborado, bem mais amadurecido e, até, bem mais bem escrito que «Sangue no 311». No segundo, ao contrário do primeiro, o autor apresenta imagens melhores construídas, diálogos mais bem estruturados, dissertações mais inteligentes. Há uma sensível intenção literária que, às vezes, chega a emocionar e revela um longo processo de aperfeiçoamento intelectual, onde a clássica mistura do sexo e da violência é bem dosada não chegando a se tornar motivo principal.

Enfim, aí está «Negro Sabará», o novo livro de Santos Lemos. E que sua mensagem seja bem aceita e bem compreendida, pois livro é também, quando bem escrito, arte — e sendo arte expressão, ninguém pode privar o artista de documentar à sua maneira, esse sentimento.

#### **CARLOS RAMOS**

Jornalista e membro da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro

